

O DISCIPULADO VERDADEIRO

WILLIAM MACDONALD

William MacDonald

O DISCIPULADO VERDADEIRO

Traduzido por EMIRSON JUSTINO

mundocristão
São Paulo • Lisboa

Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

Copyright © 2003 por William MacDonald

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI) da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Preparação: Ana Schäffer
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Diagramação: Triall Composição Editorial Ltda
Diagramação para e-book: Equipe MC
Capa: Julio Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

MacDonald, Willian, 1917-2007

O discipulado verdadeiro [livro eletrônico] / Willian MacDonald; traduzido por Emirson Justino. — São Paulo: Mundo Cristão, 2013.
2 Mb ; ePUB

Título original: True Discipleship
Bibliografia.
ISBN 978-85-7325-967-4

1. Conduta de vida 2. Cristianismo 3. Discipulado (Cristianismo) 4. Vida cristã I. Título.

13-10865 CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:
1. Conduta de vida : Prática religiosa : Cristianismo 248.4
Categoria: Igreja

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: novembro de 2013

Sumário

Prefácio
Introdução
O DISCIPULADO VERDADEIRO
1. As condições do discipulado
2. Renunciando a tudo
3. Obstáculos ao discipulado
4. Discípulos são administradores
5. Zelo
6. Fé
7. Oração
8. Batalha
9. Domínio mundial
10. Discipulado e casamento
11. Analisando o custo
12. A sombra do martírio
13. As recompensas do discipulado
ONDE ESTÁ O SEU TESOURO?
14. Onde está o seu tesouro?
15. Diligência nos negócios
16. Ter sem reter
17. Qual é o perigo?
18. O caso dos bens congelados
19. O que a Bíblia diz?
SENHOR, QUEBRANTA-ME!
20. Deus valoriza as coisas quebradas
21. Deus deseja que todos nós sejamos quebrantados
Bibliografia

Prefácio

Este livro é uma tentativa de destacar alguns princípios do discipulado neotestamentário. Muitas pessoas já conhecem esses princípios da Palavra de Deus há anos, mas, por alguma razão, concluíram que eles são muitos radicais e nada práticos para a era tão complicada em que vivemos. Além disso, também estamos cercados pela frieza de nosso ambiente espiritual.

Então, encontramos um grupo de jovens crentes que se propuseram a demonstrar que os termos do discipulado estabelecidos pelo Salvador são não apenas altamente práticos, mas se mostram como os únicos termos capazes de resultar na evangelização do mundo. Reconhecemos nossa gratidão a esses jovens por servirem de exemplos vivos de muitas das verdades enfatizadas aqui. Uma vez que essas verdades ainda estão além de nossa própria experiência pessoal, serão apresentadas como aspirações de nosso coração.

William MacDonald

Introdução

O caminho para o discipulado verdadeiro se inicia quando alguém nasce de novo. Tudo se inicia quando essa pessoa:

- Reconhece que é pecadora, que está perdida, cega e nua diante de Deus.
- Compreende que não pode salvar a si mesma por meio de boas obras ou de um bom caráter.
- Crê que o Senhor Jesus Cristo morreu na cruz em seu lugar.
- Reconhece, por meio de uma clara decisão de fé, que Jesus Cristo é seu único Senhor e Salvador.

É dessa maneira que alguém se torna cristão. É importante que isso seja enfatizado desde o início. Muitas pessoas acham que você se torna cristão ao viver uma vida cristã. De modo algum! Você precisa primeiramente tornar-se cristão para que depois possa viver a vida cristã.

A vida de discipulado apresentada nas páginas a seguir é uma vida sobrenatural. Não temos poder em nós mesmos para vivê-la. Precisamos de poder divino. Somente ao nascer de novo é que recebemos a força necessária para viver da maneira que Jesus ensinou.

Antes de prosseguir na leitura, faça a si mesmo esta pergunta: “Sou nascido de novo? Já me tornei filho de Deus pela fé no Senhor Jesus?”. Se isso ainda não aconteceu, receba-o agora como seu Senhor e Salvador. A seguir, estabeleça o propósito de obedecer a ele em tudo o que ordenou, seja qual for o custo.

O DISCIPULADO VERDADEIRO

1

As condições do discipulado

O cristianismo verdadeiro é uma dedicação total ao Senhor Jesus Cristo.

O Salvador não está procurando homens e mulheres que lhe deem apenas as noites de folga, os fins de semana ou os anos da aposentadoria. Em vez disso, ele busca aqueles que lhe darão o primeiro lugar de sua vida.

> Hoje, assim como sempre fez, ele busca não as multidões vagando sem objetivo pelos caminhos de Deus, mas homens e mulheres individualmente, pessoas cuja lealdade eterna surgiu a partir de seu reconhecimento de que o Senhor deseja aqueles que estão preparados para seguir o caminho da renúncia de si mesmos, uma rota que o próprio Senhor trilhou antes deles.[1]

A resposta adequada ao sacrifício do Senhor no Calvário não pode ser nada menos que rendição incondicional. Amor tão maravilhoso e tão divino jamais se satisfaria com menos do que nossa alma, nossa vida, nosso tudo.

O Senhor Jesus fez severas exigências àqueles que seriam seus discípulos — exigências que são totalmente desprezadas nestes dias de vida voltada ao luxo. É comum vermos o cristianismo simplesmente como uma fuga do inferno e uma garantia de se chegar ao céu. Além disso, sentimos que temos todo o direito de desfrutar do melhor que esta vida tem a oferecer. Estamos cientes da existência daqueles versículos incisivos na Bíblia que falam sobre o discipulado, mas temos dificuldade de conciliá-los com nossas ideias sobre como o cristianismo deveria ser.

Podemos aceitar o fato de que soldados deem sua vida por motivos patrióticos. Não estranhamos que comunistas ou muçulmanos estejam dispostos a morrer por motivos políticos ou religiosos. Mas, por alguma razão, a ideia de que “sangue, suor e lágrimas” devem caracterizar a vida de um seguidor de Cristo parece remota ou difícil de compreender.

Independentemente disso, as palavras do Senhor Jesus são suficientemente claras. Há muito pouco espaço para erros de compreensão se as aceitarmos por seu valor real. Aqui estão as condições do discipulado conforme apresentadas pelo Salvador do mundo.

Um amor supremo por Jesus Cristo

“Se alguém vem a mim e ama o seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs, e até sua própria vida mais do que a mim, não pode ser meu discípulo” (Lc 14:26). Isso não significa que devemos criar animosidade ou agir com má vontade em relação aos nossos parentes, mas de fato significa que nosso amor a Cristo deve ser tão grande a ponto de, ao serem comparados com ele, todos os outros amores seriam como ódio. De fato, a cláusula mais difícil desta passagem é a expressão “e até sua própria vida”. O amor a si mesmo é um dos mais fortes impedimentos ao discipulado. Somente quando estivermos dispostos a abrir mão de nossa própria vida em favor de Jesus é que estaremos numa situação em que ele nos queira.

A negação de si mesmo

“Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz...” (Mt 16:24). Negação de si mesmo não é sinônimo de autonegação. Este último significa abrir mão de determinados alimentos, prazeres ou bens. Mas negar-se a si mesmo significa tão completa submissão ao senhorio de Cristo que o ego não tem nenhum direito ou autoridade. Significa que abdico do trono. Isso vem expresso nas palavras de Henry Martyn: “Senhor, que eu não tenha vontade própria, nem considere minha verdadeira felicidade como algo que dependa, no mínimo grau, de qualquer coisa que me sobrevenha externamente, mas que esteja em completa harmonia com a tua vontade”.

> Meu glorioso vencedor,
> A ti me entrego com amor.
> O meu desejo é todo teu.
> Rendo-me a quem por mim morreu. [2]
>
> H. G. C. Moule

Uma escolha deliberada pela cruz

“Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz...” (Mt 16:24). A cruz não é um tipo de enfermidade física ou alguma angústia mental; essas coisas são comuns a todos os homens. A cruz é um caminho que se escolhe deliberadamente. É, como diz C. A. Coates, “um caminho que, no que tange a este mundo, é de desonra e desprezo”. A cruz simboliza a vergonha, a perseguição e o abuso que o mundo lançará sobre

todo aquele que optar por seguir contra a corrente. Qualquer crente pode evitar a cruz simplesmente conformando-se ao mundo e aos seus modos.

Uma vida gasta em seguir a Cristo

"Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Mt 16:24). Para entender o que isso significa, basta apenas perguntar a si mesmo: "O que caracterizou a vida do Senhor Jesus?". Foi uma vida de obediência à vontade de Deus. Foi uma vida vivida no poder do Espírito Santo. Foi uma vida de serviço altruísta pelos outros. Foi uma vida de paciência e longanimidade diante das piores ofensas. Foi uma vida de zelo, entrega, autocontrole, humildade, bondade, fidelidade e devoção (cf. Gl 5:22-23). Se quisermos ser seus discípulos, precisamos andar como ele andou. Devemos exibir o fruto da semelhança com Cristo (cf. Jo 15:8).

Um amor fervente por todos aqueles que pertencem a Cristo

"Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros" (Jo 13:35). Esse é o amor que estima os outros mais do que a si mesmo. É o amor que cobre uma multidão de pecados. É o amor que é paciente e bondoso. É o amor que não se vangloria nem se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. É o amor que tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (cf. 1Co 13:4-7). Sem esse amor, o discipulado seria um ascetismo frio e legalista.

Uma inabalável firmeza na Palavra de Deus

"Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos" (Jo 8:31). É preciso haver continuidade para que o discipulado verdadeiro aconteça. É muito fácil começar bem, explodindo em glória. Mas o discipulado verdadeiro é a perseverança até o fim. Qualquer um que ponha a mão no arado e olhe para trás não é apto para o Reino de Deus (cf. Lc 9:62). Obediência irregular às Escrituras não funciona. Cristo deseja aqueles que o sigam em obediência constante, sem questionamentos.

> Não permitas que eu volte.
> O cabo do meu arado está molhado de lágrimas;
> As lâminas estão salpicadas de ferrugem e, mesmo assim,
> Meu Deus! Meu Deus! Não me deixes voltar atrás.
>
> Autor desconhecido

Abandonar tudo para segui-lo

“Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo” (Lc 14:33). Talvez esta seja a mais impopular de todas as condições do discipulado de Cristo, e este pode muito bem ser considerado o versículo mais impopular de toda a Bíblia. Teólogos engenhosos podem apresentar milhares de razões que justifiquem que o versículo não diz o que está dizendo, mas os discípulos simples o devoram com ansiedade, presumindo que o Senhor Jesus sabia o que estava dizendo.

O que quer dizer renunciar a tudo? Significa um abandono de todos os bens materiais que não sejam absolutamente essenciais e que, assim, podem ser usadas para o avanço do evangelho. O homem que abandona tudo não se torna um pedinte miserável; ele trabalha duro para prover as necessidades atuais de sua família e de si mesmo. Visto que a paixão de sua vida é o avanço da causa de Cristo, ele investe tudo o que está além de suas necessidades atuais na obra do Senhor e deixa o futuro nas mãos de Deus. Ao buscar primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, ele crê que jamais terá falta de comida e de roupas. Ele não consegue apegar-se conscientemente a recursos excedentes quando almas estão perecendo sem o evangelho. Ele não quer desperdiçar sua vida acumulando riquezas que cairão nas mãos do Diabo quando Cristo voltar para buscar seus santos. Ele quer obedecer à ordem do Senhor quanto a não acumular tesouros na terra. Ao abandonar tudo, ele faz eco a David Livingstone: “É uma pena eu não ter mais para dar”.

Portanto, essas são as sete condições do discipulado cristão. Elas são claras e inequívocas. Este autor percebe que, por meio do ato de declará-las, condena a si mesmo como servo inútil. Mas a verdade de Deus será para sempre suprimida pelas falhas do povo de Deus? Não é verdade que a mensagem é sempre maior que o mensageiro? Não é correto que Deus seja sempre verdadeiro e todo homem mentiroso? Não deveríamos dizer com a antiga sumidade: “Seja feita a tua vontade, apesar da minha própria ruína?”.

Tendo confessado nossos erros passados, que corajosamente encaremos aquilo que Cristo nos declara e busquemos, de agora em diante, ser verdadeiros discípulos do glorioso Senhor.

Mais junto a ti leva-me, ó Deus;
Quero ouvir os conselhos teus.
Preso a ti liberto estou,
Sigo feliz por onde vou.

H. G. C. Moule

2

Renunciando a tudo

> Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo.
>
> Lucas 14:33

Para ser discípulo do Senhor Jesus, é preciso abandonar tudo. Esse é o significado inequívoco das palavras do Salvador. Não importa quanto possamos reclamar de tal exigência “extrema”; não importa quanto possamos nos rebelar contra uma política tão “impossível” e “insensata”; permanece o fato de que essa é a Palavra do Senhor, e ele deseja exatamente o que disse. Primeiramente, devemos encarar algumas verdades poderosas:

- Jesus não exigiu isso apenas de certa classe seleta de trabalhadores cristãos. Ele disse: “qualquer de vocês...”.
- Ele não disse que devemos simplesmente estar dispostos a abandonar tudo. Ele disse: “qualquer de vocês que não renunciar...”.
- Ele não disse que devemos renunciar apenas uma parte de nossa riqueza. Ele disse: “qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui...”.
- Ele não disse que o homem que se apega aos seus tesouros teria diante de si a possibilidade de viver uma forma diluída de discipulado. Jesus disse: “não pode ser meu discípulo”.

De fato, não deveríamos nos surpreender diante dessa exigência absoluta como se essa fosse a única passagem das Escrituras onde ela é feita.

Jesus de fato disse: “Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam” (Mt 6:19-20).

John Wesley disse corretamente: “Acumular tesouros na terra é tão claramente proibido por nosso Mestre como o adultério e o assassinato”.

Jesus também disse: “Vendam o que têm e deem esmolas” (Lc 12:33). Ele instruiu um homem importante com as seguintes palavras: “Venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois venha e siga-me” (Lc 18:22). Se a intenção do Mestre era dar um sentido diferente àquilo que havia falado, então o que ele quis dizer?

Não é verdade que os crentes da igreja primitiva “vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade” (At 2:45)? Isso também não foi verdade para muitos dos santos de Deus, por todos os tempos, durante os quais eles literalmente abandonaram tudo para seguir a Jesus?

Anthony Norris Groves e sua esposa, missionários pioneiros em Bagdá, convenceram-se de que “precisavam parar de acumular tesouros na terra e que deveriam dedicar a totalidade de um salário bastante substancial [...] ao serviço do Senhor”.[1] A convicção do casal Groves sobre esse assunto é apresentada em seu livreto intitulado *Christian Devotedness* [Devoção cristã; veja bibliografia].

C. T. Studd decidiu entregar toda a sua fortuna a Cristo e aceitar a oportunidade de ouro que lhe foi oferecida de fazer o que o jovem rico do relato bíblico deixou de cumprir. Foi simples obediência às declarações explícitas da Palavra de Deus.[2]

Depois de distribuir milhares de dólares para a obra do Senhor, ao se casar, Studd guardou o equivalente a 9.588 dólares para sua esposa. Ela, no entanto, se mostrou tão determinada quanto o marido a obedecer à instrução da Palavra.

— Charlie — perguntou ela — o que o Senhor Jesus pediu que o jovem rico fizesse?

— Que vendesse tudo — respondeu ele.

— Bem, então, vamos começar nosso casamento sem dívidas com o Senhor — respondeu ela. E lá se foi o dinheiro para as missões cristãs.

O mesmo espírito de devoção animou Jim Elliot. Ele escreveu em seu diário:

> Pai, que eu seja fraco para que possa perder todo apego a tudo que seja temporal. Minha vida, minha reputação, meus bens, Senhor, que eu perca a força da mão que a tudo segura. Pai, que eu até mesmo perca o apego às coisas. Por várias vezes, simplesmente abri a mão para reter aquilo que considerava ser um desejo “inofensivo”, um toque carinhoso. Em vez disso, abro minha mão para receber o cravo do Calvário, como a de Cristo se abriu, para que eu, abrindo

> mão de tudo, possa ser liberto, desatado de todos os laços que me prendem agora. Ele pensava no céu como igualdade com Deus, não como uma coisa à qual se devia estar preso. Assim, que eu possa me livrar do meu desejo de reter. [3]

Nosso coração infiel nos diz que é impossível considerar as palavras do Senhor ao pé da letra. Se abandonássemos tudo, morreríamos de fome. Afinal de contas, devemos fazer provisões para nosso próprio futuro e o futuro dos nossos entes queridos. Se todo cristão abandonar tudo, então quem financiaria a obra do Senhor? E, se não houvesse alguns cristãos ricos, de que maneira as pessoas de classe mais elevada seriam alcançadas com o evangelho? Assim continuam os argumentos, numa rápida sucessão — e tudo para provar que o Senhor Jesus não poderia querer dizer literalmente aquilo que disse.

O fato é que a obediência à ordem do Senhor é a vida mais sã e razoável, aquela que provê a maior alegria. O testemunho das Escrituras e da experiência garante que ninguém que vive de maneira sacrificial por Cristo terá qualquer necessidade. Quando um homem obedece a Deus, o Senhor cuida dele.

O homem que abandona tudo para seguir a Cristo não é um mendigo sem recursos que espera ser sustentado por seus amigos cristãos.

Ele é laborioso. Trabalha com diligência para suprir suas necessidades atuais e as de sua família.

Ele é moderado. Vive da maneira mais econômica possível, de modo que tudo o que esteja acima das necessidades imediatas possa ser investido na obra do Senhor.

Ele enxerga adiante. Em vez de acumular tesouros na terra, acumula tesouros no céu.

Ele entrega seu futuro a Deus. Em vez de dar o melhor de sua vida para construir vastas reservas de segurança para os anos da velhice, ele dá seu melhor para o serviço de Cristo e confia que seu futuro está nas mãos do Senhor. Ele crê que, se buscar primeiramente o Reino de Deus e sua justiça, nunca terá falta de alimento e vestuário (Mt 6:33).

Para ele, não é razoável acumular riquezas para os dias difíceis. Sua argumentação segue a linha de pensamento delineada a seguir:

Como podemos conscientemente amontoar fundos extras quando o dinheiro poderia ser usado neste exato momento para a salvação de almas? “Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não

se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?" (1Jo 3:17).

> Mais uma vez, considere o importante mandamento: "Ame cada um o seu próximo como a si mesmo" (Lv 19:18). As pessoas podem dizer, de verdade, que amamos o próximo como a nós mesmos se o deixamos morrer de fome, embora tenhamos o suficiente e ainda mais? Que eu não venha a interpelar qualquer um que, tendo experimentado a alegria de conhecer o indizível dom de Deus, pergunte: "Você trocaria esse conhecimento... por uma centena de mundos?". Que não retenhamos os meios pelos quais outras pessoas possam obter esse conhecimento santificador e essa consolação celestial. [4]

Se realmente crermos que a vinda de Cristo é iminente, desejaremos colocar nosso dinheiro em uso imediatamente. De outro modo, corremos o risco de deixar que caia nas mãos do Diabo o dinheiro que poderia ter sido usado para bênção eterna.

Como podemos conscientemente orar ao Senhor pedindo recursos financeiros para o trabalho cristão ao mesmo tempo que nós mesmos temos dinheiro, mas não estamos dispostos a usá-lo com esse propósito? Abandonar tudo em favor de Cristo nos poupa da hipocrisia na oração.

Como podemos ensinar toda a vontade de Deus aos outros se existem áreas da verdade, como essa, que temos deixado de obedecer? Nossa vida, nesse caso, cerraria nossos lábios.

Homens engenhosos do mundo guardam reservas abundantes para o futuro. Isso não é caminhar por fé, e sim pelo que vemos. O cristão é chamado a viver uma vida de dependência de Deus; se acumular tesouros na terra, de que maneira ele é diferente da presente ordem deste mundo?

É comum ouvir o argumento de que devemos prover as necessidades futuras de nossa família; caso contrário, somos piores que os ímpios. Os dois versículos a seguir são usados para apoiar essa visão:

> Os filhos não devem ajuntar riquezas para os pais, mas os pais para os filhos.
>
> 2Coríntios 12:14

> Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente.
>
> 1Timóteo 5:8

Um estudo cuidadoso desses versículos mostrará que eles tratam das *necessidades atuais*, e não das *contingências futuras*. No primeiro versículo, Paulo faz uso da ironia. Ele é o pai, e os crentes da igreja de Corinto são seus filhos. Ele não foi um peso para eles em termos financeiros, embora tivesse todo o direito de pedir sustento como servo do

Senhor. Além do mais, Paulo era seu pai na fé, e os pais normalmente são os provadores de seus filhos, não o contrário. Não é de modo algum uma questão de os pais fazerem uma poupança para o futuro de seus filhos. A passagem inteira diz respeito ao suprimento das necessidades atuais de Paulo, não de suas possíveis necessidades futuras.

Em 1Timóteo 5:8, o apóstolo discute o cuidado com as viúvas pobres. Insiste que os parentes delas são responsáveis por seu cuidado. Se não houver parentes ou se eles deixarem de cumprir sua responsabilidade, então a igreja local deve cuidar das viúvas cristãs. Aqui, porém, mais uma vez, o assunto são as necessidades atuais, não as futuras.

O ideal de Deus é que os membros do corpo de Cristo cuidem das necessidades imediatas de seus colegas crentes:

> É uma questão de dividir com igualdade. Hoje, a abundância de vocês deve suprir-lhes a necessidade; no futuro, em algum momento, a abundância deles poderá suprir-lhes a necessidade. Dessa forma repartimos uns com os outros, conforme dizem as Escrituras: "O que muito colheu, não teve demais; e o que pouco colheu, não teve falta".
>
> 2Coríntios 8:14-15, CH

Este assunto é tratado mais longamente no capítulo 18 desta obra: "O caso dos bens congelados".

Um cristão que sente que deve poupar para as necessidades futuras enfrenta o difícil problema de saber quanto será suficiente. Portanto, ele passa sua vida inteira em busca de uma fortuna de tamanho indefinido e perde o privilégio de dar seu melhor para o Senhor Jesus Cristo. Ele chega ao fim de uma vida desperdiçada e descobre que todas as suas necessidades teriam sido supridas de qualquer maneira caso simplesmente tivesse vivido de todo o coração para o Salvador.

Se todos os cristãos seguissem as palavras do Senhor Jesus ao pé da letra, não haveria falta de recursos financeiros na obra do Senhor. O evangelho seria levado com poder e volume elevados. Se qualquer discípulo em particular enfrentasse uma necessidade, seria alegria e privilégio dos outros discípulos compartilhar qualquer coisa que pudessem ter.

Sugerir que é necessário haver cristãos ricos para alcançar as pessoas ricas do mundo é algo absurdo. Paulo chegou até a casa de César, muito embora fosse prisioneiro (Fp 4:22). Se obedecermos a Deus, podemos confiar que ele cuidará dos detalhes.

O exemplo do Senhor Jesus deveria ser a palavra final nesse assunto. O servo não está acima de seu Senhor. George Müller acreditava: "Que

tristeza será ver um servo que procura ser rico, grande e honrado neste mundo onde seu Senhor foi pobre, inferior e desprezado". Anthony Norris Groves escreveu:

> Entre os sofrimentos de Cristo, estava a pobreza (2Co 8:9). Naturalmente, a pobreza não exige a presença de trapos e sujeira, mas envolve a falta de reservas e dos meios para ser luxuoso... Andrew Murray destacou que o Senhor e seus apóstolos não poderiam ter realizado a obra que tinham a fazer caso não fossem de fato pobres. Aquele que se propõe a erguer outro deve rebaixar-se, como o samaritano, e a infinita maioria da humanidade sempre foi e será pobre.[5]

As pessoas alegam que existem certos bens materiais que são necessários à vida doméstica. É verdade.

As pessoas alegam que empresários cristãos devem ter certa quantidade de capital para poder tocar seus negócios hoje em dia. É verdade.

As pessoas alegam que existem outros bens materiais, como um carro, que podem ser usados para a glória de Deus. Isso também é verdade.

Contudo, além dessas necessidades legítimas, o cristão deveria viver de maneira frugal e sacrificial para a expansão do evangelho. Seu lema, tal qual o de Anthony Norris Groves, deveria ser "Trabalhe muito, consuma pouco, dê bastante — e tudo para Cristo". [6]

Cada um de nós é responsável diante de Deus quanto ao significado da expressão "abandonar tudo". Um crente não pode estipular isso para outro. Cada pessoa deve agir de acordo com seu relacionamento pessoal com o Senhor. Esse assunto é extremamente particular.

Se, como resultado de tal exercício, o Senhor leva um crente a um grau de devoção até então desconhecido, não há espaço para orgulho pessoal. Quaisquer sacrifícios que façamos não são de modo algum sacrifícios quando vistos sob a luz do Calvário. Além de tudo isso, só é possível dar ao Senhor aquilo que não podemos manter de modo algum e aquilo que deixamos de amar.

3

Obstáculos ao discipulado

Qualquer um que se proponha a seguir a Cristo pode ter certeza de que muitas rotas de fuga surgirão diante dele. Ele receberá inúmeras oportunidades para voltar atrás. Outras vozes chamarão, oferecendo maneiras de se afastar da cruz. Doze legiões de anjos se colocam prontas para livrá-lo do caminho da renúncia e do sacrifício.

Isso é notavelmente ilustrado no relato dos três candidatos a discípulo que permitiram que outras vozes assumissem precedência sobre o chamado de Cristo.

> Quando andavam pelo caminho, um homem lhe disse: "Eu te seguirei por onde quer que fores". Jesus respondeu: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça". A outro disse: "Siga-me". Mas o homem respondeu: "Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai". Jesus lhe disse: "Deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos; você, porém, vá e proclame o Reino de Deus". Ainda outro disse: "Vou seguir-te, Senhor, mas deixa-me primeiro voltar e despedir-me da minha família". Jesus respondeu: "Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus" (Lucas 9:57-62).

Estavam face a face com Jesus Cristo três homens anônimos. Eles sentiam um desejo interior de segui-lo, mas permitiram que alguma outra coisa se colocasse entre a alma de cada um deles e a completa dedicação ao Senhor.

O sr. Rápido Demais

O primeiro homem é chamado de sr. Rápido Demais. Ele se voluntariou animadamente a seguir o Senhor a qualquer lugar. "Eu te seguirei por onde quer que fores." Nenhum custo seria grande demais. Nenhuma cruz seria pesada demais. Nenhum caminho seria difícil demais.

A resposta do Salvador, num primeiro momento, parece não ter qualquer conexão que seja com a oferta tão disposta do sr. Rápido Demais. Jesus disse: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça". O fato é que a resposta

do Senhor foi muito apropriada. É como se ele tivesse dito: “Você diz estar disposto a me seguir a qualquer lugar, mas está disposto a fazê-lo sem os confortos materiais da vida? As raposas possuem mais confortos deste mundo que eu. Os pássaros têm um ninho que podem chamar de seu. Eu, porém, sou um andarilho sem-teto no mundo que minhas mãos criaram. Você está disposto a sacrificar a segurança de um lar para me seguir? Está disposto a abrir mão dos legítimos confortos da vida com o propósito de me servir com devoção?”.

Ao que parece, o homem não estava disposto, uma vez que não ouvimos mais falar dele nas Escrituras. Seu amor pelas conveniências terrenas era maior do que sua dedicação a Cristo.

O sr. Lento Demais

O segundo homem tem sido chamado de sr. Lento Demais. Ele não se voluntariou como o primeiro homem; em vez disso, o Senhor o chamou para ser seu seguidor. A resposta dele não foi uma recusa plena. Não é que ele estivesse completamente desinteressado do Senhor; havia alguma coisa que ele queria fazer primeiro. Esse foi seu grande pecado. Aquele homem colocou suas próprias coisas acima de Cristo. Perceba a resposta que deu: “Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai”. Ora, é perfeitamente legítimo que um filho mostre respeito por seus pais. E, se o pai morreu, certamente está dentro dos limites da fé cristã que ele pudesse dar-lhe um sepultamento decente. Mas as cortesias legítimas da vida tornam-se positivamente pecaminosas quando assumem maior prioridade do que os interesses do Senhor Jesus. A verdadeira ambição da vida daquele homem é exposta por meio de seu pedido claro: “Senhor, deixa-me ir primeiro”. As outras palavras que ele falou foram mera camuflagem para esconder o desejo interior de colocar seu eu em primeiro lugar.

Ao que parece, ele não percebeu que as palavras “Senhor, deixa-me ir primeiro” eram um absurdo moral e uma impossibilidade. Se Cristo é Senhor, então ele deve vir em primeiro lugar. Se o pronome pessoal “eu” está no trono, então Cristo não está mais no controle.

O sr. Lento Demais tinha uma tarefa a realizar e deixou que esse trabalho assumisse o primeiro lugar. Era, portanto, adequado que Jesus lhe dissesse “deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos; você, porém, vá e proclame o Reino de Deus”. Podemos parafrasear suas palavras da seguinte maneira: “Existem certas coisas que aqueles que estão espiritualmente

mortos podem fazer tão bem quanto os crentes. Mas há outras coisas na vida que somente um crente pode fazer. Cuide para não gastar sua vida fazendo aquilo que um homem inconverso também pode fazer. Deixe que os espiritualmente mortos sepultem os fisicamente mortos. Quanto a você, porém, seja indispensável. Que o principal propósito de sua vida seja expandir minha obra na terra".

Parece que o preço foi alto demais para o sr. Lento Demais. Ele sai do palco do tempo rumo a um silêncio anônimo.

Se o primeiro homem ilustrou os confortos materiais como um obstáculo ao discipulado, o segundo pode ter falado de um trabalho ou de uma ocupação que assume precedência sobre a razão principal da existência cristã. Não existe nada de errado no emprego secular; a vontade de Deus é que o homem possa trabalhar com o objetivo de prover as suas necessidades e as de sua família. Mas a vida do discipulado verdadeiro exige que o Reino de Deus e sua justiça sejam buscados em primeiro lugar; que um crente não gaste sua vida fazendo aquilo que um não-regenerado poderia fazer da mesma maneira, senão melhor; e que a função de um trabalho seja meramente prover as necessidades atuais, enquanto a principal vocação do cristão é pregar o Reino de Deus.

O sr. Fácil Demais

O terceiro homem é chamado de sr. Fácil Demais. Ele lembra o primeiro homem na questão de ter-se voluntariado a seguir o Senhor. Mas lembra o segundo pelo fato de ter usado aquelas palavras contraditórias: "Deixa-me primeiro". Ele disse: "Vou seguir-te, Senhor, mas deixa-me primeiro voltar e despedir-me da minha família".

Mais uma vez, devemos admitir que, analisado separadamente, não havia nada fundamentalmente errado nesse pedido. Não é contrário à lei de Deus mostrar interesse amoroso por seus parentes ou observar as regras de etiqueta ao sair. Sendo assim, em que ponto esse homem falhou no teste? Foi neste: ele permitiu que os ternos laços naturais substituíssem o lugar de Cristo.

Desse modo, com profunda perspicácia, o Senhor Jesus disse: "Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus". Em outras palavras, "meus discípulos não são feitos dessa coisa tão egoísta e débil que você mostrou. Quero aqueles que estejam dispostos a renunciar

aos laços familiares, que não serão distraídos por parentes sentimentais, que me colocarão acima de qualquer outra pessoa em sua vida".

Somos forçados a concluir que o sr. Fácil Demais deixou Jesus e seguiu triste pela estrada. Suas aspirações excessivamente confiantes de ser discípulo partiram-se em pedaços debaixo das pedras dos elos familiares e sanguíneos. Talvez tenha sido uma mãe chorosa que suspirou, dizendo: "Você vai partir o coração de sua mãe se for para o campo missionário". Não sabemos. Tudo o que sabemos é que a Bíblia graciosamente se abstém de apresentar o nome desse rapaz de coração mole que, ao voltar atrás, perdeu a maior oportunidade de sua vida e fez jus ao epitáfio "Não apto para o Reino de Deus".

RESUMO

Estes são três dos obstáculos fundamentais ao verdadeiro discipulado, ilustrado por três homens que não estavam dispostos a seguir pelo caminho com o Senhor Jesus Cristo.

- O sr. Rápido Demais: o amor pelos confortos terrenos.
- O sr. Lento Demais: a precedência de um trabalho ou ocupação.
- O sr. Fácil Demais: a prioridade dos ternos laços familiares.

O Senhor Jesus ainda chama, como sempre chamou, homens e mulheres para segui-lo de maneira heróica e sacrificial. As rotas de fuga ainda se apresentam, dizendo com palavras solícitas: "Poupe-se! Afaste-se disso!". Poucos estão dispostos a responder:

> Cristo, a minha cruz eu tomo
> Vou seguir-te em meu viver.
> Este mundo eu abandono
> Para a ti obedecer.
> Todo apego e ambição,
> Tudo o que quis alcançar,
> Hoje entrego em tua mão
> Vou a ti servir e honrar.
>
> Quer o mundo me abandone
> Nada hei de lamentar
> Meu Senhor que me protege
> Nunca vai me abandonar.
> Ver teu rosto alegre, ó Cristo,
> É o desejo do meu ser.
> Mesmo em face do perigo

Teu amor vai me suster.

H. F. Lyte, tradução livre

4

Discípulos são administradores

A parábola do administrador astuto, presente em Lucas 16:1-13, foi dirigida aos discípulos. Nela, o Salvador apresenta quatro princípios que se aplicam aos discípulos de todos os tempos. Afinal de contas, os discípulos de Cristo são essencialmente administradores, a quem é confiado o cuidado da propriedade e dos interesses do Senhor aqui na terra.

A parábola está repleta de dificuldades. Ela parece apoiar a desonestidade e a fraude. Mas, quando é vista sob a luz correta, percebe-se que está carregada de ensino da maior importância.

Em resumo, a história é esta: um rico proprietário de terras contrata um empregado para cuidar de seus negócios. Com o passar do tempo, o patrão descobre que aquele empregado estava desperdiçando seu dinheiro. O patrão ordena imediatamente que seja feita uma auditoria nos livros e, então, informa ao empregado que ele seria demitido do cargo.

O empregado percebe que seu futuro era negro. Ele era velho demais para o pesado trabalho físico e tinha vergonha de mendigar. Assim, elaborou um esquema que lhe garantiria amizades para os dias futuros. Foi até um dos devedores do seu patrão e perguntou:

— Quanto você deve ao meu patrão?

— Cem potes de azeite — respondeu o devedor.

— Bem — disse o administrador — pague metade disso e vamos considerar que a dívida está quitada.

Foi até outro dos devedores de seu patrão e perguntou:

— Quanto você deve?

O credor respondeu:

— Cem tonéis de trigo.

— Entendo — respondeu o administrador. — Se você me pagar 80, consideraremos a dívida paga.

Ainda mais chocante que a ação do empregado desonesto é o comentário que se segue: “O senhor elogiou o administrador desonesto, porque agiu

astutamente. Pois os filhos deste mundo são mais astutos no trato entre si do que os filhos da luz” (Lc 16:8).

Como devemos entender essa aparente aprovação das práticas comerciais desonestas? Uma coisa é certa. Nem o patrão daquele homem nem o nosso Senhor recomendam tal desonestidade. Foi exatamente isso que, em primeiro lugar, provocou sua demissão. Uma pessoa justa nunca poderia aprovar tal trapaça e infidelidade. Independentemente de qual seja o ensinamento dessa parábola, ela não sugere que a fraude possa ser justificável.

Existe apenas uma coisa pela qual o administrador astuto poderia ser elogiado, a saber, o fato de que planejou o futuro. Ele deu passos para garantir que ainda teria amigos depois de deixar aquele emprego. Ele agiu pensando no “amanhã” em vez de no “hoje”.

Esse é o ponto principal da parábola. As pessoas do mundo esforçam-se para se precaver para os dias futuros. O único futuro com o qual estão preocupadas é sua velhice, seus anos de aposentadoria. Assim, trabalham diligentemente para garantir que estarão confortavelmente estabelecidas quando não forem mais capazes de exercer uma atividade que lhes garanta o sustento. Nada é desprezado em sua busca por segurança social.

Nesse aspecto, o não-salvo é mais sábio que o cristão. Contudo, para entendermos a razão disso, devemos perceber que o futuro do cristão não é nesta terra, mas no céu. Este é um ponto crucial. O futuro de um não-crente significa o momento entre o agora e a sepultura. O futuro de um filho de Deus significa a eternidade com Cristo.

A parábola ensina, portanto, que muitos não-regenerados são mais sábios e agressivos na preparação de seu futuro na terra do que muitos crentes o são quanto a seu futuro no céu.

Diante desse pano de fundo, o Senhor Jesus apresenta a aplicação prática da lição: “Por isso, eu lhes digo: Usem a riqueza deste mundo ímpio para ganhar amigos, de forma que, quando ela acabar, estes os recebam nas moradas eternas” (Lc 16:9).

A riqueza deste mundo é o dinheiro ou qualquer outro bem material. Podemos usar essas coisas para ganhar almas para Cristo. As pessoas ganhas por meio do uso fiel do dinheiro são chamadas aqui de “amigos”. Chegará o dia quando tudo acabará (quer morramos, quer sejamos levados para o céu por Cristo no arrebatamento). Os amigos ganhos por meio do uso

sábio de nossos bens materiais formarão uma comissão de boas-vindas para nos receber nas moradas eternas.

É dessa maneira que os administradores sábios planejam o futuro — não gastando sua breve vida numa busca vã pela segurança na terra, mas no esforço apaixonado para ser cercado no céu por amigos que foram ganhos para Cristo por meio do dinheiro que possuíam. O dinheiro que foi convertido em Bíblias, Novos Testamentos, porções das Escrituras, folhetos e outros tipos de literatura cristã. O dinheiro que foi usado para apoiar missionários e outros obreiros cristãos. O dinheiro que ajudou a financiar programas de rádio e outras atividades cristãs dignas. Em resumo, o dinheiro que foi usado para a disseminação do evangelho de toda e qualquer maneira. “A única maneira de acumular tesouros no céu é colocá-los em algo que vai para o céu”.

Quando um cristão entende que esses bens materiais podem ser usados para a salvação de almas preciosas, ele perde seu amor pelas “coisas”. Luxo, riqueza e esplendor material tornam-se amargos em seu estômago. Ele deseja ver a riqueza do mundo convertida, pela alquimia divina, em adoradores do Cordeiro por todo o sempre. Ele é cativado pela possibilidade de fazer uma obra em vidas humanas que traga glória eterna a Deus e bênção eterna para as próprias pessoas. Ele sente um pouco da sede de Samuel Rutherford, pregador escocês do século XVII que atuou na cidade de Anwo’th:

> Oh, se uma alma de Anwo’th
> Estiver comigo à mão direita de Deus,
> Meu céu será dobrado
> Na terra de Emanuel.
>
> Anne Ross Cousin

Para ele, todos os diamantes, rubis e pérolas, todos os depósitos bancários, todos os seguros de vida, todas as mansões, os barcos de veraneio e os magníficos carros nada mais são do que riquezas do mundo ímpio. Se usados para si mesmo, eles perecem com o uso, mas, se forem usados para Cristo, colhem dividendos para toda a eternidade.

A maneira de lidarmos com as coisas materiais, a extensão à qual nos apegamos a elas, é um teste de nosso caráter. O Senhor enfatiza isso no versículo 10: “Quem é fiel nas coisas pequenas também será nas grandes; e quem é desonesto nas coisas pequenas também será nas grandes” (TLH).

Aqui, o assunto é a boa administração das coisas materiais. Os fiéis são os que usam essas coisas para a glória de Deus e bênção de seus colegas. Os desonestos são aqueles que usam seus bens para conforto, uma vida de luxo e contentamento egoísta. Se um homem não pode ser considerado fiel num assunto pequeno (as coisas materiais), como pode ser considerado fiel numa coisa grande (a administração das coisas espirituais)? Se um homem é desonesto com as riquezas deste mundo, como pode se esperar que ele seja fiel como ministro de Cristo e como encarregado dos mistérios de Deus (1Co 4:1)?

Desse modo, o Salvador aprofunda o argumento um pouco mais: “Assim, se vocês não forem dignos de confiança em lidar com as riquezas deste mundo ímpio, quem lhes confiará as verdadeiras riquezas?” (Lc 16:11). Tesouros terrenos não são riquezas verdadeiras; o valor deles é finito e temporal. Os tesouros espirituais são riquezas verdadeiras; seu valor não pode ser medido e jamais acabará. A não ser que seja confiável ao lidar com as coisas materiais, o homem não pode esperar que Deus lhe confie prosperidade espiritual nesta vida ou tesouros no céu.

Mais uma vez, o Senhor estende a argumentação, dizendo: “E se vocês não forem dignos de confiança em relação ao que é dos outros, quem lhes dará o que é de vocês?” (Lc 16:12). As coisas materiais não são de fato nossas; elas pertencem a Deus. Tudo o que possuímos é o encargo sagrado de sermos administradores de Deus. As únicas coisas que podem ser chamadas de nossas são os frutos do nosso estudo e serviço diligentes aqui e as recompensas da administração fiel lá. Se não nos tivermos mostrado fiéis no trato da propriedade de Deus, não poderemos esperar entrar nas profundas verdades da Palavra de Deus nesta vida, nem seremos recompensados na vindoura.

Com grande ênfase, o Senhor então resumiu o ensinamento de toda a parábola, dizendo: “Nenhum servo pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará outro, ou se dedicará a um e desprezará outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro” (Lc 16:13).

Não pode haver fidelidade dividida. Um discípulo não pode viver para dois mundos. O administrador só pode amar a Deus ou as riquezas. Se amar as riquezas, odiará a Deus.

Lembre-se: isso foi escrito para os discípulos, não para os incrédulos.

5

Zelo

Um discípulo pode ser perdoado por não ter grande habilidade mental. Ele também pode ser perdoado por não mostrar enorme pujança física. Mas nenhum discípulo tem desculpa se não tiver zelo. Se seu coração não estiver inflamado de paixão pelo Salvador, ele condena a si mesmo.

Afinal de contas, os cristãos são seguidores daquele que disse “o zelo pela tua casa me consumirá” (Jo 2:17). Seu Salvador foi consumido por uma paixão por Deus e por seus interesses. Não há espaço em seu exército para seguidores irresolutos.

O Senhor Jesus viveu num estado de tensão espiritual. Isso é indicado por suas próprias palavras: “Tenho que passar por um batismo, e como estou angustiado até que ele se realize!”(Lc 12:50). E mais uma vez, por meio de seu memorável pronunciamento: “Enquanto é dia, precisamos realizar a obra daquele que me enviou. A noite se aproxima, quando ninguém pode trabalhar” (Jo 9:4).

O zelo de João Batista foi atestado pelo Senhor quando disse que “João era uma candeia que queimava e irradiava luz” (Jo 5:35).

O apóstolo Paulo era zelote. Um autor desconhecido tentou captar o fervor de sua vida nesta descrição:

> Ele é um homem sem a preocupação de fazer amigos, sem a esperança ou o desejo pelos bens materiais, sem a pretensão da perda mundana, sem o cuidado da vida, sem o medo da morte. Ele é um homem de nenhuma patente, de nenhum país, de nenhuma condição. É um homem de um único pensamento: o evangelho de Cristo. Um homem de um único propósito: a glória de Deus. Um tolo, e contente por ser considerado um tolo por Cristo. Que ele seja chamado de louco, fanático, tagarela ou qualquer outro adjetivo estranho e indescritível que o mundo possa escolher para denominá-lo. Mas que ele ainda seja indescritível. Assim que o chamarem de comerciante, chefe de família, cidadão, rico, viajado, instruído ou até mesmo homem de bom senso, seu caráter terá chegado ao fim.
>
> A escolha é falar ou morrer, e, embora deva morrer, ele vai falar. Não tem descanso, mas se apressa por terra e mar, sobre pedras e desertos não atravessados. Ele chora em voz alta e não se poupa, e não será impedido. Nas prisões, ele ergue sua voz, e não fica calado nas tempestades do oceano. Diante de terríveis concílios e de reis entronizados, ele testemunha em favor da verdade. Nada pode calar sua voz senão a morte, e mesmo diante dela, antes de a

lâmina separar a cabeça de seu corpo, ele fala, ora, testifica, confessa, suplica, guerreia e enfim abençoa as pessoas cruéis.

Outros homens de Deus mostraram esse mesmo desejo ardente de agradar a Deus. C. T. Studd escreveu:

Alguns querem viver sob o som
Do sino da igreja ou da capela;
Eu quero ir para o posto de resgate
Que está a um metro do inferno.

Casualmente, foi um artigo escrito por um ateu que levou Studd a uma completa dedicação a Cristo. O artigo dizia o seguinte:

Se eu firmemente acreditasse, como milhões dizem fazê-lo, que o conhecimento e a prática da religião nesta vida influenciam o destino na outra, então a religião significaria tudo para mim. Eu lançaria fora os prazeres terrestres como se fossem lixo, os cuidados deste mundo como se fossem tolices e os pensamentos e sentimentos terrenos como se fossem vaidade. A religião seria o primeiro pensamento que teria ao levantar, e minha última imagem antes que o sono me conduzisse à inconsciência. Trabalharia apenas por aquela causa. Meu único pensamento seria a eternidade. Consideraria que uma alma ganha para o céu valeria uma vida inteira de sofrimento. As consequências terrenas nunca amarrariam minhas mãos ou selariam meus lábios. A terra, suas alegrias e suas tristezas não ocupariam nenhum instante dos meus pensamentos. Esforçar-me-ia para olhar apenas para a eternidade, para as almas imortais ao meu redor, que em breve seriam eternamente felizes ou eternamente miseráveis. Sairia pelo mundo e pregaria a tempo e fora de tempo, e o meu texto seria “que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?”. [1]

John Wesley foi um homem de grande zelo. Ele disse: “Dê-me uma centena de homens que amam a Deus de todo o coração e que não temam nada, a não ser o pecado, e eu moverei o mundo”.

Jim Elliot, mártir do Equador, foi uma tocha de fogo por Jesus Cristo. Certo dia, enquanto estava meditando no texto “Ele faz... dos seus servos, clarões reluzentes” (Hb 1:7), escreveu em seu diário:

Será que sou inflamável? Que Deus me livre do terrível asbesto das “outras coisas”. Satura-me do óleo do Espírito de modo que eu possa ser uma chama reluzente. Mas a chama é passageira, e normalmente tem vida curta. Podes suportar isso, minha alma — uma vida curta? Em mim habita o Espírito daquele que viveu pouco, cujo zelo pela casa de Deus o consumiu. Faze de mim o teu combustível, Chama Divina. [2]

A última linha inspirou-se num emocionado poema de Amy Carmichael:

Da oração que pede que eu possa ser
Protegido dos ventos que atingem a ti,
Do temor, quando eu deveria ambicionar,
Do caminhar vacilante, quando eu deveria subir mais alto,
Do eu delicado, ó Capitão,

Liberta este soldado que quer seguir-te.

Do amor sutil pelas coisas brandas,
Das escolhas fáceis, das fraquezas;
Não é com isso que os espíritos são fortalecidos,
Nem assim caminhou o Crucificado.
De tudo o que escurece o teu Calvário,
Ó Cordeiro de Deus, livra-me.

Dá-me o amor que mostra o caminho,
A fé que com nada se apavora,
A esperança que nenhum desapontamento causa
A paixão que queimará como fogo;
Que eu não desfaleça e me torne pó.
Faze de mim o teu combustível, Chama Divina.

Da oração que pede possa eu ser
Guardado dos ventos que em ti vão bater,
De temer quando devo aspirar,
De vacilar quando devo mais alto chegar,
Deste "ego" mole, ó Capitão, livra
O teu soldado que te segue.

Do sutil amor das coisas que amolecem,
Das escolhas fáceis que enfraquecem;
Assim o espírito não é reforçado,
Assim não andou o Crucificado,
De tudo que ofusca os sofrimentos teus,
Liberta-me, ó Cordeiro de Deus.

Dá-me o amor que conduz para a frente,
E a fé a qual fica resistente,
A esperança que não cansa, embora frustrada,
A paixão que arde como a chama abanada;
Não me deixes vir a ser desprezível,
Chama de Deus, faze-me o teu combustível.

A desgraça da Igreja do século XXI é que se pode encontrar mais zelo entre homens-bomba e seguidores de cultos profanos do que entre cristãos.

Em 1903, um homem e seus 17 seguidores iniciaram seu ataque ao mundo. Seu nome era Vladimir Lenin. Em 1918, o número havia aumentado para 40 mil e, com esses 40 mil, ele obteve o controle de 160 milhões de pessoas na Rússia. Embora o movimento tenha sofrido quedas nos últimos anos, ele ainda controla mais de um quinto da população mundial. Por mais que alguém se oponha aos seus princípios, não é possível deixar de admirar o zelo dessas pessoas.

Muitos cristãos se sentiram fortemente repreendidos quando Billy Graham citou a carta a seguir, escrita por um estudante universitário norte-

americano que se convertera ao comunismo no México. Hoje, a mensagem poderia ser a linguagem de um terrorista. O propósito da carta era explicar à sua noiva por que eles deveriam interromper seu noivado:

> Nós, comunistas, temos uma elevada taxa de mortalidade. Somos aqueles que recebem os tiros, que são enforcados, linchados, alcatroados, presos, caluniados, ridicularizados e demitidos de nosso trabalho, bem como perturbados por qualquer outro modo possível. Certa porcentagem de nós é assassinada ou presa. Vivemos uma vida de pobreza. Devolvemos ao partido todo centavo que ganhamos acima daquilo que é absolutamente necessário para sobreviver. Nós, comunistas, não temos tempo ou dinheiro para filmes, concertos, restaurantes, casas decentes ou carros novos. Fomos descritos como fanáticos. Somos fanáticos. Nossa vida é dominada por um grande fator que a tudo diminui: *lutamos por um mundo comunista.*
>
> Nós, comunistas, temos uma filosofia de vida que nenhuma quantidade de dinheiro pode comprar. Temos uma causa pela qual lutar, um propósito definido na vida. Submetemos nosso eu mesquinho e individual a um grande movimento da humanidade e, se nossa vida pessoal parece dura, ou se nosso ego parece sofrer diante da subordinação ao partido, então somos corretamente compensados pela ideia de que cada um de nós, à sua pequena maneira, está contribuindo para algo novo, verdadeiro e melhor para a humanidade.
>
> Existe uma coisa com a qual sou muito sério, que é a causa comunista. É minha vida, meu negócio, minha religião, meu *hobby*, minha querida, minha esposa e amante, meu alimento. Trabalho nela durante o dia, sonho com ela à noite. Seu controle sobre mim cresce, em vez de diminuir com o passar do tempo. Portanto, não posso levar adiante uma amizade, um caso de amor, nem mesmo uma conversa sem tocar nela, essa força que tanto impulsiona quanto conduz minha vida. Avalio pessoas, livros, ideias e ações de acordo com a maneira com que afetam a causa comunista e por sua atitude em relação a ela. Já estive na prisão por causa de minhas ideias e, se necessário, estou pronto para colocar-me diante de um esquadrão de fuzilamento.[3]

Se os comunistas conseguem ser tão dedicados assim à sua causa, quanto mais não deveriam os cristãos se derramar em amorosa e alegre devoção por seu glorioso Senhor? Certamente se o Senhor Jesus é digno de alguma coisa, ele é digno de tudo. “Se vale a pena crer na fé cristã de alguma maneira, vale a pena aceitá-la de maneira heróica” (Findlay).

“Se Deus de fato fez alguma coisa em Cristo, se dela depende a salvação do mundo e se ele a tornou conhecida, então é tarefa do cristão ser intolerante com tudo o que a ignora, nega ou despreza” (James Denney).

Deus deseja pessoas que estejam completamente voltadas ao controle do Espírito Santo. Para os outros, a aparência dessas pessoas será a de estarem embriagadas com vinho, mas aqueles que sabem das coisas perceberão que elas são movidas por “uma profunda, enorme, assombrosa e jamais satisfeita sede por Deus”.

Que todo o futuro discípulo considere a necessidade do zelo em sua vida. Que aspire a cumprir a descrição apresentada pelo bispo J. C. Ryle:

Um homem zeloso na religião é um homem predominantemente cativo a uma única coisa. Não é suficiente dizer que ele é honesto, leal, intransigente, plenamente bem-sucedido, íntegro e intenso em espírito. Ele é apenas uma coisa, ele se importa apenas com uma coisa, ele vive apenas por uma coisa, ele é consumido por apenas uma coisa, e essa coisa é agradar a Deus. Quer viva ou morra, quer tenha saúde ou doença, quer seja rico ou pobre, quer agrade os homens ou receba ofensas, quer seja considerado sábio ou tolo, quer receba culpa ou elogio, quer receba honra ou vergonha, o homem zeloso não se importa com nada disso. Sua paixão é apenas uma coisa, e essa coisa é agradar a Deus e promover a glória de Deus.

Se ele for consumido pelo próprio fogo, não se importa; está contente. Ele sente que, tal como uma tocha, foi feito para queimar; e se for consumido pelo fogo, sabe que simplesmente fez a obra para a qual Deus o escolheu. Tal pessoa sempre encontrará uma área para o seu zelo. Se não puder pregar, trabalhar ou dar dinheiro, ele vai clamar, suspirar e orar. Sim, se ele for apenas um miserável, no perpétuo leito da doença, fará que as rodas do pecado ao seu redor girem demais, continuamente intercedendo contra ele. Se não puder lutar no vale com Josué, fará a obra de Moisés, Arão e Hur na colina (Êx 17:9-13). Se não lhe for mais permitido trabalhar, não dará descanso ao Senhor até que a ajuda se levante de outro lugar e a obra seja feita. É isso que quero dizer quando falo sobre “zelo” na religião.[4]

6

Fé

Não é possível haver verdadeiro discipulado sem fé profunda e inquestionável no Deus vivo. Aquele que vai fazer proezas para Deus deve primeiramente confiar nele de maneira implícita. Hudson Taylor escreveu: “Todos os gigantes de Deus foram homens fracos que fizeram grandes coisas para Deus porque confiavam que Deus estava com eles”.

Ora, a fé verdadeira está sempre baseada em alguma promessa de Deus, alguma porção de sua Palavra. Isso é importante. O crente primeiramente lê ou ouve alguma promessa do Senhor. O Espírito Santo toma essa promessa e a aplica em seu coração e consciência de uma maneira bastante pessoal. O cristão se conscientiza de que Deus falou-lhe diretamente. Com total confiança na fidedignidade daquele que prometeu, ele considera a promessa tão certa como se já tivesse sido cumprida, muito embora, humanamente falando, ela seja impossível.

Ou talvez seja um mandamento em vez de uma promessa. Para a fé, não há diferença. Se Deus ordena, ele capacita. Se ele ordena a Pedro que caminhe sobre as águas, Pedro pode ter certeza de que o poder necessário será dado (Mt 14:28). Se ele nos ordena a pregar o evangelho a toda criatura, podemos ter certeza de que receberemos a graça necessária (Mc 16:15).

A fé não trabalha no reino do possível. Não há glória para Deus naquilo que é humanamente possível. A fé começa onde termina o poder do homem. George Müller explicou: “A província da fé começa onde as possibilidades terminam e onde a vista e os sentidos falham”.

A fé diz: “Se ‘impossível’ é o único impedimento, então é possível fazê-lo!”. C. H. Mackintosh coloca a questão da seguinte maneira:

> A fé coloca Deus em cena e, portanto, não sabe absolutamente nada sobre dificuldades — sim, ela ri diante das impossibilidades. No julgamento da fé, Deus é a grande resposta a todas as perguntas — a grande solução para todas as dificuldades. Tudo remete a ele; por conseguinte, para a fé, não importa se faltam 600 mil (dólares) ou 600 milhões; ela sabe que Deus é todo-

> suficiente. Ela encontra todos os seus recursos nele. A descrença diz: “Como isso e aquilo pode acontecer?”. Ela está cheia de “comos”; mas a fé tem uma grande resposta para 10 mil “comos”, e essa resposta é Deus.[1]

Humanamente falando, era impossível que Abraão e Sara tivessem um filho. Mas Deus havia prometido, e, para Abraão, havia apenas uma impossibilidade: a de que Deus pudesse mentir.

> Abraão, contra toda esperança, em esperança creu, tornando-se assim pai de muitas nações, como foi dito a seu respeito: “Assim será a sua descendência”. Sem se enfraquecer na fé, reconheceu que o seu corpo já estava sem vitalidade, pois já contava cerca de cem anos de idade, e que também o ventre de Sara já estava sem vigor. Mesmo assim não duvidou nem foi incrédulo em relação à promessa de Deus, mas foi fortalecido em sua fé e deu glória a Deus, estando plenamente convencido de que ele era poderoso para cumprir o que havia prometido.
>
> Romanos 4:18-21

Fé, poderosa fé, vê a promessa
E olha apenas para Deus;
Ri diante da impossibilidade
E clama “será feito!”.

Nosso Deus é especialista em impossibilidades (Lc 1:37). Não há nada difícil demais para ele (Gn 18:14). “O que é impossível para os homens é possível para Deus” (Lc 18:27).

A fé declara sua promessa: “Tudo é possível àquele que crê” (Mc 9:23). Também exulta com Paulo: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:13).

A dúvida vê o obstáculo,
A fé vê o caminho!
A dúvida vê a noite mais escura,
A fé vê o dia!
A dúvida teme dar um passo,
A fé plana nas alturas;
A dúvida pergunta: “Quem acredita?”.
A fé responde: “Eu”.

Autor desconhecido

Uma vez que lida com o sobrenatural e o divino, a fé nem sempre parece ser “razoável”. Não era de “bom senso” que Abraão saísse, sem saber para onde estava indo, mas simplesmente obedecendo ao mandamento de Deus (Hb 11:8). Não foi “esperto” da parte de Josué atacar Jericó sem armas capazes de matar (Js 6:1-20); os homens do mundo zombariam de tal “insanidade”. Mas funcionou!

A verdade é que a fé é mais razoável. O que é mais razoável do que uma criatura confiar em seu Criador? É insanidade crer naquele que não pode

mentir nem errar? Confiar em Deus é a coisa mais lógica, equilibrada e racional que um homem pode fazer. Não é um salto no escuro. A fé exige a mais segura prova e a encontra na infalível Palavra de Deus. Ninguém jamais confiou no Senhor em vão; ninguém o fará. A fé no Senhor não envolve qualquer risco que seja.

A fé verdadeiramente glorifica a Deus; ela dá a ele o lugar adequado como único que é completamente digno de confiança. Em contrapartida, a descrença desonra a Deus; ela o acusa de mentir (1Jo 5:10). Ela limita o Santo de Israel (Sl 78:41).

A fé dá ao homem seu lugar adequado também como um humilde suplicante, curvado sobre o pó diante do Senhor soberano de todas as coisas.

A fé é o oposto da visão. Paulo nos lembra que "vivemos por fé, e não pelo que vemos" (2Co 5:7). Caminhar por aquilo que vemos significa ter meios visíveis de apoio, ter reservas adequadas para o futuro, empregar a habilidade humana para garantir-se contra riscos não previstos. Caminhar pela fé é o exato oposto; é uma confiança a todo momento apenas em Deus. É uma crise perpétua de dependência do Senhor. A carne não deseja assumir a posição de completa dependência em um Deus invisível. Ela procura gerar um colchão de amortecimento contra possíveis perdas. Se não puder ver aonde está indo, ela é capaz de sofrer um colapso nervoso total. Mas a fé segue em obediência à Palavra de Deus, levanta-se acima das circunstâncias e confia no Senhor para obter o suprimento de todas as necessidades.

Qualquer discípulo que se propõe a caminhar pela fé pode ter certeza de que sua fé será testada. Mais cedo ou mais tarde, ele será levado ao ponto em que os recursos humanos se encerram. Nesse extremo, será tentado a apelar aos seus colegas humanos. Se realmente confiar no Senhor, ele olhará apenas para Deus. C. H. Mackintosh escreveu:

> Contar as minhas necessidades, direta ou indiretamente, para um ser humano é afastar-me da vida de fé, e positivamente é uma desonra para Deus. É de fato trair ao Senhor. É o equivalente a dizer que Deus falhou comigo e, assim, devo procurar meus colegas para obter ajuda. É abandonar a fonte de vida e buscar uma cisterna rachada. É colocar a criatura entre a minha alma e Deus, roubando assim minha alma da rica bênção e Deus da glória devida a ele. [2]

A atitude normal de um discípulo é desejar uma melhora em sua fé (Lc 17:5). Ele já confiou em Cristo para a salvação. Agora, procura ampliar as áreas de sua vida que estão submissas ao controle do Senhor. Quando

enfrenta doenças, provações, tragédias e privações, passa a conhecer Deus de uma maneira nova e mais íntima, e sua fé é fortalecida. Ele prova a verdade de Oseias 6:3: “Conheçamos o SENHOR; esforcemo-nos por conhecê-lo”. Quanto mais ele descobre que Deus é digno de confiança, mais ansioso fica para confiar a ele as coisas maiores.

Uma vez que a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo, o desejo do discípulo deveria ser saturar a si mesmo das Escrituras — ler, estudar, memorizar, meditar nelas de dia e noite. Elas são seu mapa e sua bússola, seu guia e conforto, sua lâmpada e sua luz.

Na vida de fé, sempre há espaço para avanço. Quando lemos sobre o que foi realizado por meio da fé, percebemos que somos semelhantes a crianças pequenas brincando à beira de um oceano sem limites. As proezas da fé são apresentadas no capítulo 11 de Hebreus. Elas chegam a um enorme ápice nos versículos 32 a 40:

> Que mais direi? Não tenho tempo para falar de Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e os profetas, os quais pela fé conquistaram reinos, praticaram a justiça, alcançaram o cumprimento de promessas, fecharam a boca de leões, apagaram o poder do fogo e escaparam do fio da espada; da fraqueza tiraram força, tornaram-se poderosos na batalha e puseram em fuga exércitos estrangeiros. Houve mulheres que, pela ressurreição, tiveram de volta os seus mortos.
>
> Uns foram torturados e recusaram ser libertados, para poderem alcançar uma ressurreição superior; outros enfrentaram zombaria e açoites; outros ainda foram acorrentados e colocados na prisão, apedrejados, serrados ao meio, postos à prova, mortos ao fio da espada. Andaram errantes, vestidos de pele de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos e maltratados. O mundo não era digno deles. Vagaram pelos desertos e montes, pelas cavernas e grutas.
>
> Todos estes receberam bom testemunho por meio da fé; no entanto, nenhum deles recebeu o que havia sido prometido. Deus havia planejado algo melhor para nós, para que conosco fossem eles aperfeiçoados.

Uma palavra final: mencionamos que o discípulo que caminha pela fé será, sem dúvida, considerado um sonhador ou um fanático pelos homens do mundo, ou até mesmo por outros cristãos. É bom lembrar que “a fé que capacita alguém a andar com Deus também o capacita a colocar os valores corretos nos pensamentos dos homens” (C. H. Mackintosh).

7

Oração

O único livro completamente satisfatório que já foi escrito sobre o assunto da oração é a Bíblia. Todos os outros tratados nos deixam o sentimento de que existem profundidades ainda não sondadas e alturas ainda não alcançadas. Não temos a pretensão de, neste livreto, melhorar os esforços de outros. Tudo o que podemos fazer é resumir alguns dos importantes princípios da oração, especialmente aqueles relacionados ao assunto do discipulado cristão.

A melhor oração vem de uma forte necessidade interior. Todos nós já comprovamos que isso é verdade. Quando nossa vida é serena e plácida, nossas orações tendem a ser maçantes e apáticas. Quando chegamos a uma crise, um momento de perigo, uma doença séria ou uma forte privação, então nossas orações são fervorosas e cheias de vida. Alguém já disse que "a flecha que penetra o céu deve ser lançada por meio de um arco totalmente curvado". Um senso de necessidade consciente, de urgência, de desamparo, é o ventre do qual nascem as melhores orações.

Infelizmente, passamos a maior parte de nossa vida tentando nos proteger das necessidades. Com o uso de engenhosos métodos comerciais, amealhamos reservas confortáveis contra qualquer contingência imaginável. Por meio de completa engenhosidade humana, alcançamos o estágio no qual somos ricos, aumentamos nossos bens e não temos necessidade de nada. Então nos perguntamos por que nossa vida de oração é rasa e morta e por que o fogo não cai do céu. Se verdadeiramente caminhássemos pela fé, em vez de por aquilo que vemos, então nossa vida de oração seria revolucionada.

Uma das condições da oração bem-sucedida é que devemos nos aproximar de Deus "com um coração sincero e com plena convicção de fé" (Hb 10:22). Isso significa que devemos ser genuí-nos e sinceros diante do Senhor. Não pode haver hipocrisia. Se satisfizermos essa condição, então jamais pediremos a Deus que faça alguma coisa quando está em nosso

próprio alcance realizá-la. Jamais pediremos, por exemplo, que o Senhor levante certa quantidade de dinheiro para um projeto cristão se nós mesmos tivermos fundos de sobra que poderiam ser usados dessa maneira. Deus não será escarnecido. Ele não responde às orações se já nos tiver dado a resposta e não estivermos dispostos a usá-la.

Na mesma linha de raciocínio, não deveríamos orar ao Senhor para que ele enviasse outros para fazer sua obra se nós mesmos não estivermos dispostos a ir. Milhares de orações têm sido feitas em favor de muçulmanos, hindus e budistas. Mas, se todos aqueles que oraram estivessem dispostos a ser usados pelo Senhor para alcançar esses povos, então talvez a história das missões cristãs tivesse sido mais animadora.

A oração deve ser simples, crédula e não questionadora. Existe uma enorme possibilidade de ficarmos envolvidos com os problemas teológicos ligados à oração. Isso só serve para entorpecer nossos sentidos espirituais. É melhor orar do que resolver todos os mistérios ligados à oração. Que os doutores em Divindade lancem suas teorias em relação à oração. Mas que o crente simples chacoalhe os portões do céu com a mesma confiança dos pequeninos. Foi Agostinho que disse que “os iletrados tomam o céu pela força, e nós, com todo o nosso conhecimento, não estamos acima da carne e do sangue”.

> Não conheço os métodos raros,
> Mas isto sei: Deus responde à oração.
> Não sei quando ele manda a palavra
> Que nos faz saber que a oração fervorosa é ouvida;
> Sei que ela vem mais cedo ou mais tarde e
> Portanto precisamos orar e esperar.
> Não sei se a bênção procurada
> Virá da forma que imaginei.
> Deixo minhas orações apenas com o Senhor,
> Cuja vontade é mais sábia do que a minha.
>
> Lola Henson

Para obter o verdadeiro poder da oração, não retenha nada. Entregue-se a Cristo. Saia em nome dele. Abandone tudo para seguir o Salvador. O tipo de devoção que coroa Cristo como Senhor de tudo é o tipo que ele adora honrar.

Ao que parece, Deus coloca um valor especial na oração quando ela nos custa alguma coisa. Aqueles que levantam cedo de manhã desfrutam da comunhão com aquele que, do mesmo modo, levantava cedo para receber as instruções vindas do seu Pai para aquele dia.

Do mesmo modo, aqueles que são profundamente sérios quanto a se dispor a orar por toda a noite desfrutam de um poder com Deus que não pode ser negado. A oração que não custa nada não vale nada; é simplesmente um subproduto de um cristianismo barato.

O Novo Testamento frequentemente conecta a oração ao jejum. A abstinência de alimento pode ser uma valiosa ajuda nos exercícios espirituais. Do ponto de vista humano, ela promove clareza, concentração e paixão. Do ponto de vista divino, parece que o Senhor está especialmente disposto a responder a oração quando a colocamos antes de nossa necessidade de comida.

Evite orações egoístas. “Quando pedem, não recebem, pois pedem por motivos errados, para gastar em seus prazeres” (Tg 4:3). O motivo principal de nossas orações deve ser o interesse do Senhor. Devemos primeiramente orar “venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. Somente depois podemos adicionar “dá-nos hoje o nosso pão de cada dia” (Mt 6:10-11).

Devemos honrar a Deus com grandes pedidos porque ele é um grande Deus. Que tenhamos fé para esperar grandes coisas de Deus.

> Tu estás diante de um Rei;
> Traze contigo grandes petições.
> Seu amor e poder são tais
> Que não há como pedir demais.
>
> John Newton

> Com que frequência entristecemos o Senhor esperando tão pouco dele? Temos nos contentado com sucessos escassos, com realizações medíocres, com desejos tão frágeis diante de coisas elevadas que não impressionamos aqueles que estão ao nosso redor com a ideia de que nosso Deus é um grande Deus. Não o glorificamos aos olhos dos homens que não o conhecem por vidas que chamaram atenção e despertaram curiosidade por causa do poder pelo qual elas foram sustentadas. É muito comum que não se fale de nós o que foi falado do apóstolo Paulo: “E glorificavam a Deus por minha causa”.
>
> E. W. Moore

Ao orar, devemos primeiramente ter certeza de que estamos na vontade de Deus. Então devemos orar crendo que ele ouvirá e responderá. “Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa de acordo com a vontade de Deus, ele nos ouvirá. E se sabemos que ele nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que temos o que dele pedimos” (1Jo 5:14-15).

Orar em nome do Senhor Jesus significa orar de acordo com sua vontade. Quando realmente oramos em seu nome, é como se ele estivesse de fato

fazendo o pedido a Deus, seu Pai. “E eu farei o que vocês pedirem em meu nome, para que o Pai seja glorificado no Filho. O que vocês pedirem em meu nome, eu farei” (Jo 14:13-14). “Naquele dia vocês não me perguntarão mais nada. Eu lhes asseguro que meu Pai lhes dará tudo o que pedirem em meu nome” (Jo 16:23). “Também lhes digo que se dois de vocês concordarem na terra em qualquer assunto sobre o qual pedirem, isso lhes será feito por meu Pai que está nos céus. Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles” (Mt 18:19-20).

> Pedir “em nome de Jesus” significa ser tomado pela mão e guiado a orar por ele; significa, posso dizer, que o Senhor está ajoelhado ao nosso lado e que seus desejos estão fluindo através de nosso coração. É isso que significa “em nome de Jesus”. Seu nome é aquilo que ele é, sua natureza, e, portanto, orar em nome de Jesus precisa ter o sentido de orar de acordo com sua bendita vontade. Posso eu orar pelo mal em nome do Filho de Deus? Aquilo pelo que orei deve realmente ser uma expressão da natureza de Deus. Posso fazer isso em oração? A oração deve soprar o poder do Espírito Santo, a mente de Cristo e os desejos de Cristo em nós e por nós. O Senhor nos ensina mais e mais a orar em seu nome. Não podemos sequer pensar em encerrar uma oração sem as palavras “no bendito nome de nosso Senhor”, mas a súplica toda deve estar infiltrada e permeada do bendito nome de Jesus — tudo de acordo com esse nome.
>
> Samuel Ridout

Para que nossa vida de oração seja verdadeiramente eficiente, devemos manter as contas corretas com Deus. Com isso, quero dizer que o pecado deve ser confessado e abandonado tão logo tenhamos consciência de que ele entrou em nossa vida. “Se eu acalentasse o pecado no coração, o Senhor não me ouviria”(Sl 66:18). Devemos permanecer em Cristo. “Se vocês permanecerem em mim, e as minhas palavras permanecerem em vocês, pedirão o que quiserem, e lhes será concedido” (Jo 15:7). A pessoa que permanece em Cristo fica tão perto dele que é cheia do conhecimento da vontade do Senhor. Tal pessoa pode então orar de maneira inteligente e ter a garantia da resposta. Mais uma vez, a vida de permanência exige que obedeçamos aos seus mandamentos. “Recebemos dele tudo o que pedimos, porque obedecemos aos seus mandamentos e fazemos o que lhe agrada” (1Jo 3:22). Um correto estado de alma é necessário para que nossas orações sejam ouvidas e respondidas (1Jo 3:20).

Devemos orar não apenas em certos momentos definidos do dia; devemos desenvolver a atitude de oração, de modo que busquemos o Senhor à medida que caminhamos pela rua, dirigimos o carro, trabalhamos numa mesa ou arrumamos a casa. Neemias é um exemplo clássico desse tipo espontâneo de oração (Ne 2:4*b*). É muito bom habitar “no abrigo do Altíssimo” (Sl 91:1) em vez de simplesmente fazer-lhe visitas esporádicas.

Finalmente, nossas orações devem ser específicas. Somente quando orarmos por questões definidas é que poderemos ver respostas definidas.

A oração é um maravilhoso privilégio. Por meio disso, podemos, como disse Hudson Taylor, aprender a mover os homens através de Deus.

> Que ministérios estão em nossas mãos para realizar milagres no maravilhoso reino da oração! Podemos ver o sol brilhar em lugares frios e tristes. Podemos acender a luz da esperança na prisão do desânimo. Podemos soltar as algemas dos membros dos prisioneiros. Podemos levar o brilho e os pensamentos do lar ao país distante. Podemos levar refrigério celestial àquele que está espiritualmente desanimado, muito embora estejamos trabalhando além-mar. São milagres em resposta à oração!
>
> J. H. Jowett

A isso, um escritor chamado Wenham adiciona seu testemunho: “Pregar é um dom raro; orar é um mais raro ainda. Pregar, como uma espada, é uma arma para uso a curta distância; os que estão mais longe não podem ser alcançados pela pregação. A oração, tal qual um canhão, tem longo alcance e, sob determinadas circunstâncias, é ainda mais eficiente”.

> Senhor, que mudança dentro de nós uma pequena hora
> Gasta na tua presença promoverá;
> Que grandes fardos de nosso peito são arrancados,
> Que solos áridos são refrescados, como num temporal!
> Ao nos ajoelharmos, tudo à volta parece diminuir;
> Ao nos levantarmos, o que está perto e longe
> Se coloca debaixo do sol, claro e forte;
> Ao ajoelhar, fraqueza; ao levantar, quanto poder!
> Portanto, por qual razão fazemos a nós mesmos esse mal,
> Ou outros, pois nem sempre somos fortes,
> Por que sempre sermos vencidos pelos cuidados,
> Por que ficamos fracos ou desanimados,
> Ansiosos ou perturbados, quando temos a oração,
> Alegria, força e coragem contigo?[1]
>
> Richard C. Trench

8

Batalha

É impossível que uma pessoa leia o Novo Testamento, até mesmo de maneira aleatória e despreocupada, sem perceber que a figura da batalha espiritual é frequentemente usada para descrever o programa de Cristo na terra. O verdadeiro cristianismo está muito longe do entretenimento simplório da cristandade moderna. Não deve ser confundido com a vida luxuosa e a busca pelo prazer que são tão grandes hoje. Em vez disso, é uma luta mortal, um conflito incessante contra as forças do inferno. Nenhum discípulo é digno de seu salário se não perceber que a batalha se iniciou e que não há volta.

Deve haver unidade na guerra. Não é hora para disputas mesquinhas, ciúmes entre partidos, lealdade dividida. Nenhuma casa dividida pode permanecer. Portanto, os soldados de Cristo devem ser unidos. O caminho para a união é a humildade. Isso é claramente ensinado no capítulo 2 da carta aos Filipenses. É impossível brigar com um homem verdadeiramente humilde. Uma briga exige a disposição de duas pessoas. “O orgulho só gera discussões” (Pv 13:10). Onde não há orgulho, não há espaço para a rivalidade.

A guerra exige austeridade e vida sacrificial. Nas guerras de qualquer tipo, invariavelmente existe um vasto sistema de racionamento. Já era tempo de os cristãos perceberem que estamos em guerra e que os gastos devem ser cortados ao mínimo, de modo que a maior quantidade possível de nossos recursos seja empregada nessa luta.

Não são muitos os que veem isso tão claramente quanto um jovem discípulo chamado R. M. Em 1960, ele era representante de uma classe de calouros numa escola cristã. Durante seu mandato, foi proposto que se gastasse determinada quantia para as festas comuns da classe, para confecção de jaquetas e uma lembrança para os alunos. Em vez de aprovar tais gastos — que não contribuiriam diretamente para o avanço do evangelho —, R. M. renunciou ao cargo de representante da classe. A carta

a seguir foi distribuída a seus colegas no dia em que sua renúncia foi anunciada:

> Prezados colegas de classe:
> Desde que o assunto das festas, das jaquetas e das lembranças da classe foi trazido a mim, eu, como representante da classe, tenho considerado a atitude cristã em relação a essas áreas.
>
> Acho que deveríamos encontrar a maior alegria ao dar de nós mesmos, de nosso dinheiro e de nosso tempo totalmente a Cristo e aos outros, encontrando assim a realidade de suas palavras: "Quem perde a sua vida por minha causa a encontrará".
>
> Os cristãos que gastam seu dinheiro e tempo em coisas que não resultam no testemunho claro ao não-crente ou para a edificação dos filhos de Deus parecem não estar cientes do fato de que 7 mil pessoas morrem diariamente de fome e que quase metade do mundo jamais ouviu falar da única esperança do homem.
>
> Muito mais glória daríamos a Deus ajudando a espalhar o evangelho para os outros 60% do mundo que nunca ouviram de Jesus Cristo, ou até mesmo nos lares da nossa vizinhança, do que nos reunirmos em nossa pequena convenção, limitando nossa querida esfera social àqueles que pensam do mesmo jeito que nós, gastando dinheiro e tempo para nosso próprio prazer.
>
> Uma vez que tenho consciência de necessidades e oportunidades específicas nas quais as finanças podem ser usadas para tão grande avanço da glória de Jesus Cristo e para a ajuda do meu próximo aqui e lá fora, é impossível para mim permitir que os fundos da classe sejam gastos desnecessariamente em nós mesmos. Se eu fosse um daqueles que estão passando por tão grande necessidade, como sei que muitos enfrentam, gostaria que aqueles que têm a capacidade de fazer tudo o que podem me suprissem com o evangelho e atendessem as minhas necessidades materiais. "Como vocês querem que os outros lhes façam, façam também vocês a eles". "Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?".
>
> Portanto, é com amor e oração para que vocês possam ver o Senhor Jesus dando tudo de si (2Co 8:9) que, por meio desta, submeto a vocês a minha renúncia ao cargo de representante da classe de 1963.
>
> Que Deus esteja com vocês.
>
> R. M.

A guerra exige sofrimento. Se os jovens de hoje estão dispostos a entregar sua vida por seu país, muito mais dispostos deveriam estar os cristãos a perder sua vida em favor de Cristo e do evangelho. Uma fé que não custa nada não vale nada. Se o Senhor Jesus significa qualquer coisa para nós, ele deveria significar tudo, e nenhuma consideração de segurança pessoal ou imunidade ao sofrimento deveria nos deter em nosso serviço por ele.

Quando procurava defender seu apostolado contra os ataques de seus críticos, o apóstolo Paulo não apontou para seu passado familiar, sua educação ou suas realizações mundanas. Em vez disso, ele apontou para seus sofrimentos em favor do Senhor Jesus Cristo.

> São eles servos de Cristo? — estou fora de mim para falar desta forma — eu ainda mais: trabalhei muito mais, fui encarcerado mais vezes, fui açoitado mais severamente e exposto à morte repetidas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove açoites. Três vezes fui

> golpeado com varas, uma vez apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei uma noite e um dia exposto à fúria do mar. Estive continuamente viajando de uma parte a outra, enfrentei perigos nos rios, perigos de assaltantes, perigos dos meus compatriotas, perigos dos gentios; perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, e perigos dos falsos irmãos. Trabalhei arduamente; muitas vezes fiquei sem dormir, passei fome e sede, e muitas vezes fiquei em jejum; suportei frio e nudez. Além disso, enfrento diariamente uma pressão interior, a saber, a minha preocupação com todas as igrejas.
>
> 1Coríntios 11:23-28

Ao fazer seu nobre desafio a Timóteo, seu filho na fé, ele o incentivou, dizendo: “Suporte comigo os meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus” (2Tm 2:3).

A guerra exige obediência implícita. O verdadeiro soldado seguirá as ordens de seu superior sem questionamentos e sem demora. É absurdo pensar que Cristo poderia se satisfazer com qualquer coisa abaixo disso. Como Criador e Redentor, ele tem todo o direito de esperar que aqueles que o seguem à batalha obedecerão às suas ordens pronta e completamente.

A guerra exige habilidade no uso de armas. As armas do cristão são a oração e a Palavra de Deus. Ele deve entregar-se à oração fervorosa, confiante e perseverante. Somente assim é que as fortalezas do inimigo podem ser derrubadas. Além disso, ele também deve ter proficiência no uso da espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. O inimigo fará tudo o que estiver ao seu alcance para enganá-lo e levá-lo a soltar sua espada; lançará dúvidas sobre a inspiração das Escrituras; destacará as supostas contradições e levantará argumentos de oposição vindos da ciência, da filosofia e das tradições humanas. Mas o soldado de Cristo deve proteger seu terreno, demonstrando a eficácia de sua arma, usando-a em qualquer situação.

As armas da batalha cristã parecem ridículas ao homem do mundo. O plano que se mostrou eficaz contra Jericó seria ridicularizado pelos líderes militares de hoje. O insignificante exército de Gideão evocaria escárnio. E que diríamos da funda de Davi, da aguilhada de bois de Sangar e do desvalorizado exército divino de tolos por toda a História? A mente espiritual reconhece que Deus não está do lado dos maiores batalhões, mas, em vez disso, ele ama alcançar as coisas fracas, pobres e desprezíveis deste mundo e ser glorificado por meio delas .

A guerra exige conhecimento do inimigo e de sua estratégia. O mesmo acontece com a batalha cristã. “Pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais”

(Ef 6:12). Sabemos que “o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz. Portanto, não é surpresa que os seus servos finjam que são servos da justiça. O fim deles será o que as suas ações merecem” (2Co 11:14-15). Um soldado cristão treinado sabe que sua mais terrível oposição não virá do bêbado, do ladrão comum ou da prostituta, mas sim dos professos ministros da religião. Foram os líderes religiosos que pregaram o Cristo de Deus na cruz. Foram os líderes religiosos que perseguiram a igreja primitiva. Paulo enfrentou os mais selvagens ataques das mãos daqueles que professavam ser servos de Deus. Assim tem sido com o passar dos anos. Os ministros de Satanás são transformados em ministros da justiça. Eles falam linguagem religiosa, usam roupas religiosas e agem com uma espiritualidade afetada, mas o coração deles está cheio de ódio por Cristo e o evangelho.

A guerra exige que não haja distração. “Nenhum soldado se deixa envolver pelos negócios da vida civil, já que deseja agradar aquele que o alistou” (2Tm 2:4). O discípulo de Cristo aprende a ser intolerante com qualquer coisa que possa se colocar entre sua alma e a completa devoção ao Senhor Jesus Cristo. Ele é implacável sem ser ofensivo, firme sem ser descortês. Mas ele tem uma única paixão. Tudo o mais deve ser levado cativo.

A guerra exige coragem diante do perigo. “Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo. Assim, mantenham-se firmes” (Ef 6:13-14). É frequentemente destacado que a armadura do soldado cristão apresentada em Efésios 6:3-18 não fornece proteção para as costas e, portanto, nenhuma provisão para uma retirada. Por que retirar-se? Se “em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Rm 8:37), se ninguém pode ser bem-sucedido contra nós porque Deus é por nós, se a vitória está garantida antes mesmo de começarmos a lutar, como podemos até mesmo pensar em voltar atrás?

> Meu pensamento está com os vencedores
> Ou perece com aqueles que caem?
> Somente os covardes são pecadores,
> Lutar o combate é tudo.
> Forte é o meu inimigo que avança,
> Cortante é minha lâmina, ó Senhor;
> Vê seus orgulhosos estandartes e lanças,
> Mas poupa-me do golpe da espada.
>
> Citado por Amy Carmichael

9

Domínio mundial

Deus nos chamou para exercer domínio sobre a terra. Em nenhum momento, planejou que nós, seres humanos criados à sua imagem, vivêssemos em estado de ansiedade constante com trivialidades. Não fazia parte de seu propósito que nos desgastássemos em ocupações passageiras.

Quando originariamente criou o homem, o Senhor deu a ele o domínio sobre a terra. Deus o coroou de glória e honra e colocou todas as coisas debaixo de seus pés. O homem foi revestido de dignidade e soberania — foi feito pouco menor do que os anjos.

Quando pecou, Adão perdeu muito do domínio que era seu por decreto divino. Em vez de exercer um domínio inquestionável, ele governou de maneira instável sobre um reino incerto.

No evangelho, existe um sentido por meio do qual podemos voltar a ganhar o domínio. Não se trata agora de uma questão de controle sobre cães raivosos ou cobras venenosas — em vez disso, é reclamar os ímpios como nossa herança e todas as partes da terra como nossa possessão. J. H. Jowett disse: “O verdadeiro imperialismo é o império da soberania moral e espiritual; é a sedução e o domínio do brilho fascinante de uma vida pura e santificada”.

Na verdade, essa dignidade do chamado cristão é algo que Adão nunca conheceu. Somos parceiros de Deus na redenção do mundo. Dinsdale T. Young escreveu: “Esta é a nossa tarefa: ungir homens em nome do Senhor para a dignidade da vida, a soberania sobre o eu e para o serviço em favor do Reino”.

Grande parte da tragédia da vida hoje é a falha em valorizar esse nosso chamado supremo. Contentamo-nos em passar os anos “abraçando subordinados” ou nos “especializando em trivialidades”. Em vez de voar, mancamos. Em vez de reis, somos escravos. Poucos têm a visão de conclamar países para Cristo. Spurgeon foi uma exceção. Ele escreveu a seguinte diligente mensagem a seu filho:

> Eu ficaria triste se, chamado por Deus para ser missionário, você morresse como um milionário. Eu não ficaria contente caso você fosse talhado para ser missionário e ficasse simplesmente conversando baboseiras com um rei. O que são todos os seus reis, os seus nobres, os seus diademas, todos juntos, comparados com a dignidade de ganhar almas para Cristo, com a honra especial de construir para Cristo, não sobre a fundação de outro homem, mas pregando o evangelho de Cristo nas regiões mais distantes?[1]

Outra exceção foi John Mott, o bem conhecido estadista missionário. Quando o presidente norte-americano Calvin Coolidge pediu que ele servisse como embaixador no Japão, Mott respondeu: “Senhor Presidente, uma vez que Deus me chamou para ser embaixador dele, meus ouvidos estão surdos para todos os outros chamados”.

Billy Graham falou de uma terceira exceção. Quando a *Standard Oil Company* procurava um homem para trabalho no Oriente, escolheram um missionário para ser seu representante. A empresa lhe ofereceu 10 mil dólares, e ele declinou; 25 mil, e ele declinou; 50 mil, e ele declinou. Eles disseram: “O que há de errado?”. Ele disse: “O valor está ótimo, mas o seu trabalho é pequeno demais. Deus me chamou para ser missionário”.

O chamado cristão é o mais nobre de todos, e, se lhe dermos atenção, nossa vida atingirá uma nova altura. Não mais falaremos de nós mesmos como “chamado para ser encanador” ou “chamado para ser médico” ou “chamado para ser dentista”. Em vez disso, veremos a nós mesmos como “chamados para ser apóstolos (enviados)” e todas aquelas outras coisas como simples meios de sobrevivência. Nós nos veremos como chamados para pregar o evangelho a toda criatura, para fazer discípulos de todas as nações, para evangelizar o mundo.

Uma tarefa enorme, não é? Enorme, sim, mas não impossível. Ela chama todo crente a uma ação imediata, a ser realizada de todo o coração.

Pense primeiramente na população mundial. Há mais de 6 bilhões de pessoas na terra hoje, e as populações continuam a crescer. A partir da época de Cristo, foram necessários dezoito séculos para alcançar a marca de 1 bilhão de pessoas. Um século depois, já havia chegado a 2 bilhões. O total no século XX chegou a 4,4 bilhões. Hoje, a cada três dias, o crescimento equivale à população da cidade de San Francisco.

Uma das consequências dessa explosão demográfica é que a população da terra dobrou desde 1960. A outra é que a população mundial corresponde hoje a 10% de todas pessoas que já habitaram nosso planeta desde a criação.

Ao pensar na urgência do evangelismo mundial, devemos ter em mente que, embora a expectativa de vida nos países desenvolvidos esteja acima de 70 anos, no resto do mundo ela está abaixo de 40 anos. As almas estão indo rapidamente para a eternidade. Não se pode desperdiçar o tempo disponível para compartilhar o evangelho com elas.

A Bíblia é fundamental na evangelização do mundo. “A fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Rm 10:17). Das mais de 6.500 línguas faladas no mundo inteiro, as Escrituras foram traduzidas para apenas 2.500. A linguagem usada em muitas dessas Bíblias e em porções bíblicas está desatualizada. É como um idioma estrangeiro para as pessoas. Acrescente-se a isso o triste fato de que 16% dos habitantes do mundo não sabem ler; não poderiam ler uma Bíblia, ainda que tivessem uma em suas mãos.

As nações ocidentais têm não apenas liberdade religiosa e a luz do evangelho; também possuem enormes recursos. Os cristãos que desfrutam disso são responsáveis por fomentar a evangelização do mundo e aliviar a necessidade humana com esses recursos.

Um terço do mundo professa ser cristão, mas isso inclui hordas de cristãos nominais. Ninguém sabe o número exato de crentes evangélicos. Contudo, alguém já se aventurou a estimar que, se cada cristão verdadeiro compartilhasse o evangelho com 40 pessoas não alcançadas, o mundo inteiro poderia ser evangelizado.

Existe mais de 1 bilhão de católicos romanos e 217 milhões de membros da Igreja ortodoxa. Os protestantes somam 351 milhões.

A religião que mais cresce é o Islã. A maior parte do seu 1,3 bilhão de seguidores tem menos de 25 anos de idade. Quinze países são, para todos os efeitos, totalmente muçulmanos. Das 10.200 diferentes religiões do planeta, os outros grupos com maior número de membros são hinduísmo, budismo, ateísmo, siquismo e judaísmo. Juntos, eles somam outro 1,4 bilhão do total de almas sem o Salvador.

O comunismo ainda é um inimigo da fé cristã. Ele busca impedir que um quinto da população mundial ouça a verdade na China, em Cuba, no Vietnã, na Coreia do Norte e em outros lugares.

Todo membro de toda religião e filosofia é precioso aos olhos do Senhor Jesus. Ele morreu por todos eles. Todos deveriam ouvir o evangelho. A necessidade é impressionante.

De que maneira, portanto, o mundo será alcançado para Cristo com o evangelho em nossa geração? A resposta é: apenas por homens e mulheres que amem a Deus de todo o coração e amem o próximo como a si mesmos. A tarefa só será realizada por meio da devoção e dedicação que brotam de um amor eterno.

Aqueles que foram constrangidos pelo amor de Cristo não considerarão sacrifício grande demais trabalhar para ele. Por causa do amor a ele, farão o que jamais fariam por qualquer ganho mundano. Não consideram que a vida tenha algum valor para si mesmos. Eles a gastarão, e serão gastos para que nenhum homem pereça por não conhecer o evangelho.

> Senhor crucificado, dá-me um coração como o teu!
> Ensina-me a amar as almas que perecem
> E mantém meu coração em contato íntimo com o teu.
> Dá-me amor — o puro amor do Calvário
> Para levar os perdidos a ti.
>
> James A. Steward

A não ser que o amor seja o motivo, a causa está perdida. Ela não produzirá benefício algum. O ministério então nada mais é senão o sino que ressoa ou o prato que retine. Mas, quando o amor é a estrela-guia, quando os homens saem com fervente devoção a Cristo, nenhum poder da terra pode frear o progressivo movimento do evangelho.

Imagine um grupo de discípulos totalmente entregues a Jesus Cristo, movidos pelo amor a ele. Atravessam terra e mar como arautos da mensagem gloriosa, incansavelmente dirigindo-se a novas áreas, vislumbrando em cada vida que encontram uma alma por quem Cristo morreu e desejando que cada um se torne um adorador do Mestre por toda a eternidade. Que método esses homens de outro mundo adotariam para fazer Cristo conhecido?

O Novo Testamento parece apresentar dois métodos principais de se alcançar o mundo com o evangelho. O primeiro é a proclamação pública; o segundo se dá por meio do discipulado particular (v., p. ex., At 20:20).

Quanto ao primeiro método, ele foi usado pelo Senhor Jesus e por seus discípulos. Por onde quer que as pessoas se reunissem, sempre havia uma oportunidade de pregar as boas-novas. Assim, vemos as reuniões evangelísticas em mercados, prisões, sinagogas, praias e à beira de rios. A urgência e o caráter superlativo da mensagem fizeram que fosse impensável limitá-la a lugares convencionais de reunião.

O segundo método de propagar a fé cristã se dá por meio do discipulado particular feito por indivíduos. Esse foi o método que o Senhor Jesus usou no treinamento dos Doze. Ele chamou esse pequeno grupo de homens de modo que pudessem estar com ele e fossem por ele enviados. Dia após dia, ele os instruiu na verdade de Deus. Jesus colocou diante deles a tarefa para a qual foram designados. Ele os preveniu em detalhes quanto aos perigos e dificuldades que encontrariam. Levou-os aos conselhos particulares de Deus e os transformou em seus parceiros no plano glorioso — ainda que árduo — de Deus. Depois, enviou-os como ovelhas no meio de lobos. Fortalecidos pelo Espírito Santo, eles se lançaram pelo mundo para falar de um Salvador ressurreto, ascendente e glorificado. A eficácia desse método é vista no fato de que o grupo de discípulos, reduzido a onze pelo abandono do traidor, virou o mundo de cabeça para baixo para o Senhor Jesus Cristo.

O apóstolo Paulo não apenas praticou ele mesmo esse método, mas pediu que Timóteo fizesse o mesmo. “As palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros” (2Tm 2:2). O primeiro passo é escolha cuidadosa e em oração de homens fiéis. O segundo, é a concessão da visão gloriosa a eles. O terceiro passo é enviar esses homens para que façam discípulos (Mt 28:19).

Para aqueles que gostam de números e desejam ansiosamente ver enormes multidões, esse método parece entediante e enfadonho. Mas Deus sabe o que está fazendo, e seus métodos são os melhores. Mais poderá ser realizado para Deus por alguns poucos discípulos dedicados do que por um grande exército de religiosos satisfeitos consigo mesmos.

À medida que prosseguem em nome de Cristo, esses discípulos seguem certos princípios básicos delineados na Palavra de Deus. Antes de qualquer outra coisa, eles são astutos como as serpentes e sem malícia como as pombas. Valem-se dos recursos da Trindade para obter sabedoria pelo caminho difícil que precisam trilhar. Ao mesmo tempo, são humildes e simples em seus contatos com outros homens. Ninguém precisa temer violência física por parte deles; os homens precisam apenas temer suas orações e seu testemunho insaciável.

Esses discípulos se mantêm longe da política deste mundo. Eles não se consideram chamados para batalhar contra qualquer forma de governo ou ideologia política. Conseguem trabalhar debaixo de qualquer forma de governo e são leais a ele até o ponto em que lhes seja exigido comprometer

seu testemunho ou negar seu Senhor. Então, recusam-se a obedecer e se submetem às consequências. Mas eles nunca conspiram contra o governo humano ou se envolvem em práticas revolucionárias. O Senhor Jesus disse em João 18:36: “O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam”. Esses homens são embaixadores de um país celestial e, assim, passam por este mundo como peregrinos e estrangeiros.

Eles são absolutamente honestos em todos os seus atos. Evitam subterfúgios de todos os tipos. O seu “sim” significa sim, e o seu “não” significa não. Eles se recusam a adotar a mentira popular de que o fim justifica os meios. Sob nenhuma circunstância, eles fazem o mal para que possa resultar em bem. Cada um está revestido de tal consciência que preferiria morrer a pecar.

Outro princípio invariavelmente seguido por esses homens é que definem a igreja local como base de sua obra. Eles vão aos campos de colheita do mundo para ganhar convertidos para o Senhor Jesus, mas, então, levam esses convertidos para a comunhão de uma igreja local na qual possam ser fortalecidos e edificados em sua fé santa. Os verdadeiros discípulos percebem que a igreja local é a agência de Deus na terra para a propagação da fé, e que a melhor e mais duradoura obra é construída de acordo com esses princípios.

Os discípulos são sábios em evitar alianças comprometedoras de qualquer tipo. Eles se recusam firmemente a permitir que seus movimentos sejam ditados por qualquer organização humana. Recebem a ordem de marchar diretamente do quartel-general dos céus. Isso não significa que eles trabalhem sem a confiança e a recomendação dos cristãos de sua igreja local. Pelo contrário, buscam essa indicação como uma confirmação do chamado de Deus para o serviço. Mas insistem na necessidade de servir a Cristo em obediência à sua Palavra e à orientação do Mestre para eles.

Finalmente, esses discípulos evitam a publicidade. Eles tentam ficar atrás das cortinas. Seu propósito é glorificar Cristo e torná-lo conhecido. Eles não estão buscando grandes coisas para si mesmos. Também não desejam revelar sua estratégia ao inimigo. Assim, trabalham de maneira quieta e não ostensiva, indiferentes ao louvor ou à acusação do homem. Eles sabem que “o céu será o melhor e mais seguro lugar para conhecer os resultados de seu trabalho”.

10

Discipulado e casamento

> Alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos por causa do Reino dos céus. Quem puder aceitar isso, aceite.
>
> Mateus 19:12

Uma das principais questões a serem enfrentadas por todo discípulo é saber se Deus o chamou para a vida conjugal ou para o celibato. Essa é uma questão de orientação plenamente individual vinda do Senhor. Ninguém pode legislar para outro, e interferir numa esfera tão vital é um assunto muito perigoso.

O ensinamento geral da Palavra de Deus é que o casamento foi instituído por Deus para a raça humana, tendo vários propósitos em mente:

Ele foi ordenado para companhia e prazer. Deus viu que “não é bom que o homem esteja só” (Gn 2:18).

Foi planejado para a procriação da raça. Isso é indicado pela ordem do Senhor “sejam férteis e multipliquem-se!” (Gn 1:28).

Foi arranjado para a preservação da pureza na família e na sociedade. “Por causa da imoralidade, cada um deve ter sua esposa” (1Co 7:2). Não há nada na Palavra de Deus que sugira que o casamento seja incompatível com uma vida de pureza, devoção e serviço a Cristo. Em vez disso, somos lembrados de que “o casamento deve ser honrado por todos; o leito conjugal, conservado puro” (Hb 13:4). A Bíblia afirma que “quem encontra uma esposa encontra algo excelente” (Pv 18:22). As palavras do pregador podem frequentemente ser aplicadas ao casamento: “Melhor é serem dois do que um” (Ec 4:9, RA), especialmente se os dois estiverem unidos no serviço ao Senhor. A eficácia aumentada da ação conjunta é sugerida em Deuteronômio 32:30, em que se lê que um homem persegue mil, mas dois homens põem em fuga 10 mil.

Ainda assim, embora o casamento seja da vontade de Deus para a raça humana como um todo, não necessariamente é sua vontade para cada pessoa individualmente. Embora possa ter a aparência de um direito

inalienável, o discípulo do Senhor Jesus pode optar por abrir mão desse direito com o objetivo de entregar-se de maneira mais concentrada ao serviço de Cristo.

O Senhor Jesus percebeu que em seu Reino haveria aqueles que se tornariam, como aconteceu, eunucos por sua causa: “Alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos por causa do Reino dos céus. Quem puder aceitar isso, aceite” (Mt 19:12).

Esse é definitivamente um voto espontâneo que a pessoa faz como resultado de dois fatores:

1. Um senso de orientação de Deus para permanecer solteiro.
2. O desejo de entregar-se mais plenamente à obra do Senhor sem a responsabilidade adicional da vida familiar.

Deve haver a convicção do chamado divino (1Co 7:7). Somente por meio disso é que o discípulo pode ter segurança de que o Senhor lhe dará graça suficiente para a continência.

Isso deve ser voluntário. Em todos os casos em que o celibato é uma questão de imposição eclesiástica, o risco de impureza e imoralidade é grande.

O apóstolo Paulo enfatizou o fato de que normalmente uma pessoa solteira pode se entregar de maneira mais plena à causa do Reino: “O homem que não é casado preocupa-se com as coisas do Senhor, em como agradar ao Senhor. Mas o homem casado preocupa-se com as coisas deste mundo, em como agradar sua mulher” (1Co 7:32-33).

Por essa razão, ele expressou o desejo de que os não-casados e viúvos permanecessem como estavam, ou seja, solteiros (1Co 7:7-8).

Até mesmo para aqueles que já estão casados, o apóstolo insistiu que a brevidade do tempo exigia que tudo estivesse subordinado à grande tarefa de fazer Cristo conhecido:

> O que quero dizer é que o tempo é curto. De agora em diante, aqueles que têm esposa, vivam como se não tivessem; aqueles que choram, como se não chorassem; os que estão felizes, como se não estivessem; os que compram algo, como se nada possuíssem; os que usam as coisas do mundo, como se não as usassem; porque a forma presente deste mundo está passando.
>
> 1Coríntios 7:29-31

Isto certamente não significa que o homem deve repudiar suas responsabilidades familiares, abandonar sua esposa e filhos e partir para o campo missionário. Mas de fato quer dizer que ele não deve viver em função dos prazeres e satisfações da vida domiciliar. Ele não deve usar sua esposa e seus filhos como desculpas para dar a Cristo o segundo lugar.

C. T. Studd temia que sua noiva pudesse ficar tão ocupada com ele que o Senhor Jesus perdesse o primeiro lugar na vida dela. Para evitar isso, ele compôs um pequeno poema para que ela o recitasse diariamente:

> Tu és para mim, Jesus querido,
> Mais querido do que Charlie pode ser.

Os comunistas aprenderam a subordinar as questões familiares à grande tarefa de conquistar a humanidade para sua causa. Gordon Arnold Lonsdale é um exemplo. Depois de ter sido capturado na Inglaterra como espião russo em 1960, a polícia descobriu uma carta de sua esposa e uma resposta de seis páginas. Sua esposa escreveu:

> Como a vida é injusta! Entendo plenamente que você está trabalhando, que essa é a sua tarefa, que você ama seu trabalho e que tenta fazer tudo isso de modo diligente. Todavia, meu raciocínio é de certo modo limitado pelo modo feminino de ser, e sofro terrivelmente. Escreva-me uma carta dizendo quanto me ama, e talvez eu me sinta melhor.

A resposta de Lonsdale, em parte, foi esta:

> Tudo o que vou dizer é que eu mesmo tenho apenas uma vida e ela não é fácil. Tudo o que quero é gastar minha vida de modo que, ao olhar para ela, não haja vergonha em olhar para trás... Em breve, completarei 39 anos de idade; será que ainda existe muito pela frente?[1]

"O que quero dizer é que o tempo é curto", disse Paulo. "De agora em diante, aqueles que têm esposa, vivam como se não tivessem" (1Co 7:29).

A tragédia é que um casamento apressado ou mal orientado frequentemente tem sido ferramenta do Diabo para desviar um jovem discípulo do caminho da máxima utilidade para Cristo. Muitos pioneiros promissores abandonaram a carreira de serviço indiviso para o Senhor no altar do matrimônio.

O casamento pode ser um amargo inimigo do cumprimento da vontade de Cristo que todo indivíduo deveria seguir.

> O casamento é algo dado por Deus. Mas, quando se torna uma barreira à vontade de Deus, ele é usado de maneira imprópria. Poderíamos citar muitas pessoas — tanto homens quanto mulheres — que tiveram um chamado claro para os campos estrangeiros e nunca chegaram lá porque seus próximos os seguraram... Nada — nem mesmo a bênção dada por Deus de um parceiro para a vida toda — deve impedir o propósito de Deus para a vida de uma pessoa...

> Hoje em dia, almas morrem sem Cristo porque entes queridos tornaram-se prioridade sobre a vontade de Deus. [2]

Talvez seja especialmente verdadeiro, no caso de trabalhadores pioneiros, que uma vida de celibato seja preferível.

> Talvez seja preciso que homens e mulheres de vanguarda neguem a si mesmos até as necessidades da vida, sem mencionar os prazeres mais agradáveis, ainda que perfeitamente legítimos. A missão de tal pessoa é suportar dificuldades, ser bom soldado, livre das coisas desta vida, atletas que não são atrapalhados por qualquer peso... É uma vocação, um chamado, uma convocação para um serviço especial.[3]

Para aqueles que ouvem esse chamado e respondem a ele, existe a recompensa preferida. “Digo-lhes a verdade”, disse Jesus, “... todos os que tiverem deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos, por minha causa, receberão cem vezes mais e herdarão a vida eterna” (Mt 19:28-29).

11

Analisando o custo

O Senhor Jesus nunca tentou coagir os homens a uma profissão de fé irrefletida. Ele também não procurou atrair um grande número de seguidores pregando uma mensagem popular.

De fato, todas as vezes que as pessoas começaram a se amontoar ao seu redor, Jesus se voltou para elas e fez uma seleção ao estabelecer as mais severas condições do discipulado.

Em uma dessas ocasiões, nosso Senhor advertiu aqueles que o seguiriam de que deveriam primeiramente analisar o custo. Ele disse:

> Qual de vocês, se quiser construir uma torre, primeiro não se assenta e calcula o preço, para ver se tem dinheiro suficiente para completá-la? Pois, se lançar o alicerce e não for capaz de terminá-la, todos os que a virem rirão dele, dizendo: “Este homem começou a construir e não foi capaz de terminar”.
>
> Ou, qual é o rei que, pretendendo sair à guerra contra outro rei, primeiro não se assenta e pensa se com dez mil homens é capaz de enfrentar aquele que vem contra ele com vinte mil? Se não for capaz, enviará uma delegação, enquanto o outro ainda está longe, e pedirá um acordo de paz.
>
> Lucas 14:28-32

Aqui, ele associou a vida cristã a uma operação de construção e a uma guerra. É estupidez completa começar a construir uma torre, disse ele, a não ser que você tenha certeza de que possui fundos suficientes para concluí-la. De outro modo, a estrutura inacabada se colocará como um monumento à sua falta de visão.

Como isso é verdadeiro! Uma coisa é tomar uma decisão por Cristo no calor da emoção de uma campanha evangelística de massa. Mas outra bastante diferente é negar a si mesmo, tomar sua cruz diariamente e seguir a Cristo. Embora não custe nada ser cristão, custa muito ser um crente firme e seguir pelo caminho do sacrifício, da separação e do sofrimento em favor de Cristo. Uma coisa é começar bem a corrida cristã, mas outra muito diferente é progredir nela, dia após dia, sob tempo bom ou ruim, em prosperidade ou na adversidade, passando por alegria ou tristeza.

Um mundo cheio de críticas está observando. Por algum instinto estranho, ele percebe que a vida cristã merece tudo ou nada. Quando o mundo vê um cristão perfeito, ele pode zombar, ridicularizar ou olhar com desprezo — ainda que, internamente, possua um profundo respeito pelo homem que entregou-se completamente a Cristo. Mas, quando o mundo vê um cristão irresoluto, tudo o que tem para ele nada mais é senão crítica. Começa a zombar dele: "Esse homem começou a construir e não conseguiu acabar. Criou uma grande comoção quando se converteu, mas agora é muito parecido com todos nós. Começou em alta velocidade, mas agora está patinando".

Bem disse o Salvador: "Você deveria ter analisado o custo!".

Sua segunda ilustração refere-se a um rei que estava prestes a declarar guerra contra outro. Não seria prudente de sua parte analisar primeiramente se 10 mil soldados seriam capazes de derrotar o exército inimigo que tinha o dobro do seu contingente? Que absurdo seria se ele declarasse guerra primeiro e depois reconsiderasse, quando os exércitos estivessem marchando um na direção do outro. A única coisa a fazer seria hastear a bandeira branca e enviar uma equipe de rendição, arrastando-se de maneira degradante na poeira e humildemente pedindo informações sobre as condições para a paz.

Não é exagero comparar a vida cristã à guerra. Lá estão os inimigos ferozes — o mundo, a carne e o Diabo. Existe desânimo, derramamento de sangue e sofrimento. Existem as longas e cansativas horas de vigília e o anseio pela luz do dia. Existem lágrimas, labutas e provas. E todos os dias existe morte.

Qualquer um que se proponha a seguir a Cristo deve lembrar-se do Getsêmani, do Gábata e do Gólgota. Então, deve analisar o custo. É uma dedicação absoluta a Cristo ou uma queixosa rendição, juntamente com tudo o que está relacionado a desgraça e degradação.

Com essas duas ilustrações, o Senhor Jesus advertiu seus ouvintes de qualquer decisão impulsiva de tornar-se seu discípulo. Ele só poderia lhes prometer perseguição, tribulação e sofrimento. Eles deveriam primeiramente analisar o custo!

E qual é o custo? O versículo seguinte responde à pergunta: "Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo" (Lc 14:33).

O custo é “tudo” — tudo o que um homem tem e é. Significou isso para o Salvador; não pode significar menos para aqueles que se propõem a segui-lo. Se aquele que era rico acima de qualquer descrição tornou-se voluntariamente pobre, seus discípulos por acaso vão ganhar a coroa por algum meio menos custoso?

Então, o Senhor Jesus conclui seu discurso com este resumo: “O sal é bom, mas se ele perder o sabor, como restaurá-lo?” (Lc 14:34).

Ao que parece, nos tempos bíblicos as pessoas não tinham sal puro, como o que temos hoje em nossa mesa. O sal delas tinha diversas impurezas, como areia etc. Era de alguma forma possível que o sal perdesse sua salinidade; o resíduo ficava insípido e tornava-se sem valor. Não poderia sequer ser usado como solo ou fertilizante. Algumas vezes, era usado para fazer uma trilha; portanto, aquele sal não servia “para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens” (Mt 5:13).

A aplicação da ilustração é clara. Existe um propósito principal na existência do cristão: glorificar Deus por meio de uma vida que seja totalmente derramada diante dele. O cristão pode perder seu sabor ao acumular tesouros na terra, ao buscar seu próprio conforto e prazer, ao tentar tornar-se famoso no mundo, ao prostituir sua vida e seus talentos num mundo indigno.

Se o crente perder o objetivo central de sua existência, então ele perdeu tudo. Ele não é nem proveitoso nem ornamental. Tal como o sal sem sabor, seu destino é ser pisado pelos homens — por meio do escárnio, da crítica e da zombaria.

As palavras finais são estas: “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça” (Lc 14:35). Era comum que, ao dizer alguma coisa difícil, nosso Senhor acrescentasse essas palavras. É como se ele soubesse que nem todos os homens as receberiam. Ele sabia que alguns tentariam minimizar o sentido, anular o corte afiado de suas exigências importantes.

No entanto, ele também sabia que existiriam corações abertos, jovens e velhos, que se curvariam diante de suas declarações por serem elas dignas dele. Assim, ele deixava a porta aberta! “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça.” Aqueles que ouvem são os que analisam o custo e, ainda assim, dizem:

> Estou seguindo a Jesus Cristo;
> Desse caminho, eu não desisto.
> Estou seguindo a Jesus Cristo;
> Atrás não volto, não volto não.

12

A sombra do martírio

Quando um homem está verdadeiramente comprometido com Jesus Cristo, para ele a questão de viver ou morrer parece ser algo sem importância. Tudo o que importa é que o Senhor seja glorificado.

Ao ler *The Triumph of John and Betty Stam*, você encontrará uma nota repetida por todo o livro: “Cristo será engrandecido em meu corpo, quer pela vida, quer pela morte” (Fp 1:20).

O mesmo tom é encontrado nos escritos de Jim Elliot. Quando ainda estudava no Wheaton College, escreveu o seguinte em seu diário: “Estou pronto para morrer pelos aucas”. Em outro momento, ele escreveu:

> Pai, toma a minha vida, sim, meu sangue se tu desejares, e consome com o teu fogo envolvente. Não a pouparei, pois não é minha para que a salve. Toma-a, Senhor, toma-a por completo. Derrama minha vida como uma oferta pelo mundo. O sangue só tem valor quando flui diante do teu altar.[1]

Parece que muitos dos heróis de Deus chegaram ao mesmo ponto em seu relacionamento com o Senhor. Eles perceberam que “se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto” (Jo 12:24). Eles estavam dispostos a ser esse grão de trigo.

Essa atitude é exatamente o que o Salvador ensinou aos seus discípulos: “Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa, este a salvará”(Lc 9:24).

Quanto mais pensamos nisso, mais sensato nos parece.

Antes de mais nada, nossa vida não nos pertence em nenhum aspecto. Ela pertence àquele que nos valorizou a ponto de entregar seu precioso sangue. Por acaso podemos nos apegar de modo egoísta a algo que pertence a outra pessoa? C. T. Studd respondeu a essa pergunta para si mesmo quando escreveu estas palavras na Universidade de Cambridge, Inglaterra, em 1883:

> Sei que Jesus morreu por mim, mas nunca entendi que, se ele morreu por mim, então não pertenço a mim mesmo. Redenção significa comprar de volta, de modo que, se pertenço a ele, precisaria ser um ladrão e reter aquilo que não é meu, ou então preciso entregar tudo a Deus. Quando entendi que Jesus Cristo havia morrido por mim, não foi difícil entregar tudo a ele.

Em segundo lugar, todos nós vamos morrer um dia, se o Senhor não vier antes. Qual seria a tragédia maior: morrer a serviço do Rei ou como uma mera estatística de acidentes? Não estava certo Jim Elliot quando disse “não é tolo aquele que dá aquilo que não pode manter para ganhar aquilo que não pode perder”?.

Em terceiro lugar, é uma lógica irrespondível que, se o Senhor Jesus morreu por nós, o mínimo que poderíamos fazer seria morrer por ele. Se o servo não está acima do seu senhor, que direito temos de ir para o céu mais confortavelmente do que o Senhor Jesus? Foi essa consideração que levou C. T. Studd a dizer que “se Jesus Cristo é Deus e morreu por mim, então não existe nenhum sacrifício grande demais para fazer por ele”.

Finalmente, é criminoso nos apegarmos à nossa vida quando, por meio de uma entrega total, a bênção eterna pode fluir para nossos amigos. É comum os homens oferecerem sua vida para o avanço da pesquisa médica. Outros morrem ao resgatar entes queridos de edifícios em chamas. Ainda outros morrem na batalha para salvar seu país das forças inimigas. Quanto vale para nós as almas dos homens? Que possamos dizer como F. W. H. Myers:

> Como almas vejo os povos
> Presos que poderiam vencer,
> Escravos que poderiam ser reis,
> Compartilhando sua única esperança sem alegria,
> Tristemente contentes em apenas ver coisas.
>
> Então, com pressa, o anseio insuportável
> Dá-me arrepios como o chamado da trombeta.
> Oh, salvá-los! Perecer para que sejam salvos,
> Morrer pela vida deles, ser ofertado por todos eles.

Não é pedido a todos que entreguem sua vida como mártires. A estaca, a lança e a guilhotina são reservadas apenas para alguns poucos escolhidos, relativamente falando. Mas todos nós podemos ter o espírito do mártir, o zelo do mártir, a devoção do mártir. Cada um de nós pode viver como aqueles que já abandonaram sua vida em favor de Cristo.

> Venha doença, venha bonança;
> Cruz ou coroa, arco-íris ou trovão;
> Lanço corpo e alma ao chão
> Para que Deus passe com seu arado.

Autor desconhecido

13

As recompensas do discipulado

Uma vida totalmente entregue a Jesus tem sua própria e profunda recompensa. Existe uma alegria e um prazer em seguir a Cristo que é vida em seu sentido mais verdadeiro.

O Salvador disse por diversas vezes: “Quem acha a sua vida a perderá, e quem perde a sua vida por minha causa a encontrará”. De fato, esta frase de Jesus é encontrada nos quatro evangelhos com mais frequência do que praticamente qualquer outra coisa que ele tenha dito (cf. Mt 10:39; 16:25; Mc 8:35; Lc 9:24; 17:33; Jo 12:25). Por que isso foi repetido tantas vezes? Não seria porque esta frase estabelece um dos princípios mais fundamentais da vida cristã, a saber, que a vida guardada para si mesmo é vida perdida, em quanto vida derramada para o Senhor é vida encontrada, salva, alegre e mantida pela eternidade?

Ser um cristão irresoluto só pode garantir uma existência miserável. Ser totalmente do Senhor é a maneira mais certa de desfrutar o melhor que ele tem para nós.

Ser um discípulo verdadeiro é ser escravo de Jesus Cristo e considerar que o trabalho dele é a perfeita liberdade. Existe liberdade nos passos de todo aquele que pode dizer “amo o meu senhor... e não quero sair livre” (Êx 21:5).

O discípulo não está preso por assuntos mesquinhos nem por coisas passageiras. Está preocupado com assuntos eternos e, como Hudson Taylor, desfruta do luxo de ter poucas coisas das quais cuidar.

Ele pode ser desconhecido, mas, ainda assim, muito bem conhecido. Embora esteja constantemente morrendo, vive com persistência. Ele é castigado, mas não é morto. Mesmo na tristeza, se alegra. Embora ele mesmo seja pobre, torna muitos ricos. Ele mesmo não tem nada, mas possui todas as coisas (2Co 6:9-10).

Se é possível dizer que a vida de discipulado verdadeiro é a vida espiritualmente mais satisfatória deste mundo, então pode-se dizer com

igual certeza que ela será a vida mais recompensada nos anos por vir. “Pois o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então recompensará a cada um de acordo com o que tenha feito” (Mt 16:27).

Portanto, o homem verdadeiramente abençoado agora e na eternidade é aquele que pode dizer juntamente com Bill Borden, de Yale: “Senhor Jesus, abro mão de tudo o que diz respeito à minha vida. Coloco o Senhor no trono do meu coração. Muda-me, limpa-me e usa-me como desejares”.

Deus não deseja que o homem se perca!
Cristo Jesus do seu trono nos viu,
E em compaixão nos livrou das tristezas
Com seu amor ele nos redimiu!
Perdem-se! Perdem-se! Pelos caminhos
Do mundo ingrato que os cobre de dor
Cristo deseja salvá-los da morte
Mas quem irá lhes contar deste amor?
Deus não deseja que o homem se perca!
Cristo humano conosco sofreu:
Veio buscar os perdidos e tristes,
Dar-lhes conforto e alívio do céu
Perdem-se! Perdem-se! Passa-se o tempo!
Poucos ceifeiros! e a noite já vem!
Cristo te chama, avante ao trabalho,
Almas serão teu tesouro além.[1]

Lucy R. Meyer

ONDE ESTÁ O SEU TESOURO?

Os seis capítulos seguintes de William MacDonald foram originariamente publicados como um livreto. Uma vez que o conteúdo está tão intimamente relacionado ao assunto do discipulado, decidiu-se incluí-los aqui.

14

Onde está o seu tesouro?

> Não acumulem para vocês tesouros na terra... Mas acumulem para vocês tesouros nos céus... Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.
>
> Mateus 6:19-21

O coração está onde estiver o tesouro. Ele pode estar no cofre de um banco! Ou pode estar no céu! Mas não pode estar nos dois lugares ao mesmo tempo. Alguém já disse: “O cristão deixa sua riqueza ou vai até ela”.

O Senhor Jesus proibiu seus seguidores de acumularem tesouros na terra. Ele queria que o coração deles estivesse no céu.

Contudo, esse ensinamento de Cristo parece radical e extremo para nós hoje. Será que ele realmente quis dizer isso? O senso comum não nos ensina que devemos fazer adequadas provisões para nossa velhice? O Senhor não espera que sejamos prudentes e que preparemos reservas para os dias chuvosos? Que cuidemos dos nossos entes queridos? Estas são perguntas sérias, que devem ser encaradas de modo direto e honesto por todos aqueles que professam ser seguidores de Cristo.

Quais são as respostas? O que a Bíblia ensina com relação à riqueza na vida do crente? É errado construir uma fortuna pessoal? Qual é o padrão de vida cristão?

15

Diligência nos negócios

Antes de mais nada, todos nós podemos concordar que a Bíblia não nos proíbe de ganhar dinheiro. O apóstolo Paulo fabricava tendas para conseguir suprir suas necessidades pessoais (At 18:1-3; 2Ts 3:8). Ele ensinou aos tessalonicenses que, se um homem não estivesse disposto a trabalhar, então que também não comesse (2Ts 3:10). Não há dúvida de que a ênfase bíblica é que um homem deveria trabalhar de maneira diligente para suprir suas necessidades e as de sua família.

Podemos então dizer que o crente deve ganhar o máximo de dinheiro possível? Não, tal declaração merece uma ressalva. Ele pode ganhar tanto dinheiro quanto possível, mas com algumas reservas.

Seu trabalho não deve ter precedência sobre as coisas do Senhor. Sua principal obrigação é buscar primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça (Mt 6:33). A adoração e o serviço não devem sofrer por causa das pressões dos negócios.

Suas obrigações familiares não devem ser negligenciadas (1Tm 5:8). De forma geral, quanto mais dinheiro um homem ganha, menos tempo tem para sua esposa e seus filhos. Ele não pode compensar isso concedendo-lhes luxo e riqueza; isso simplesmente se soma à sua decadência espiritual e moral. Eles precisam da companhia e da orientação de um marido e um pai piedoso muito mais do que uma conta bancária cheia.

Seu dinheiro deve ser ganho num negócio de boa reputação (Pv 10:16). É desnecessário dizer isso. É questionável que um cristão dê de seu tempo para produção, distribuição ou anúncio de produtos que apresentem risco à saúde ou contribuam para a degradação moral. Um cristão também não deveria gastar sua vida divertindo pessoas que estão a caminho do inferno. O trabalho deve ser construtivo e para o bem comum.

O crente também deve ter certeza de que está ganhando seu dinheiro honestamente (Pv 20:17). Seu negócio pode ter reputação suficientemente boa, mas seus métodos podem ser tortos. Por exemplo:

- Falsificar a declaração de imposto de renda (Pv 12:22).
- Trapacear em pesos e medidas (Pv 11:1).
- Subornar fiscais (Pv 17:23).
- Anunciar diferenças em produtos quando essas diferenças não existem (Pv 20:6).
- Fraudar relatórios de gastos (Pv 13:5).
- Fazer especulação no mercado financeiro ou na bolsa de valores — que é simplesmente outra forma de aposta (Pv 13:11).
- Pagar salários inadequados aos seus empregados (Pv 22:16). É contra esse abuso que Tiago denuncia: “Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que vocês retiveram com fraude, está clamando contra vocês. O lamento dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos” (Tg 5:4).

O cristão pode ganhar tanto dinheiro quanto puder sem que ponha sua saúde em risco. Seu corpo é o templo do Espírito Santo (1Co 6:19). Ele não deve desperdiçar sua saúde na aquisição da riqueza.

Finalmente, o cristão pode ganhar tanto quanto puder contanto que não se torne cobiçoso. Ele nunca deve se tornar escravo das riquezas (Mt 6:24). É legítimo ganhar dinheiro, mas não amá-lo (Sl 62:10).

Para resumir, portanto, o cristão pode ganhar tanto dinheiro quanto puder, contanto que dê a Deus o primeiro lugar, cumpra suas obrigações familiares, trabalhe construtivamente, aja de maneira honesta, proteja sua saúde e evite a cobiça.

16

Ter sem reter

A pergunta seguinte que devemos encarar é esta: “É errado acumular dinheiro?”. Pelo que diz o Novo Testamento, a resposta é um enfático sim.

A Bíblia não condena ninguém por ser rico. Alguém pode receber uma herança e tornar-se rico da noite para o dia. Mas ela de fato tem muito a dizer sobre o que fazemos com nossa riqueza. Aqui está o que a Bíblia ensina.

Primeiramente, somos encarregados das coisas de Deus (1Co 4:1-2). Isso significa que tudo o que temos pertence a ele, não a nós. Nossa responsabilidade é usar o dinheiro de Deus para a glória de Deus. A ideia de que 90% é nosso para gastar enquanto 10% é a porção do Senhor é uma interpretação errônea do conceito de administração do Novo Testamento. Tudo pertence ao Senhor.

O segundo ponto é que devemos nos contentar com comida e roupas. “Tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos” (1Tm 6:8). A palavra usada aqui e traduzida como vestimenta significa uma cobertura ou teto. Pode referir-se a qualquer tipo de abrigo ou roupa. Desse modo, o versículo diz que devemos estar satisfeitos por ter supridas as necessidades da vida — comida, roupas e moradia. Levando em consideração a moradia, o Senhor permite aqui que tenhamos mais do que ele teve quando andou na terra; ele não tinha onde repousar a cabeça (Mt 8:20).

O cristão que possui um negócio certamente precisa de capital fixo e capital de giro para tocar o empreendimento. Precisa ter condições de comprar matéria-prima, pagar seus empregados e cumprir as outras exigências financeiras do dia-a-dia. Nada na Bíblia proíbe o cristão que é empresário de ter os fundos necessários para operar seu negócio.

A seguir, devemos viver da maneira mais econômica possível, evitando qualquer tipo de desperdício. Depois de ter alimentado 5 mil, Jesus disse

aos seus discípulos que juntassem a comida que sobejara (Jo 6:12). Seu exemplo nos ensina a conservar sempre que possível.

Compramos muitas coisas desnecessárias. Especialmente na época do Natal, gastamos uma pequena fortuna em presentes sem valor que, em pouco tempo, serão guardados no porão ou no armário, onde não farão bem a ninguém.

Compramos coisas caras quando itens mais baratos normalmente serviriam para o mesmo fim. (Nem sempre é verdade que o item mais barato é a melhor compra. Devemos pesar preço, qualidade, tempo gasto etc.).

Devemos nos disciplinar para resistir à tentação de comprar tudo o que queremos. E também devemos desenvolver o hábito de viver de maneira frugal por amor ao Filho do homem.

Tudo o que estiver acima das nossas necessidades deve ser colocado na obra do Senhor (1Tm 6:8). Lembre-se de que tudo pertence a ele. Somos apenas seus administradores. Nosso negócio é estender a causa de Jesus na terra por meio de nossos melhores esforços.

Certamente haverá objeções, declarando que investir tudo o que estiver além de comida, roupas e moradia na obra do Senhor é apressado, imprevidente, míope.

Bem, temos o registro de uma pessoa que fez isso. Ela era viúva e jogou suas duas moedas na caixa de coleta. Jesus não a reprovou. Ele disse: “Afirmo-lhes que esta viúva pobre colocou mais do que todos os outros. Todos esses [ricos] deram do que lhes sobrava; mas ela, da sua pobreza, deu tudo o que possuía para viver” (Lc 21:3-4).

Somos proibidos de acumular tesouros na terra. As palavras das Escrituras são claras e inequívocas:

> Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.
>
> Mateus 6:19-20

Se dependesse da maioria de nós, esses versículos poderiam muito bem ser riscados da Bíblia. Cremos que Jesus falou isso. Cremos que eles foram divinamente inspirados, mas achamos que não se aplicam a nós. Não obedecemos àquilo que eles dizem. Para nós, é como se o Senhor não os tivesse pronunciado.

Contudo, a verdade permanece, de que é *pecado* acumular tesouros na terra. Isso caminha em direção oposta à Palavra de Deus. O que chamamos de prudência e previsão é de fato rebelião e iniquidade. E continua sendo verdade que onde está o nosso tesouro, ali também está o nosso coração.

Certa vez, o dr. Samuel Johnson foi levado a uma propriedade luxuosa. Ele passou pela mansão e pelos terrenos muito bem cuidados. Então, voltou-se para seus amigos e disse: “Essas são as coisas que tornam a morte tão difícil”.

Finalmente, devemos confiar nosso futuro a Deus. Ele chamou seu povo a uma vida de fé, uma vida de dependência dele. Jesus nos ensina a orar: “Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia” (Mt 6:11). Por meio da história do maná, Deus nos ensina a nos voltarmos para ele dia a dia em busca do suprimento das nossas necessidades (Êx 16:14-22). Ele próprio deve ser a nossa segurança; não devemos nos apoiar nas canas quebradas deste mundo.

Portanto, esta é a vontade de nosso Senhor para seu povo: que possamos perceber que somos administradores e tudo o que temos pertence a ele; que nos contentemos em ter nossas necessidades supridas; que vivamos da maneira mais econômica possível; que possamos investir tudo aquiloque está além das nossas necessidades na obra do Senhor; que não acumulemos tesouros na terra; e que confiemos que ele vai cuidar do nosso futuro.

17

Qual é o perigo?

Afinal, por que é errado que um cristão acumule riqueza, que tenha muitos bens?

Primeiramente, é errado porque a Bíblia diz isso (Mt 6:19); essa já deveria ser uma razão suficiente. Por que foi errado que Adão e Eva comessem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal? Porque Deus disse que era errado. Isso deveria pôr um ponto final na questão para todos nós.

Contudo, também é errado porque negligencia a vasta necessidade espiritual do mundo hoje (Pv 24:11-12). Milhões de homens e mulheres, meninos e meninas nunca ouviram falar do evangelho da graça de Deus. Milhões não possuem uma Bíblia ou literatura evangélica de qualidade. Milhões estão morrendo sem Deus, sem Cristo, sem esperança.

É uma espécie de fratricídio espiritual termos os meios de espalhar o evangelho e não usá-los (Ez 33:6).

Isso é um testemunho alto e claro de uma ausência singular do amor de Deus no coração daquele que acumula bens. Pois “se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?” (1Jo 3:17).

Quando dois leprosos famintos do Antigo Testamento se viram diante de um grande suprimento de comida, satisfizeram sua própria fome e então correram para compartilhar sua descoberta com outros (2Rs 7:9). Por acaso os cristãos que estão debaixo da graça deveriam mostrar menos compaixão que os leprosos debaixo da lei?

Terceiro, é errado amontoar dinheiro porque ele nos caleja em relação às enormes necessidades físicas do mundo (Pv. 3:27-28; 11:26). O homem rico de Lucas 16 não estava preocupado com o mendigo à sua porta. Caso tivesse, simplesmente, ido até a janela e aberto a cortina, ele teria visto um genuíno caso de necessidade, um objeto digno no qual gastar um pouco do seu dinheiro. Mas ele não se importou.

O mundo está cheio de Lázaros. Eles estão deitados à nossa porta. Jesus está nos dizendo: “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mt 22:39). Se nos recusarmos a ouvi-lo agora, talvez um dia ouçamo-lo dizer a nós:

> Pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e nada me deram para beber... Digo-lhes a verdade: O que vocês deixaram de fazer a alguns destes mais pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo.
>
> Mateus 25:42-45

É errado que o cristão acumule tesouros na terra porque isso faz que os inimigos de Deus blasfemem (Rm 2:24). Foi isso que levou Voltaire a dizer: “Quando se trata de dinheiro, todos os homens são da mesma religião”.

Muitas pessoas não-salvas estão familiarizadas com o ensinamento do Senhor. Elas sabem que Jesus ensinou que devemos amar o nosso próximo. Elas enxergam a notável inconsistência quando aqueles que professam seguir a Jesus se dão ao luxo de viver em casas magníficas, andar em carros luxuosos, desfrutar de enormes banquetes e usar roupas caras.

É hora de a Igreja acordar! Fale com jovens instruídos de qualquer parte do mundo e ouça as críticas que eles têm ao cristianismo! Eles não se opõem à ética de Jesus, mas levantam violenta oposição à fortuna da Igreja e dos cristãos em meio a um mundo de pobreza opressiva.

Certa vez, alguém disse que uma nuvem de desgraça espreita aqueles que alcançam a prosperidade financeira. Que a Igreja dê ouvidos a isto!

Contudo, não estamos preocupados apenas com os efeitos sobre os não-cristãos. Também pensamos no efeito sobre os jovens cristãos. Eles veem o exemplo de seus anciãos. Mais importante que qualquer coisa que possamos dizer é como vivemos. Nosso senso de valores é mostrado nem tanto pela tocante mensagem missionária que pregamos no domingo, mas pelo objetivo que perseguimos de segunda a sexta-feira.

Os jovens julgam a veracidade de nossa peregrinação pelo valor da nossa “tenda”. Eles não se impressionam com os apelos apaixonados para levantamento de fundos para a obra de Deus feitos por aqueles que poderiam satisfazer a necessidade com um simples movimento da caneta.

Se nossa vida é gasta no acúmulo de riquezas, não devemos nos surpreender que os jovens sigam o nosso exemplo. Que nunca nos esqueçamos da advertência do Senhor Jesus:

> É inevitável que aconteçam coisas que levem o povo a tropeçar, mas ai da pessoa por meio de quem elas acontecem. Seria melhor que ela fosse lançada no mar com uma pedra de moinho amarrada no pescoço, do que levar um desses pequeninos a pecar.
>
> Lucas 17:1-2

Outra razão pela qual é pecaminoso acumular riquezas é que isso é roubar de Deus (Ml 3:8). Já vimos que tudo o que temos pertence a Deus. Se não podemos usar isso diretamente para o avanço dos interesses do Senhor, deveríamos pelo menos entregá-lo àqueles que podem fazê-lo. Manter os recursos guardados num pedaço de pano é indesculpável (Lc 19:20-26).

A falha em obedecer ao Senhor na questão da boa administração financeira fecha porções da Bíblia para nós (Mt. 6:22-23). Tornamo-nos cegos para passagens que são bastante simples de entender. É uma estranha deformação da natureza caída, mas é a verdade.

> Quanto mais distante do centro pessoal de nossa vida e de nossas responsabilidades estiver uma área — como, por exemplo, no caso da física e da matemática —, menos a trama pecaminosa de nossa natureza afetará nossa conclusão. Quanto mais perto da nossa responsabilidade pessoal diante do nosso Criador um estudo nos leva, mais a natureza pecaminosa procura cegar a mente para as verdades nas quais não queremos acreditar, além de nos incentivar a nos apegarmos a algumas hipóteses que aparentemente vão nos aliviar dessa responsabilidade.[1]

Nessa mesma linha, Harrington C. Lees escreveu certa vez: “A parte mais sensível do homem civilizado é seu bolso, e uma das lutas mais ferrenhas que o pregador pode ter de travar acontece quando sua pregação toca os bolsos de seus ouvintes”.

Passagens sobre autonegação têm pouca relevância aparente quando estamos vivendo em paz em Sião. Certamente, não podemos ensinar de modo eficaz passagens às quais nós mesmos não obedecemos. Assim, uma das maldições da desobediência, como em todas as áreas, é uma Bíblia mutilada (Mt 13:14-15).

A acumulação de riquezas torna a vida de fé praticamente impossível. Por quê? Porque é quase impossível ter riquezas e não confiar nelas. O homem com dinheiro não sabe quanto depende dele. “A riqueza dos ricos é a sua cidade fortificada, eles a imaginam como um muro que é impossível escalar” (Pv 18:11).

Esse homem depende do dinheiro para resolver todos os seus problemas, para dar-lhe contentamento agora e segurança no futuro. Se ele perder tudo repentinamente, todos os seus suportes e muletas se vão, e ele pode entrar num estado de pânico.

A verdade é que preferimos confiar num extrato bancário, que podemos ver, a crer num Deus que não podemos enxergar. A ideia de não ter nada ou

ninguém além de Deus em quem confiar é suficiente para produzir um colapso nervoso.

Deixados nas mãos do Senhor, não sentimos que estamos seguros. Se tivermos uma fortuna em nossas mãos e se estivermos protegidos contra circunstâncias e mudanças por meio de algumas garantias confortáveis, então nos sentimos suficientemente seguros. Esse sentimento é certamente muito geral: “Todos nós corremos o risco de escorregar para essa forma de desconfiança inquieta na providência paternal de Deus”.[2]

A vontade de Deus é que nossa vida seja uma perpétua crise de dependência dele. Destruímos a vontade do Senhor em nossa vida quando acumulamos tesouros na terra.

A vida de fé é a única vida que agrada a Deus; sem fé é impossível agradar-lhe (Hb 11:6).

A vida de fé é a única vida que tem verdadeira segurança. “A promessa vem pela fé” (Rm 4:16). Uma vez que nada é tão seguro quanto a promessa de Deus, o resultado é que a vida de fé é uma vida livre de preocupações. Distúrbios nervosos e emocionais surgem do materialismo, e não por se caminhar com Deus pela fé.

A vida de fé é a única vida que dá toda a glória a Deus. Quando caminhamos por aquilo que vemos, glorificamos a engenhosidade e a inteligência humanas.

A vida de fé fala alto e bom som aos não-crentes e aos outros cristãos. Ela testifica a todos de que existe um Deus no céu que responde às orações. A fé é o oposto da visão; quando pode ver, você não pode confiar. Acumular riquezas impossibilita a vida de fé.

A vida de fé não surge automaticamente quando uma pessoa se torna cristã. Ela exige uma ação deliberada por parte dessa pessoa. Isso é especialmente verdadeiro na sociedade afluente. O crente deve colocar-se numa posição na qual ele é compelido a confiar em Deus. Pode fazer isso vendendo tudo o que tem e dando aos pobres. Somente quando se livra de suas reservas e de outros falsos apoios é que o crente pode de fato lançar-se nas profundezas.

Não apenas isso, mas é desonroso para nosso Senhor que reinemos como reis num mundo no qual ele ainda é rejeitado e onde seus servos são perseguidos. Paulo retratou os crentes de Corinto como se estivessem sentados nos lugares mais caros do estádio, com coroas sobre a cabeça e

usando as roupas mais finas. Ao mesmo tempo, ele retratou os apóstolos na arena, prontos para serem devorados pelos animais selvagens.

> Ah, sei que vocês são ricos e prósperos! Vocês têm vivido como reis enquanto nós estamos fora, não é mesmo? Gostaria que vocês realmente fossem reis aos olhos de Deus, para que reinássemos com vocês!
>
> Às vezes penso que Deus quer que nós, os mensageiros, apareçamos por último no cortejo da humanidade, tais como os homens que vão morrer na arena, pois na verdade temos nos tornado um espetáculo público perante os anjos do céu e os olhos dos homens. Tratam-nos como tolos por causa de Cristo, mas vocês são sábios na fé cristã. Somos considerados fracos, mas vocês se tornaram fortes; vocês encontraram a honra; nós, pouco mais do que desprezo. Até este exato momento, estamos famintos e sedentos, quase sem roupa, somos esmurrados e encontramo-nos praticamente sem teto. Ainda temos de exercer atividades manuais para poder sobreviver. As pessoas nos amaldiçoam, mas retribuímos com bênção; elas tornam nossa vida miserável, mas suportamos com paciência. Arruínam nossa reputação, mas continuamos tentando ganhá-las para Deus. Até hoje, somos o lixo do mundo, sim, escória da sociedade.
>
> 1Coríntios 4:8-13, CH

Os crentes de Corinto estavam reinando como reis antes de o próprio Cristo ser coroado. Na cerimônia de coroação, é marca de grave desrespeito que pessoas inferiores coloquem suas tiaras antes que o monarca seja coroado.

Acumular uma fortuna é diretamente contrário ao exemplo do Senhor Jesus. Ele era infinitamente rico, mas voluntariamente tornou-se pobre com o objetivo de nos enriquecer por meio da sua pobreza (2Co 8:9).

No idioma original do Novo Testamento, existem duas palavras que normalmente são traduzidas por pobre. Uma delas representa a condição de um trabalhador que não tem nada além do essencial para viver. A outra significa aquele que é destituído ou privado de riqueza. Esta segunda palavra é a que Paulo usa para descrever o Senhor Jesus. Quantos de nós estamos dispostos a seguir a Jesus dessa maneira?

Outro mal das riquezas é que elas são prejudiciais à vida de oração. Se todas as necessidades materiais são atendidas, por que orar? Mais sério ainda é o fingimento de pedir a Deus que faça as coisas quando podemos fazê-las por nós mesmos. Como é comum, por exemplo, que nós, como crentes, peçamos a Deus que forneça os fundos para certos projetos quando nós mesmos podemos fornecer o dinheiro sem atraso! Muitas vezes, o próprio dinheiro do Senhor não está disponível a ele.

Finalmente, é errado que os cristãos acumulem riquezas porque isso pode incentivar outros a se tornarem cristãos na esperança de também se tornarem ricos. A pobreza dos primeiros crentes era um bem, não um problema.

> Uma religião que colocou o mundo de cabeça para baixo, embora seus primeiros pregadores fossem todos homens pobres, precisava que as necessidades fossem atendidas a partir do céu. Se os apóstolos tivessem dinheiro para dar aos seus ouvintes ou se fossem seguidos por exércitos ameaçadores, um infiel poderia muito bem negar que houvesse algo maravilhoso em seu sucesso. Mas a pobreza dos discípulos de nosso Senhor eliminava tais argumentos bem em sua origem. Com uma doutrina tão desagradável ao coração natural, com exatamente nada para subornar ou compelir à obediência, alguns poucos galileus humildes agitaram o mundo e mudaram a face do Império Romano. Somente uma coisa pode fazer isso. O evangelho de Cristo, que esses homens proclamavam, era a verdade de Deus.[3]

Gilmour da Mongólia escreveu: “Se eu for até eles como rico, ficarão continuamente pedindo-me coisas e talvez até me considerem mais como uma fonte de presentes do que qualquer outra coisa. Se eu for até eles com nada, a não ser o evangelho, não haverá nada para desviar sua atenção do dom indizível”.

Pedro e João encontraram um mendigo à porta do templo. Quando ele pediu-lhes uma esmola, Pedro disse: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto lhe dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande” (At 3:6).

Talvez alguns digam que os pregadores deveriam ser pobres, mas não que isso necessariamente se aplique a todos os cristãos. Em que lugar na Bíblia, ela ensina um padrão econômico para pregadores e outro diferente para os demais; um para missionários e outro para as pessoas de casa?

18

O caso dos bens congelados

Basta de razões pelas quais é errado que um cristão acumule riquezas. Devemos nos voltar agora para os argumentos comumente usados para justificar os crentes que possuem dinheiro guardado para seu futuro e o de sua família.

O primeiro argumento é mais ou menos assim: é razoável que separemos dinheiro para a velhice. O que vai nos acontecer quando não pudermos mais trabalhar? Devemos sempre nos precaver contra os dias chuvosos. Deus espera que usemos o bom senso.

Esse raciocínio parece convincente, mas essa não é a linguagem da fé. As reservas são muletas e apoios que se tornam substitutos da confiança no Senhor. Não podemos confiar quando vemos.

Uma vez que decidimos guardar para o nosso futuro, incorremos nos seguintes problemas: quanto será suficiente? Quanto tempo vou viver? Haverá uma recessão? Haverá inflação? As despesas médicas serão altas?

É impossível saber qual valor será suficiente. Desse modo, passamos a vida inteira acumulando riquezas com o fim de ter-mos provisão para alguns poucos anos de aposentadoria. Enquanto isso, Deus tem sido roubado e nossa própria vida tem sido gasta na busca de segurança onde ela não pode ser comprada.

Muito melhor é trabalhar diligentemente para suprir nossas necessidades atuais, servir ao Senhor ao máximo, investir tudo o que está além das nossas necessidades básicas na obra do Senhor e confiar que ele vai cuidar do nosso futuro. Para aqueles que colocam Deus em primeiro lugar, ele prometeu: “Todas essas coisas lhes serão acrescentadas” (Mt 6:33).

Aos filipenses, que estavam usando o dinheiro do Senhor para espalhar a verdade, Paulo escreveu: “O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês, de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus” (Fp 4:19).

Há um drama indescritível na atual filosofia, que é o de alguém dedicar a vida para aquisição de riquezas, com a esperança de entregar-se na

aposentadoria ao Senhor. Significa dar o melhor de nossa vida a uma empresa e o resto a Jesus. Esse resto, ainda assim, é bastante incerto, pois com frequência ele acaba antes de conseguirmos tirar o pó de nossa Bíblia.

Parece ser de bom senso guardar provisões para os tempos difíceis. Mas o cerne da questão foi muito bem apresentado por Cameron Thompson: “Deus derrama suas mais escolhidas bênçãos sobre aqueles que estão ansiosos para não permitir que nada fique grudado em suas mãos. Indivíduos que valorizam os dias difíceis acima da agonia atual do mundo não receberão bênçãos de Deus”.

Um segundo argumento usado para justificar o acúmulo de riquezas na terra está baseado no texto de 1Timóteo 5:8: “Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente”.

Nesta passagem, Paulo está tratando do cuidado às viúvas da igreja. Ele declara que os parentes cristãos de uma viúva são responsáveis por cuidar dela. Se ela não tiver nenhum parente para fazer isso, então a igreja deve cuidar dela.

A coisa importante a notar, porém, é que Paulo não está falando sobre reservar fundos para apoiar a viúva em alguma época no futuro. Em vez disso, ele está falando de suas necessidades atuais. Os cristãos devem cuidar de parentes necessitados todos os dias; se não o fazem, essa é uma negação prática da fé cristã que ensina amor e generosidade. Até mesmo os descrentes cuidam de seus conhecidos. O crente que não o faz é, portanto, pior que um descrente.

O versículo não diz nada sobre reservas, ações ou um *portfolio* de investimentos. Ele trata das necessidades atuais, não das obrigações futuras.

O terceiro argumento está relacionado de maneira muito próxima ao segundo. Muitos pais cristãos sentem que é parte de sua responsabilidade deixar uma herança de valor razoável para seus filhos. Eles sentem que isso é parte daquilo que significa cuidar dos seus (1Tm 5:8). Não importa se os filhos são crentes ou não, o desejo profundo é deixar um pé-de-meia significativo.

A passagem de 2Coríntios 12:14 às vezes é usada para ensinar que os pais devem economizar, de modo que possam deixar algo para seus filhos. Ela diz o seguinte: “Os filhos não devem ajuntar riquezas para os pais, mas os pais para os filhos”.

Conforme declarado anteriormente, o contexto imediato trata da questão do apoio financeiro de Paulo. Ele não tirou nenhum dinheiro dos crentes de Corinto, mas foi apoiado por ofertas de outras igrejas enquanto esteve pregando em Corinto (2Co 11:7-8). Agora, ele está pronto para ir a Corinto mais uma vez, mas garantiu que não lhes seria um fardo (12:14), ou seja, que não dependeria de qualquer assistência financeira da parte deles. Ele não estava interessado nos bens materiais daqueles crentes, mas em seu bem-estar espiritual.

É neste ponto que ele adiciona a frase “os filhos não devem ajuntar riquezas para os pais, mas os pais para os filhos”. Os coríntios eram os filhos, e Paulo era o pai (1Co 4:15). Ele estava dizendo — obviamente com ironia — que eles não deveriam sustentá-lo; em vez disso, ele é que os sustentaria. Paulo disse isso com ironia porque eles de fato deveriam ter contribuído para seu sustento (1Co 9:11,14), mas, nesse caso, optou por abrir mão desse direito.

A coisa importante a notar é que essa passagem não tem nada que ver com armazenar reservas para o futuro. Não se trata de modo algum desse assunto. Era uma questão de necessidades atuais, e Paulo estava dizendo “afinal de contas, os filhos normalmente não sustentam seus pais; são os pais que sustentam seus filhos”.

Certamente a prática de construir uma herança para os filhos não encontra apoio no Novo Testamento. O maior legado que os pais podem deixar é o espiritual, mas a preocupação em ganhar dinheiro é exatamente a coisa que impede a provisão dessa herança.

Pense nos males que surgiram a partir dos legados financeiros que cristãos deixaram. Muitos jovens foram arruinados espiritualmente a partir do momento que a riqueza lhes foi confiada. Eles ficaram inebriados com o materialismo e o prazer, e foram estragados para o serviço de Cristo.

Pense também nos conflitos que surgem em famílias outrora pacíficas, como resultado de testamentos e propriedades. Irmã passa a ter ciúme de irmã, e irmão, de irmão. Discussões amargas continuam pelo resto da vida.

Uma briga familiar sobre uma herança está registrada em Lucas 12:13-14. Jesus recusou-se a se envolver nela; ele não viera à terra para esse tipo de trabalho. Mas ele reservou tempo para proferir uma dura advertência contra a cobiça ao homem infeliz que não fora mencionado no testamento.

Assim, temos a seguinte situação: os pais trabalham duro por toda a vida para conseguir deixar alguma coisa para seus filhos. Eles envelhecem e

adoecem, passam a depender do cuidado de sua família, e os filhos ingratos mal podem esperar que o pai morra para colocar as mãos no dinheiro.

O dinheiro deixado para filhos não-salvos ou para filhos cristãos com cônjuge não-crente tem aberto caminho para uma igreja falsa e sido usado para a destruição do evangelho, em vez de para sua proclamação. Pense nisso! O dinheiro dos crentes está sendo empregado para combater a Verdade!

Também devemos pensar nas enormes quantidades de dinheiro que vão para o governo por meio de impostos sobre heranças e honorários advocatícios. Tudo isso poderia ter sido usado para a salvação de almas.

Alguns cristãos tentam evitar algumas dessas dores deixando seu dinheiro para organizações cristãs. Mas não há garantia de que o dinheiro chegará a essas organizações. É muito comum os testamentos serem contestados e anulados. Mesmo se isso não acontecer, a prática de deixar seu dinheiro em testamento carece de apoio bíblico. Não há certeza de que as organizações ainda serão fiéis ao Senhor e à sua Palavra quando o testamento for aberto.

Os crentes não serão recompensados por aquilo que deixam num testamento. No minuto em que morrem, o dinheiro deixa de ser deles e torna-se propriedade do espólio.

O homem amontoa riquezas sem saber quem vai ficar com elas (Sl 39:6). A única maneira de ter certeza de que seu dinheiro será usado para o Senhor é usá-lo enquanto você está vivo. E essa é a única maneira de obter uma recompensa futura.

Dizemos que cremos na iminente volta do Senhor Jesus. Sendo assim, deveríamos perceber que, quanto mais perto chegamos de sua vinda, menos valor nossos bens materiais têm. Quando ele de fato vier, nossa riqueza não terá valor algum para nós nem para a obra de Deus. Sendo assim, a melhor coisa é colocar nossos bens para trabalhar para Jesus *agora*.

Então surge o seguinte argumento: “Se todo mundo colocar na obra do Senhor tudo aquilo que está acima de uma vida modesta, como viveremos? Alguém tem de manter as coisas”.

Como viveremos? A resposta é: “Mais pela fé, menos pelo que vemos!”. Não há propósito em argumentar que isso não funciona porque funcionou nos primeiros dias da igreja.

> Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade.

Atos 2:44-45

> Não havia pessoas necessitadas entre eles, pois os que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro da venda e o colocavam aos pés dos apóstolos, que o distribuíam segundo a necessidade de cada um.
>
> Atos 4:34-35

Ao escrever aos Coríntios, Paulo ensinou que nossos bens materiais deveriam ser líquidos, não congelados. Sempre que soubermos de uma necessidade genuína, nossos fundos devem fluir para satisfazer aquela necessidade. Então, se nós mesmos passarmos por necessidade, do mesmo modo outros fundos fluirão até nós. Dessa maneira, haveria uma constante equilibrando todo o povo de Deus.

> Nosso desejo não é que outros sejam aliviados enquanto vocês são sobrecarregados, mas que haja igualdade. No presente momento, a fartura de vocês suprirá a necessidade deles, para que, por sua vez, a fartura deles supra a necessidade de vocês. Então haverá igualdade, como está escrito: “Quem tinha recolhido muito não teve demais, e não faltou a quem tinha recolhido pouco”.
>
> 2Coríntios 8:13-15

Em outras palavras, se qualquer pessoa que vive de maneira dedicada ao Senhor tivesse sido fiel na administração de seus bens, outros crentes deveriam estar dispostos e felizes em compartilhar com ele se a necessidade viesse a surgir.

Se formos bastante honestos, precisamos admitir que consideramos repugnante a ideia de depender dos outros. Temos orgulho de nossa independência. Mas não seria isso uma manifestação da nossa própria vida, em vez de uma mostra da vida do Senhor Jesus em nós?

As instruções de Paulo para o cuidado das viúvas, presentes em 1Timóteo 5:3-13, pressupõem uma igreja na qual o amor de Deus transborda dos corações humanos, onde os santos exercem cuidado mútuo uns pelos outros e o dinheiro flui livremente para todo lugar onde exista uma necessidade verdadeira. E se for dito que, embora tenha funcionado na igreja primitiva, não funcionaria hoje, a resposta é simplesmente esta: está funcionando hoje. Existem cristãos que estão vivendo essa vida de fé. E o poder e a atração dessas vidas não podem ser negados.

Alguém, porém, objetará: “Paulo não disse ‘Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura’ (Fp 4:12)?”. O inquiridor obviamente imagina o Paulo necessitado vagando por um deserto inexplorado, faminto, sedento, cansado, mal vestido e mal calçado. Mas, então, o Paulo da abundância é visto como um jovem rapaz bronzeado, andando em sua

carruagem conversível em algum *resort* da costa, vestido com as roupas da última moda de Roma e passando duas semanas de férias ali. Em outras palavras, ele conseguia viver com dureza ou com abastança.

Não é bem isso que Paulo está dizendo em sua carta aos Filipenses. Devemos nos lembrar que aquela carta foi escrita da prisão, onde ele se achava, não na praia de um hotel de veraneio. Ao escrever da prisão, ele disse: “Recebi tudo, e o que tenho é mais que suficiente. Estou amplamente suprido, agora que recebi de Epafrodito os donativos que vocês enviaram. São uma oferta de aroma suave, um sacrifício aceitável e agradável a Deus” (Fp 4:18).

Poderíamos pensar que o aprisionamento estaria ao lado da “necessidade” do seu balanço, mas Paulo coloca-o ao lado da “fartura”. Portanto, não é correto usarmos Filipenses 4:12 para justificar vidas de riqueza e luxo. Não é isso que o versículo ensina.

Bem, então o que dizer do versículo que fala que Deus “de tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação” (1Tm 6:17)? Ele normalmente é citado como uma prova bíblica de que o crente deve desfrutar das “boas coisas da vida”, o que significa que é direito dele desfrutar do mais recente e do melhor. Seu mote é: “Nada é bom demais para o povo de Deus”.

Mais uma vez, porém, se esquece do contexto. Perceba como o versículo se inicia: “Ordene aos que são ricos no presente mundo que não sejam arrogantes, nem ponham sua esperança na incerteza da riqueza” (1Tm 6:17). Em outras palavras, longe de ser uma desculpa para a auto-indulgência, as palavras presentes nessa passagem soam como uma solene condenação aos ricos.

Bem, então o que significa dizer que Deus nos provê ricamente, para a nossa satisfação? Significa que ele não nos deu essas coisas para que as acumulemos; ele deseja que desfrutemos delas compartilhando-as com os outros. Isso fica claro a partir dos dois versículos seguintes:

> Ordene-lhes que pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e prontos a repartir. Dessa forma, eles acumularão um tesouro para si mesmos, um firme fundamento para a era que há de vir, e assim alcançarão a verdadeira vida.
>
> 1Timóteo 6:18-19

A alegria dos ricos não é encontrada em possuir, mas em usar essas coisas para a glória de Deus e para o bem dos outros.

Somos frequentemente lembrados de que Abraão era um homem rico (Gn 13:2) e, mesmo assim, foi chamado de amigo de Deus (Tg 2:23). É

claro que isso é verdade, mas devemos nos lembrar que Abraão viveu no período do Antigo Testamento, quando a prosperidade material foi prometida àqueles que obedecessem ao Senhor. As riquezas eram um sinal da bênção de Deus. Seria isso verdadeiro na dispensação da graça de Deus? Seria mais correto dizer que a adversidade é a bênção deste período.

Na parábola de Lázaro e o homem rico (Lc 16:19-31), os padrões do Antigo Testamento foram invertidos. O rico foi condenado porque deixou de usar sua riqueza para os outros, acumulando-a para si mesmo.

Contudo, não somos ensinados a aprender com a formiga?

> Observe a formiga, preguiçoso, reflita nos caminhos dela e seja sábio! Ela não tem nem chefe, nem supervisor, nem governante, e ainda assim armazena as suas provisões no verão e na época da colheita ajunta o seu alimento.
>
> Provérbios 6:6-8

Isso não mostra que a formiga faz provisão para o seu futuro e que devemos imitá-la nesse assunto? Sim, mas a coisa importante a lembrar é que, enquanto o futuro da formiga está nesta terra, o futuro do cristão está no céu. O crente é peregrino e estrangeiro aqui; sua casa é nas alturas. E ele deve acumular tesouros para o seu futuro.

No que se refere à vida aqui, porém, é proibido que ele tenha pensamentos ansiosos em relação ao amanhã — quanto ao que vai comer ou vestir (Mt 6:25). Em vez disso, ele é instruído a imitar os pássaros, que nunca constroem armazéns próximos aos seus ninhos; contudo, nosso Pai celestial os alimenta. O argumento é que, se Deus cuida dos pardais, muito mais ele cuidará de nós!

Um último argumento apresentado é que uma pessoa deve ser rica para alcançar os ricos. Os cristãos dos primeiros anos da igreja não pensavam assim.

> A história nos conta que muitos dos primeiros cristãos estavam tão ansiosos por levar o evangelho de Cristo a todos os lugares que chegaram até mesmo a se colocar como servos ou se venderem como escravos para que pudessem ser admitidos nas casas dos ricos e grandes entre os ímpios. Vivendo assim, teriam oportunidade para falar naqueles lares sobre o amor de Jesus e sua salvação.[1]

19

O que a Bíblia diz?

Acabamos de discutir os principais argumentos que servem como justificativa para os cristãos viverem em riqueza num mundo onde prevalece a pobreza degradante. Num forte contraste com esses poucos e fracos argumentos, estão as muitas porções da Palavra que nos advertem acerca dos perigos das riquezas.

> O fiel será ricamente abençoado, mas quem tenta enriquecer-se depressa não ficará sem castigo... O invejoso é ávido por riquezas, e não percebe que a pobreza o aguarda.
>
> Provérbios 28:20,22

A busca frenética por riquezas materiais é uma busca indigna de alguém que foi criado à imagem e semelhança de Deus.

> Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro.
>
> Mateus 6:24

Deus e o dinheiro estão aqui representados como dois senho-res cujos interesses são tão opostos que é impossível servir a ambos. Isso lança um golpe mortal sobre o desejo de viver para dois mundos, ser rico agora e ser rico depois, desfrutar de riqueza aqui embaixo e ser recompensado lá em cima. Jesus disse:

> Digo-lhes a verdade: Dificilmente um rico entrará no Reino dos céus. E lhes digo ainda: É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus.” Ao ouvirem isso, os discípulos ficaram perplexos e perguntaram: “Neste caso, quem pode ser salvo?” Jesus olhou para eles e respondeu: “Para o homem é impossível, mas para Deus todas as coisas são possíveis.
>
> Mateus 19:23-26

Fico pensando se levamos suficientemente a sério essas palavras de Jesus. Ele não disse que era difícil que um rico entrasse no Reino dos céus; ele disse que era humanamente impossível. Alguns explicam que o fundo da agulha refere-se a uma pequena porta no muro da cidade. Um camelo precisava se inclinar para passar por ela. Mas a agulha aqui referida é uma

agulha de tecer, e nenhum camelo pode passar por ela. Somente um milagre especial do poder divino pode capacitar um homem rico a entrar no Reino. Por que então nos esforçamos tanto para defender isso que significa tamanho impedimento ao bem-estar eterno do homem?

"Mas ai de vocês, os ricos, pois já receberam sua consolação" (Lc 6:24). Aqui, o santo Filho de Deus pronunciou um ai sobre as pessoas ricas. A palavra só pode ser considerada literalmente aqui. Não pode significar nada além de ricos. Por que então procuramos abençoar a quem Deus não abençoou?

> Vendam o que têm e deem esmolas. Façam para vocês bolsas que não se gastem com o tempo, um tesouro nos céus que não se acabe, onde ladrão algum chega perto e nenhuma traça destrói. Pois onde estiver o seu tesouro, ali também estará o seu coração.
>
> Lucas 12:33-34

Essas palavras foram ditas aos discípulos (cf. v. 22). Tentamos evitá-las dizendo que não são para nós. Mas por que não? Ao resistir a tais versículos, estamos apenas resistindo a uma bênção.

Como é difícil para nós, nesta era de graça, vender nossos tão queridos bens — nossos diamantes e outras joias, nossas pinturas originais, nossa mobília antiga, nossa fina prataria, nossa coleção de selos — e colocar o valor levantado para trabalhar pela salvação de almas por todo o mundo. Onde está o nosso coração? Está no cofre do banco? Ou no céu? "Pois onde estiver o seu tesouro, ali também estará o seu coração".

> Ao ouvir isso, disse-lhe Jesus: "Falta-lhe ainda uma coisa. Venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois venha e siga-me". Ouvindo isso, ele ficou triste, porque era muito rico.
>
> Lucas 18:22-23

Somos constantemente ensinados que o jovem rico foi um caso especial, que o mandamento de vender tudo não foi dirigido a todos. Ainda que fosse esse o caso, o ensinamento não é substancialmente diferente daquilo que é encontrado na passagem que acabamos de considerar.

Lucas 12:33-34

> De fato, a piedade com contentamento é grande fonte de lucro, pois nada trouxemos para este mundo e dele nada podemos levar; por isso, tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos. Os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição, pois o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. Algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e se atormentaram com muitos sofrimentos. Você, porém, homem de Deus, fuja de tudo isso e busque a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão.

Paulo advertiu que aqueles que cobiçam o dinheiro se atormentam com muitos sofrimentos. A quais sofrimentos ele estava se referindo?

O primeiro deles é a preocupação que invariavelmente acompanha a riqueza. “A fartura de um homem rico não lhe dá tranquilidade para dormir” (Ec 5:12). As riquezas que deveriam trazer segurança de fato trazem o oposto: constante medo de roubo, inflação ou desvalorização dos bens.

Em segundo lugar, está a preocupação de ver seus filhos arruinados espiritualmente em razão de uma superabundân-cia de coisas materiais. Poucos filhos de crentes ricos seguem ao Senhor.

Então, existe a amargura de ter riquezas que decepcionam quando você mais precisa delas. A pessoa rica nunca sabe quantos amigos tem. Talvez possa parecer que a passagem de Provérbios 14:20 contradiga isso: “Os pobres são evitados até por seus vizinhos, mas os amigos dos ricos são muitos”. Mas será que são amigos verdadeiros — ou estão apenas agindo assim por motivos egoístas?

As riquezas inevitavelmente deixam de satisfazer o coração, criando, porém, um incessante desejo por mais (Ec 2:8, 4:8; 5:10).

Finalmente, a riqueza normalmente tem efeitos contrários sobre o caráter de uma pessoa, produzindo orgulho (Pv 28:11) e modos rudes (Pv 18:23; Tg. 2:5-7), por exemplo. Matthew Henry nos lembra: “A palavra hebraica traduzida por riquezas significa ‘pesado’; e as riquezas são um fardo — um fardo pela preocupação em obtê-las, um fardo pelo medo de mantê-las, um fardo de tentação, um fardo de tristeza e por controlá-las”.

> Ordene aos que são ricos no presente mundo que não sejam arrogantes, nem ponham sua esperança na incerteza da riqueza, mas em Deus, que de tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação. Ordene-lhes que pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e prontos a repartir. Dessa forma, eles acumularão um tesouro para si mesmos, um firme fundamento para a era que há de vir, e assim alcançarão a verdadeira vida.
>
> 1Timóteo 6:17-19

Nesses versículos, recebemos um mandamento: “Ordene aos que são ricos...”. Contudo, quantos servos de Deus cumprem essa incumbência? Quantos de nós já demos ordens aos ricos? A maioria de nós nem sequer ouviu um sermão sobre isso. Mas provavelmente nunca houve uma época em que essa mensagem revolucionária fosse mais necessária.

Com o objetivo de pregar a mensagem, devemos primeiramente ser obedientes a ela. Se estamos vivendo pelo que vemos, em vez de pela fé, não podemos dizer aos outros para não acumular tesouros na terra. A vida sela os lábios.

Deus está procurando homens de uma geração profética que possam falar corajosamente a palavra de Deus a despeito das consequências. Homens como Amós, que clamou:

> Ouçam esta palavra, vocês, vacas de Basã que estão no monte de Samaria, vocês, que oprimem os pobres e esmagam os necessitados e dizem aos senhores deles: "Tragam bebidas e vamos beber!" O Senhor, o Soberano, jurou pela sua santidade:"Certamente chegará o tempo em que vocês serão levados com ganchos, e os últimos de vocês com anzóis. Cada um de vocês sairá pelas brechas do muro, e serão atirados na direção do Harmom", declara o SENHOR.
>
> Amós 4:1-3

Ou, então, homens como Ageu, que proclamou: "Acaso é tempo de vocês morarem em casas de fino acabamento, enquanto a minha casa continua destruída?" (Ag 1:4).

É claro que os profetas nunca foram populares. A presença deles era uma vergonha para seus contemporâneos. Eles eram pressionados financeiramente e banidos socialmente. Às vezes, eram perseguidos e, se nada mais os silenciasse, então eram mortos. Não importava; eles preferiam falar a verdade a viver uma mentira.

O materialismo e a riqueza impedem o fluxo de poder espiritual na Igreja hoje. O reavivamento nunca acontecerá enquanto os crentes reinarem como reis. Quem vai se levantar e chamar o povo de Deus de volta à vida de fé e de sacrifício?

Quem mostrará ao povo como tomar posse da vida que é a vida verdadeira (1Tm 6:19)? C. H. Mackintosh escreveu: "A única vida real é viver à luz da eternidade — usar tudo o que possuímos para a promoção da glória de Deus, mantendo um olho nas mansões eternas. Isso, e apenas isso, é a vida a sério".

> O rico deve orgulhar-se caso passe a viver em condição humilde, porque o rico passará como a flor do campo. Pois o sol se levanta, traz o calor e seca a planta; cai então a sua flor, e a sua beleza é destruída. Da mesma forma o rico murchará em meio aos seus afazeres.
>
> Tiago 1:10-11.

O texto bíblico citado está dizendo que o homem rico não deve regozijar-se em suas riquezas, mas em qualquer coisa que o torne humilde. Por que é assim? Porque as riquezas são perecíveis como as plantas, enquanto as experiências e as lições espirituais possuem valor eterno.

> Ouçam agora vocês, ricos! Chorem e lamentem-se, tendo em vista a desgraça que lhes sobrevirá. A riqueza de vocês apodreceu, e as traças corroeram as suas roupas. O ouro e a prata de vocês enferrujaram, e a ferrugem deles testemunhará contra vocês e como fogo lhes devorará a carne. Vocês acumularam bens nestes últimos dias. Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que vocês retiveram com fraude, está clamando contra vocês. O lamento dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Vocês viveram luxuosamente na terra, desfrutando prazeres, e fartaram-se de comida em dia de abate. Vocês têm condenado e matado o justo, sem que ele ofereça resistência.
>
> Tiago 5:1-6

Aqui, o Espírito de Deus clama contra o acúmulo de riqueza (v. 3), ganhar dinheiro por meio de pagamento ou de salário injusto (v. 4), a vida luxuosa (v. 5) e contra tirar vantagem de pessoas inocentes que são incapazes de se opor (v. 6). É desnecessário discutir se esses versículos foram escritos para crentes ou descrentes. Se a carapuça servir, devemos vesti-la!

> Você diz: “Estou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada”. Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego, e que está nu. Dou-lhe este conselho: Compre de mim ouro refinado no fogo, e você se tornará rico; compre roupas brancas e vista-se para cobrir a sua vergonhosa nudez; e compre colírio para ungir os seus olhos e poder enxergar. Repreendo e disciplino aqueles que eu amo. Por isso, seja diligente e arrependa-se.
>
> Apocalipse 3:17-19

Esta é a mensagem final do Senhor às igrejas, suas palavras cortantes à igreja de Laodiceia. De fato, elas não precisam de explicação. Você sabe o que querem dizer. E nós sabemos que elas têm uma aplicação particular a nós mesmos. Só precisam de nossa obediência.

UMA ADVERTÊNCIA AO PREGUIÇOSO!

Sempre existe o perigo de que um capítulo como este possa ser usado como uma desculpa para a indolência. Alguém com uma clara aversão ao trabalho pode lê-lo e dizer “eu sempre acreditei nisso”.

Bem, esta mensagem não é para os que não têm recursos ou para aqueles que sentem que o mundo (ou a igreja) precisa cuidar deles. Deus tem uma mensagem diferente para pessoas assim: “Saia da cama e vá trabalhar” (cf. 2Ts 3:6-12).

Esta mensagem é para pessoas sérias, laboriosas e trabalhadoras. Aqueles que diligentemente atendem às necessidades atuais de suas famílias e vivem em primeiro lugar para os interesses do Senhor Jesus podem confiar em Deus quanto ao seu futuro.

UMA ADVERTÊNCIA QUANTO AO JULGAMENTO!

Existe outro perigo a ser evitado. É o perigo de condenar pessoas por causa de seus bens materiais. Não devemos julgar os outros, nem questionar sua devoção ao Senhor.

Uma coisa é declarar os princípios da Palavra de Deus sobre a questão das riquezas. Outra bastante diferente é entrar num lar cristão, fazer um rápido inventário mental dos seus ganhos e, então, apontar um dedo acusador para aquela pessoa. Todos nós somos responsáveis por ouvir aquilo que Deus diz e, então, fazer a aplicação à nossa própria vida. As necessidades atuais de uma grande família obviamente serão maiores do que as de uma única pessoa.

Não podemos dizer a ninguém o que significará para tal pessoa ser obediente aos mandamentos do Senhor. Como administradores, cada um de nós deve prestar contas a Deus de si mesmo, não dos outros. Portanto, que o Senhor nos livre de um espírito áspero, crítico e de censura em relação a outras pessoas!

Conclusão

Parece claro, com base na Palavra de Deus, que os crentes devem se satisfazer com comida, vestimenta e moradia; que eles devem ser industriosos em prover às necessidades atuais de suas famílias; e que tudo o que estiver sobrando deve ir para a obra de Deus. Eles não devem prover para si próprios a segurança futura, mas, sim, confiar que o Senhor fará isso. O grande objetivo de sua vida deve ser servir ao Senhor Jesus Cristo; tudo o mais deve estar subordinado a isso.

Essa é a vida ensinada nos evangelhos, praticada em Atos e exposta nas epístolas. O mais importante exemplo é o próprio Senhor Jesus. Mas a pergunta pode surgir: “Como posso praticar isso em minha própria vida? O que devo fazer?”.

A primeira coisa é nos entregarmos ao Senhor (2Co 8:5). Quando ele nos tem, é certo que tem nossos bens.

Então, à medida que o Senhor coloca seu dedo nas várias áreas de nossa vida, devemos responder imediatamente. Será que ele vai criar um desconforto em nosso coração quanto a comer em restaurantes caros? Quanto a gastar dinheiro em equipamento esportivo caro? Quando olharmos para aquele carro ou motocicleta de último modelo e de alto valor, ele pode nos mostrar a possibilidade de conseguir um veículo mais modesto e investirmos a diferença na expansão do evangelho. Ele pode revolucionar

nosso guarda-roupa com o objetivo de vestir a muitos com as vestes da justiça de Deus. Uma mudança para um emprego menos exigente pode ser indicada. Podemos perder nosso amor por aquela casa cara e pensar em nos mudar para uma residência menos opulenta.

Quando Deus começar a nos falar sobre esses assuntos, nós saberemos. Tudo será tão claro que nos recusaremos a ser declaradamente desobedientes.

A terceira coisa é esta: “Façam tudo o que ele lhes mandar” (Jo 2:5). Os amigos podem não entendê-lo. Os parentes podem reprová-lo. Haverá repercussões. Simplesmente siga Jesus e deixe as consequências com ele.

Coloque no trabalho de Deus tudo o que estiver acima das necessidades. Ore pedindo orientação. Peça que ele mostre para onde você deve enviar esses recursos. Ele o fará! Que o Senhor nos permita ver em nossa vida e em nossa geração uma volta a esse tipo de devoção cristã. Como John Wesley orou certa vez:

> Oh, que Deus me dê aquilo que desejo! Que, antes que eu siga adiante e não seja mais visto, possa eu ver uma pessoa totalmente dedicada a Deus, crucificada para o mundo e o mundo crucificado para ela. Uma pessoa verdadeiramente entregue a Deus em corpo, alma e substância! Quão alegremente eu então diria “agora podes despedir em paz o teu servo”.

SENHOR, QUEBRANTA-ME!

Os capítulos finais foram originalmente publicados como um livreto separado com o mesmo nome. Seria um erro mepreender uma discussão sobre discipulado sem enfatizar este assunto crucial.

20

Deus valoriza as coisas quebradas

> O quebrantamento do espírito que não resiste à mão do Pai é um elemento fundamental de fertilidade nas almas nas quais ele trabalha. Não é poder que ele busca em nós, mas fraqueza; nenhuma força resistente, mas submissão a ele. Todo poder é dele; sua força é aperfeiçoada na fraqueza.
>
> Autor desconhecido

Trinta anos depois de Andrew Murray ter escrito Permanecei em Cristo, ele disse: “Gostaria que você soubesse que um ministro ou autor cristão pode frequentemente ser levado a dizer mais do que ele próprio experimentou. [Quando escrevi *Permanecei em Cristo*] eu não havia experimentado tudo o que havia escrito. Não posso dizer que tenha experimentado tudo perfeitamente agora”.

Por acaso, não foi nesse mesmo espírito que o apóstolo Paulo escreveu “não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus” (Fp 3:12)?

Compartilho do mesmo sentimento com relação a estas palavras: “Senhor, quebranta-me!”. O peso do Senhor está sobre mim para escrever estas coisas. A verdade é sublime e urgente demais para ser deixada de lado simplesmente porque ainda não a experimentei em sua plenitude. Em relação a qualquer ponto no qual tenha falhado, transformo as coisas que escrevi no anseio do meu coração.

21

Deus deseja que todos nós sejamos quebrantados

Normalmente, quando alguma coisa está quebrada, seu valor decresce ou desaparece totalmente. Pratos quebrados, garrafas quebradas, espelhos quebrados geralmente são jogados fora. Até mesmo uma rachadura em um móvel ou um pequeno rasgo numa roupa reduz grandemente seu valor de revenda. Mas não é assim que funciona no reino espiritual. Deus valoriza muito as coisas quebradas — especialmente as pessoas. É por isso que lemos versículos como estes: "O SENHOR está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido" (Sl 34:18); "Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás"(Sl 51:17). Deus sabe como resistir ao orgulhoso e ao arrogante, mas não pode resistir a uma pessoa que é humilde e contrita. Deus se opõe ao orgulhoso, mas dá graça ao humilde (Tg 4:6). Existe algo em nosso quebrantamento que apela à compaixão e ao poder de Deus. Sendo assim, parte de seu maravilhoso propósito para nossa vida é que sejamos quebrantados — quebrantados no coração, no espírito e até mesmo no corpo (2Co 4:6-18).

CONVERSÃO: UMA FORMA DE QUEBRANTAMENTO

Somos apresentados ao processo de quebrantamento antes de nossa conversão, quando o Espírito Santo começa sua obra para nos convencer do pecado. Ele deve nos levar ao ponto onde estejamos dispostos a confessar que estamos perdidos, que somos indignos e que merecemos apenas o inferno. Lutamos a cada passo do caminho. Mas ele continua a lutar conosco até que nosso orgulho seja demolido, nossa língua prepotente seja silenciada e toda a resistência se vá. Deitados aos pés da cruz, nós finalmente sussurramos: "Senhor Jesus, salva-me!". A fera foi domada, o pecador foi controlado e o potro foi domesticado.

Sim, o potro foi quebrantado. Por natureza, o potro é uma criatura selvagem e contrária à lei. Diante da menor menção de um cabresto ou uma

sela, ele se ergue, foge, pula e dá coices. Pode ser um animal belo e de excelentes proporções, mas, enquanto não for domado, não tem uso para o serviço. Mas então chega o doloroso e prolongado processo de dobrar a vontade do potro de modo que ele se submeta ao arreio. Assim que a vontade do potro foi vencida por uma vontade mais forte, o animal encontra a verdadeira razão de sua existência.

Do mesmo modo, é bom que nos lembremos de que o Senhor Jesus foi um carpinteiro em Nazaré e, como tal, ele pode ter feito jugos de madeira. Alguém fez uma bela sugestão de que, se havia algum letreiro acima da porta de sua carpintaria, provavelmente era este: “Meus jugos se encaixam bem”. Mas a questão para nós é que nosso divino Senhor ainda é fabricante de jugos. Ele diz: “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11:29-30).

Contudo, os jugos são apenas para aqueles que estão quebrantados e submissos. Nossa vontade deve ser submetida e rendida antes que possamos aprender dele. Ele foi manso e humilde de coração. Devemos nos tornar como ele, e somente quando fizermos isso é que encontraremos descanso para a nossa alma.

Elementos do quebrantamento

Isso, porém, nos leva a uma pergunta básica: “O que significa verdadeiro quebrantamento? Como ele se manifesta na vida do crente? Quais são seus elementos básicos?”.

Arrependimento, confissão, pedido de perdão: talvez uma das primeiras coisas nas quais pensemos seja a prontidão para confessar o pecado a Deus e àqueles a quem ofendemos. O homem quebrantado é rápido em se arrepender. Ele não tenta varrer o pecado para debaixo do tapete. Não tenta esquecê-lo com a desculpa de que “o tempo cura todas as coisas”. Ele corre para a presença de Deus e clama: “Pequei”. Então, vai a qualquer pessoa a quem tenha ferido por meio de suas ações e diz: “Cometi um erro. Sinto muito. Preciso do seu perdão”. Se por um lado ele conhece a enorme vergonha de ter de pedir desculpas, por outro lado conhece a grande libertação de ter uma consciência limpa e de caminhar na luz.

A verdadeira confissão não encobre o pecado nem diminui sua realidade. Não é como a matrona não quebrantada que diz com arrogância: “Se fiz

alguma coisa errada, estou disposta a ser perdoada". O arrependimento genuíno diz: "Cometi um erro e estou aqui para dizer que sinto muito".

A vida de Davi foi encoberta pelo pecado e pelo fracasso, mas a coisa que mais alegrou o coração de Deus foi sua profunda penitência. Os salmos 32 e 51 nos permitem fazer uma reconstituição de suas transgressões, seu pecado e sua iniquidade. Nós o vemos durante o momento em que ele se recusou a se arrepender; a vida então tornou-se uma tragédia nos âmbitos físico, mental e espiritual. Nada dava certo. Parecia que tudo estava fora de lugar. Finalmente, ele se quebrantou. Ele confessou, e Deus o perdoou. Então os sinos começaram a tocar novamente, e Davi recuperou seu cântico.

No Novo Testamento, é Paulo quem nos dá uma ilustração de quebrantamento. Foi na época em que ele apareceu diante dos sumos sacerdotes e do Sinédrio em Jerusalém. Ao iniciar seus comentários com uma declaração de que sempre vivera com boa consciência, o sumo sacerdote se enfureceu e ordenou que o prisioneiro recebesse um tapa na boca. O apóstolo rapidamente se recompôs e disse: "Deus te ferirá, parede branqueada! Estás aí sentado para me julgar conforme a lei, mas contra a lei me mandas ferir?" (At 23:3).

Os espectadores ficaram chocados diante da grave repreensão de Paulo. Por acaso ele não sabia que estava falando com o sumo sacerdote? De fato, o apóstolo não sabia. Talvez Ananias não estivesse usando suas roupas oficiais ou não estivesse sentado no lugar de costume. Ou talvez tenha sido a vista fraca de Paulo. Qualquer que tenha sido a razão, não foi sua intenção falar daquela maneira com a autoridade legitimamente constituída. Assim, ele rapidamente pediu perdão por suas palavras, citando Êxodo 22:28: "Não blasfemem contra Deus nem amaldiçoem uma autoridade do seu povo". O apóstolo teve um rápido momento de mudança e demonstrou sua maturidade espiritual por meio de sua prontidão em dizer "eu estava errado. Sinto muito".

Restituição. Intimamente ligado a esse primeiro aspecto do quebrantamento, está a pronta restituição, venha de onde vier. Se roubei, danifiquei ou prejudiquei alguma coisa, ou se alguém sofreu perdas por causa do meu mau comportamento, não é suficiente pedir desculpas. A justiça exige que a perda seja reparada. Isso se aplica àquilo que aconteceu antes da minha conversão, assim como àquilo que acontece depois dela.

Depois de ter recebido o Senhor Jesus, Zaqueu se lembrou de alguns negócios escusos que fizera como coletor de impostos. Foi um instinto divino que o ensinou imediatamente que essas coisas erradas deveriam ser corrigidas. Assim, ele disse ao Senhor: “Olha, Senhor! Estou dando a metade dos meus bens aos pobres; e se de alguém extorqui alguma coisa, devolverei quatro vezes mais” (cf. Lc 19:7-9). A partícula “se” aqui não expressa nenhum tipo de dúvida ou indecisão. A ideia é “em todos os casos nos quais defraudei alguém de alguma coisa, restaurarei quadruplicado”. Seu propósito de restituir foi fruto de sua conversão. “Quatro vezes” era uma medida da vitalidade de sua nova vida.

Há casos nos quais é impossível fazer a restituição. Talvez registros tenham sido destruídos ou a quantidade exata foi esquecida com o passar do tempo. Deus sabe de tudo isso. Tudo o que ele quer é que paguemos aquilo que devemos, em todos os casos que for possível.

Isso deve ser sempre feito em nome do Senhor Jesus. Não há glória para Deus nisso se eu simplesmente disser “roubei isto. Desculpe-me. Agora quero restituí-lo”. A ação deve estar ligada ao testemunho de Cristo, como: “Recentemente, tornei-me cristão pela fé no Senhor Jesus Cristo. O Senhor tem falado comigo sobre algumas ferramentas que roubei de você cinco anos atrás. Vim pedir desculpas e devolvê-las”. Todo ato de justiça ou bondade que um cristão realiza deve estar combinado com um testemunho do Salvador, de modo que ele, e não a pessoa, receba a glória.

Um espírito perdoador. O terceiro aspecto do quebrantamento é a disposição de perdoar quando algo errado nos foi feito. Em muitos casos, isso exige quase tanta graça quanto pedir desculpas ao fazer a restituição. De fato, o Novo Testamento é surpreendentemente explícito em nos delinear as instruções sobre essa questão de perdoar os outros.

Primeiramente, todas as vezes que nos for feito algum mau, devemos imediatamente perdoar a pessoa em nosso coração (Ef 4:32). Não vamos até a pessoa e dizemos que ela está perdoada, mas, em nosso coração, realmente a perdoamos.

> No momento em que um homem me causa algum dano, devo perdoá-lo. Então, minha alma fica livre. Se eu retiver o dano contra ele, peco contra Deus e contra ele, e ponho em perigo meu perdão com Deus. Quer o homem se arrependa, faça acertos e peça meu perdão ou não, isso não faz diferença. Eu o perdoei instantaneamente. Devemos encarar Deus com o erro que foi cometido, mas essa é uma questão dele e de Deus, e não minha, a não ser no aspecto de que devo ajudá-lo de acordo com Mateus 18:15 etc. Mas, quer isso gere um bom resultado ou não, e até mesmo antes que isso se inicie, devo perdoá-lo.[1]

Existe uma enormidade de pequenas coisas que podem ser perdoadas e esquecidas imediatamente. É de fato uma vitória quando podemos fazer isso. “O amor... não guarda ressentimento nem se alegra com a infelicidade das outras pessoas” (1Co 13:5-6, CH). Clara Barton, fundadora da Cruz Vermelha norte-americana, ouviu a seguinte pergunta: “Você não se lembra daquela coisa ruim que aquela mulher lhe disse?”. A resposta dela foi: “Eu não apenas não me lembro, como claramente me lembro de ter esquecido”.

Se a ofensa é de uma natureza mais séria e você não sente que seria justo deixá-la para trás, então o passo seguinte é ir até o ofensor e falar com ele sobre isso (Mt 18:15). Se ele se arrepender, então você deve perdoá-lo. “Se pecar contra você sete vezes no dia, e sete vezes voltar a você e disser: ‘Estou arrependido’, perdoe-lhe” (Mt 17:4). É certo que devemos estar dispostos a perdoar indefinidamente. Afinal de contas, fomos e somos perdoados incontáveis vezes.

Perceba que você não deve sair e contar a todo mundo a falha do ofensor (que é o que quase sempre fazemos). “Vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro” (cf. Mt 18:15). A estratégia óbvia é manter essas diferenças no âmbito mais restrito possível.

Tão logo o irmão ofensor confesse, você deve dizer-lhe que está perdoado. Você já o perdoou em seu coração, mas agora pode ministrar-lhe o perdão.

Suponha, porém, que ele se recuse a arrepender-se. Então, de acordo com Mateus 18:16, “leve consigo mais um ou dois outros, de modo que ‘qualquer acusação seja confirmada pelo depoimento de duas ou três testemunhas’”.

Se ele se recusar a ouvir as duas outras testemunhas, então o assunto deve ser levado à congregação local de cristãos. O propósito em tudo isso não é gerar rancor ou punição, mas restaurar o irmão que provocou a ofensa.

Se esse esforço final falhar, ele deve ser considerado pagão ou publicano. Em outras palavras, você não o trata mais como alguém da comunhão da igreja local. Uma vez que não está agindo como cristão, você o aceita de acordo com suas próprias ba-ses. Você o considera como um descrente. Mas, tão logo ele se arrependa, então você o perdoa, e a comunhão plena é restaurada.

Deus odeia um espírito não-perdoador, a determinação de levar o rancor à sepultura, a falta de disposição de deixar o passado para trás. Isso é

apresentado de maneira poderosa na parábola do servo impiedoso (Mt 18:23-35). Quando ele mesmo estava falido, foi perdoado pelo rei de uma dívida de 1 milhão. Mas, então, ele não se dispôs a perdoar outro servo que lhe devia centavos. A lição é clara. Uma vez que Deus nos perdoou quando tínhamos uma dívida impagável, devemos nos dispor a perdoar os outros que nos devem bagatelas.

Suportar ofensas sem retaliação. Mas existem outros aspectos do quebrantamento. Um deles é espírito humilde que sofre por fazer algo certo e não retalia. Aqui, naturalmente, nosso Senhor é o exemplo supremo que, "quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça" (1Pe 2:23). Todos nós fomos chamados a esse tipo de vida.

> Porque é louvável que, por motivo de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente. Pois, que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal? Mas se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus.
>
> 1Pedro 2:19-20

Em seu livro *From Grace to Glory* [Da graça para a glória], Murdoch Campbell nos lembra que a esposa de John Wesley transformou sua vida numa prova de fogo. Durante horas, ela literalmente o arrastava pela sala puxando-o pelos cabelos. E o fundador do metodismo nunca pronunciou uma palavra dura contra ela. Campbell acrescenta:

> Um piedoso ministro das Highlands era casado com uma mulher semelhante. Certo dia, sentou-se em sua sala para ler a Bíblia. A porta se abriu, e sua esposa entrou. Arrancou o livro dele e jogou-o no fogo. Ele olhou para sua face e, calmamente, fez este comentário: "Jamais me sentei ao lado de um fogo tão acolhedor". Foi uma resposta que afastou a ira dela e marcou o início de uma vida nova e cheia de graça. Sua Jezabel tornou-se uma Lídia. O espinho tornou-se um lírio.[2]

Um grande santo de Deus disse:

> É uma marca da mais profunda e mais verdadeira humildade vermo-nos condenados sem causa e sermos silenciados em razão disso. Ficar calado diante do insulto e da ofensa é uma nobre imitação do nosso Senhor. "Oh, meu Senhor, quando me lembro de quantas maneiras tu sofreste, sem que jamais merecesses isso, não sei onde estão meus sentidos quando me apresso a defender-me e eximir-me. Como poderia eu desejar que alguém falasse ou pensasse qualquer bem de mim, quando tantas coisas ruins foram pensadas e faladas de ti?".[3]

Pagar o mal com o bem. Um avanço adicional na vida de quebrantamento é não apenas suportar a ofensa pacientemente, mas recompensar toda ofensa com bondade.

> Não retribuam a ninguém mal por mal. Procurem fazer o que é correto aos olhos de todos... "Se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber. Fazendo isso, você amontoará brasas vivas sobre a cabeça dele". Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem.
>
> Romanos 12:17,20-21

Aqui, sou sempre lembrado do elefante que está sendo conduzido por seu dono por uma rua da Índia. O homem estava carregando um aguilhão metálico pontiagudo para manter o desajeitado animal em movimento. Então, seu proprietário deixou cair o aguilhão, o que provocou grande ruído. O paciente elefante virou-se, pegou o aguilhão com sua tromba e entregou-o a seu dono. Se os elefantes pudessem ser cristãos, este certamente o seria.

Honrar os outros acima de si mesmo. Essa é a marca do quebrantamento que estima os outros mais do que a si mesmo (Fp 2:3). Nós a vemos ilustrada num incidente da vida de Abrão (Gn 13:1-13). Ele e Ló haviam deixado o Egito e chegaram ao Neguebe e, dali, iriam para Betel, com suas famílias e bens. Os dois homens tinham grandes rebanhos de animais, e logo surgiu uma discussão entre seus empregados em relação à pastagem. Foi nesse ponto que Abrão apresentou a seguinte ideia: "Olhe, Ló, não vamos nos tornar inimigos por causa de alguns fardos de feno. Você fica com a pastagem que quiser, e eu levarei meus animais para outro lugar". Assim, Ló ficou com as exuberantes pastagens do vale do Jordão — ameaçadoramente próximas de Sodoma. O generoso Abrão foi mais adiante, para Canaã. E, assim, um santo do Antigo Testamento, vivendo do outro lado do Pentecoste, nos deu uma demonstração prática daquilo que Paulo quis dizer quando falou: "Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal. Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios" (Rm 12:10).

Obediência imediata. Mas isso não é tudo. Deus quer que sejamos quebrantados ao aceitar a sua vontade e obedecer a ela. O salmista diz isso de maneira concisa: "Não sejam como o cavalo ou o burro, que não têm entendimento mas precisam ser controlados com freios e rédeas, caso contrário não obedecem" (Sl 32:9).

A tendência de um cavalo impetuoso é começar antes do tempo, enquanto o burro simboliza a teimosia e a intransigência. Assim, temos os dois perigos ligados à vontade de Deus. É possível seguir adiante sem ter uma direção clara, correr sem ter sido mandado. Também é possível resistir deliberadamente à clara orientação do Senhor.

Jonas é um exemplo. Não havia dúvidas em relação àquilo que Deus queria que ele fizesse. Ele fora chamado para ir e pregar o arrependimento a Nínive. Mas, naquele momento, não estava quebrantado. Assim, ele entrou num navio que ia para a direção oposta. Somente depois de sua experiência aterrorizante no ventre do peixe é que sua vontade foi dobrada para que obedecesse. Só então prosseguiu para provar, finalmente, que a vontade de Deus é boa, agradável e perfeita (cf. Rm 12:2).

Temos um surpreendente retrato de quebrantamento no jumentinho que Jesus montou ao entrar em Jerusalém (Lc 19:29-35).Até aquele instante, nenhum homem havia montado aquele animal, e o esperado é que ele resistisse vigorosamente a qualquer tentativa de montaria. Mas, quando o Salvador se aproximou, ele experimentou um milagre de quebrantamento instantâneo. A vontade do jumentinho tornou-se completamente submissa à vontade de seu Criador.

Talvez seja mistura de metáforas introduzir barro numa discussão sobre quebrantamento, mas o barro nas mãos do oleiro é uma ótima descrição do que uma pessoa quebrantada é nas mãos do Senhor: maleável e responsiva à pressão de seus dedos.

A oração diária do santo submisso é refletida nas palavras do hino:

> Cristo, bom mestre, eis meu querer:
> tua vontade sempre fazer.
> Faze-me forte, pra resistir
> As duras provas que possam vir.
>
> Cristo, bom mestre, eis meu querer:
> mais santidade na vida ter.
> Faze-me puro, Cristo, Senhor,
> Mais dependente do teu favor.
>
> Cristo, bom mestre, eis meu querer:
> minhas fraquezas todas vencer.
> Faze-me pronto, para lutar,
> Para a vitória sempre alcançar.[4]

Morrer para a opinião pública. Existem muitos outros aspectos relacionados ao quebrantamento. Precisamos, por exemplo, ser levados ao ponto em que morremos para o aplauso ou as críticas do mundo. Depois de ser salvo, W. P. Nicholson ficou debaixo da tutela de um oficial do Exército de Salvação. Certo dia, o oficial lhe disse: “Se você quer realmente servir a Deus, use essa placa pendurada no pescoço por algumas horas no centro da cidade”. Numa placa enorme, estavam escritas as palavras “MORTO PARA A

OPINIÃO PÚBLICA". Essa experiência teve um profundo impacto sobre toda a vida de Nicholson, uma vida de serviço destemido a Cristo.

Confessar os pecados dos outros como se fossem seus. Precisamos chegar a um ponto tal de quebrantamento que confessemos os pecados do povo de Deus como se fossem nossos. Foi isso o que Daniel fez (Dn. 9:3-19). Ele não era pessoalmente culpado da maioria dos pecados que citou. Mas se identificou tão proximamente com o povo de Israel que os pecados dele se tornaram seu pecado. Nesse fato, ele naturalmente nos lembra aquele que "tomou sobre si nossos pecados e nossas enfermidades, tornando-as suas próprias". A lição para nós é que, em vez de criticar outros crentes e apontar um dedo acusador, devemos confessar os pecados deles como se fossem nossos.

Manter-se calmo durante as crises. Um aspecto final do quebrantamento envolve o equilíbrio e a tranquilidade nas crises da vida. Quando acontece um impedimento inevitável, a reação natural é gritar e espernear. As interrupções na rotina regular frequentemente provocam irritação e aborrecimento. Quebras mecânicas e acidentes — quão facilmente nos perturbam e até mesmo nos fazem explodir. Mudanças na agenda e desapontamentos têm a habilidade de extrair o pior que existe dentro de nós. O frenesi, a confusão, a ira e a histeria que todas essas coisas despertam são devastadores para o testemunho cristão, para dizer o mínimo.

O caminho do quebrantamento é manter-se tranquilo durante essas crises, sabendo que Deus controla todas as circunstâncias da vida de acordo com seus propósitos. O pneu furado pode ser uma bênção disfarçada, evitando que você tenha um acidente mais adiante na estrada. O visitante inesperado que interrompe o culto que você está prestando ao Senhor pode de fato representar um ministério mais importante do que aquilo que você está fazendo. O acidente, com todas as suas inconveniências, sofrimentos e gastos, pode levá-lo a entrar em contato com pessoas que foram preparadas pelo Espírito Santo para receber o evangelho. Em todas essas circunstâncias, o Senhor deseja nos ver reagindo imediatamente com calma em vez de com impaciência, com quebrantamento em lugar da rebelião.

Assim sendo, esses são alguns poucos exemplos do que significa quebrantamento. A lista é sugestiva, mas certamente não é exaustiva. À medida que caminharmos na comunhão com o Senhor, ele nos mostrará áreas de nossa vida individual nas quais precisamos ser quebrantados ao pé da cruz. Juntamente com tal revelação, ele nos dará a graça necessária.

> Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele.
>
> Filipenses 2:13

O QUE NÃO É QUEBRANTAMENTO

Depois de analisar alguns elementos do quebrantamento, devemos agora explicar rapidamente o que essa palavra não significa. Ela não significa que a pessoa se transformará no sr. Covarde, uma espécie de água-viva transparente e sem personalidade. Não significa que ela se torna uma nulidade ineficaz, exercendo pouca influência sobre os que estão ao seu redor. Torna-se, na verdade, o oposto. O quebrantamento é um dos melhores elementos de um caráter forte. Não é preciso seguir nenhuma disciplina para não ser quebrantado. Mas quanto autocontrole é exigido para ser semelhante a Cristo, uma vez que todos os instintos naturais se rebelam contra ele!

Pessoas quebrantadas são as que possuem o caráter mais persuasivo. Elas influenciam calmamente por meio da força irresistível de um exemplo diferente daquele que é apresentado pelo mundo. É um paradoxo, mas aqui está: “A tua mansidão me engrandeceu” (Sl 18:35, RC). Elas são capazes de sentir ira quando a ocasião o exige. Vemos isso na vida de nosso Senhor. Ele expulsou os cambistas do templo com um chicote de cordas. Mas o importante a notar aqui é que sua ira aflorou não por causa de qualquer coisa que lhe fora feita pessoalmente, mas porque a casa de seu Pai fora desonrada. Como se diz, “ele era um leão pela causa de Deus, mas um cordeiro no aspecto pessoal”. Muitos dos mártires e reformadores eram realmente quebrantados, mas dificilmente se diria que eles eram fracos ou que não exerciam influência.

CONFLITO DE GERAÇÕES

Uma das áreas mais difíceis nas quais exercer o quebrantamento parece ser a do relacionamento entre pais e filhos. Por algum estranho costume da natureza humana decaída, aparentemente somos mais desamorosos com aqueles que estão mais perto de nós. Muitas moças cristãs travam uma constante batalha consigo mesmas por causa da hostilidade que sentem por sua mãe. Do mesmo modo, muitos rapazes cristãos são bem pouco civilizados com seu pai na maior parte do tempo. Não se pode negar a existência de um abismo de gerações; de fato, ele é imenso. As pessoas mais jovens reclamam que seus pais não as entendem, que são repressivos, que não estão sintonizados com o momento atual. Contudo, a despeito de

tudo isso, muitos jovens se sentem culpados e envergonhados por aparentemente não conseguirem superar essas atitudes e agirem como cristãos para mudar de comportamento em relação a seus parentes. Eles percebem que é uma enorme derrota o fato de que possam ser tão bondosos e amistosos com seus colegas e até mesmo com outros adultos e, ainda assim, tão frios e mordazes em casa. Eles se odeiam por frequentemente desejar que seus pais estivessem mortos, mas quebrantar-se e confessar tal coisa é uma pílula difícil de ser engolida.

Não é por acaso que uma das dez leis básicas entregues por Deus à nação de Israel lide com essa área difícil e delicada das relações humanas: “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o SENHOR, o teu Deus, te dá” (Êx 20:12).

Paulo repete o mandamento no Novo Testamento: “Filhos, obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo. ‘Honra teu pai e tua mãe’ — este é o primeiro mandamento com promessa — ‘para que tudo te corra bem e tenhas longa vida sobre a terra’” (Ef 6:1-3).

Honrar os pais e obedecer-lhes significa não apenas fazer o que eles dizem, mas respeitá-los, ser bondoso para com eles e cuidar deles naquilo que for necessário. Paulo apresenta quatro razões: isso é justo, visa ao bem-estar dos jovens, é bíblico e promove uma vida plena.

Contudo, muitos rapazes e moças praticamente já se convenceram de que, embora isso possa ser possível em outros casos, simplesmente não é possível no caso deles. Seus pais são excessivamente dominadores, muito distantes.

Só é preciso haver quebrantamento. Significa ir até o pai e dizer: “Olhe, sinto muito por ser tão duro no relacionamento com você. Nunca lhe agradeci por tudo o que você fez por mim, mas quero fazer isso agora. Quero que você me perdoe por ter erguido muros de resistência entre nós. Pela ajuda de Deus, quero que as coisas sejam diferentes no futuro”.

A ilustração atemporal sobre a eliminação do abismo de gerações é a história do filho pródigo. No início, o ingrato mal podia esperar pela morte de seu pai; ele queria a herança naquele exato momento. Bem, ele a obteve e saiu para viver a vida.

Então, se seguiram as festas até tarde da noite, as bebidas, a boemia, as orgias sexuais e tudo o mais. Mas finalmente o dinheiro acabou, e o mesmo aconteceu com os amigos. A vida do gastador passou a ser de simples sobrevivência.

Ele começou a pensar nos servos que trabalhavam em sua casa, que estavam vivendo melhor que ele. Como fora tolo! Saiu de casa com o bolso cheio, mas agora voltava com ele vazio. Saiu exigindo justiça, mas voltava implorando misericórdia. Partiu com a cabeça erguida, mas voltou para casa se arrastando.

"Pai", disse ele, "pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho". Ele tinha a intenção de dizer mais coisas, de implorar por um trabalho de servo. Mas, naquele momento, o pai já estava expedindo ordens para os servos. Então, em pouco tempo, o filho foi vestido com uma nova roupa, um belo anel foi colocado em seu dedo, novos sapatos lhe foram dados, e ele estava sentado para desfrutar de um primoroso jantar no qual foi servido um novilho gordo com todos os acompanhamentos. A distância foi eliminada pelo quebrantamento. Mas o filho jamais teria conhecido o beijo de seu pai se não tivesse primeiramente se quebrantado em arrependimento e confissão.

Não há nada que corrija mais a atitude de hostilidade de uma pessoa do que a humilhação de precisar pedir desculpas como naquela situação. Da próxima vez que for tentado a agir com qualquer forma de desamor para com seu pai, ele rapidamente se lembrará da terrível vergonha de precisar se quebrantar, o que agirá como um poderoso dissuasor.

Conflito nos relacionamentos

Talvez a segunda área mais difícil na qual manifestar verdadeiro quebrantamento seja a do relacionamento entre marido e mulher. Mais uma vez, é uma questão de agir de maneira grosseira para com aquele que está mais perto de nós, ao mesmo tempo que se mostra charme e cortesia para com aqueles que mal conhecemos. É comum termos de confessar que somos demônios em casa e santos fora dela.

A Bíblia Sagrada é realista em prever a possibilidade de tensão no relacionamento conjugal. Pensamos especialmente em Colossenses 3:19: "Maridos, ame cada um a sua mulher e não a tratem com amargura".

A amargura que pode se desenvolver no marido em relação a sua esposa normalmente é tão profunda que ele se desespera com a simples ideia de superá-la. É muito comum que ele simplesmente desista e busque alívio por meio da separação ou do divórcio. Veja o caso de João e Maria. Logo em seu primeiro encontro, descobriram que foram feitos um para o outro. Durante os meses que se seguiram, estavam juntos em todas as

oportunidades. Depois de seis meses, ficaram noivos, e o casamento foi marcado para seis meses depois. Com o desenrolar dos acontecimentos, porém, eles se casaram quatro meses depois de seu noivado.

O casamento prosseguiu à medida que cada um desempenhava muito bem seu papel no pequeno jogo. No primeiro ano, tudo se desenrolou relativamente bem. Então, certo dia, tiveram uma discussão violenta, e Maria liberou todo o seu desrespeito suprimido por João por aquilo que havia acontecido antes do casamento deles. Ele pagou na mesma moeda. As paredes tremeram, e as janelas bateram. Depois disso, parecia que seu casamento estava em ruínas, sem nenhuma esperança. João descobriu que a amargura que sentia por sua esposa era maior do que o amor com o qual a amara (2Sm 13:15). Os amigos sugeriram que eles conversassem com um conselheiro cristão, o que fizeram. Contudo, lá no fundo, eles estavam mais firmes e resolutos que as portas de um castelo.

Por fim, João pediu o divórcio. Mas, antes que o caso chegasse ao tribunal, um amigo cristão o desafiou a tentar o caminho do quebrantamento. A esposa daquele amigo foi até Maria ao mesmo tempo, levando a mesma mensagem. Por que não se quebrantar diante do Senhor e diante um do outro? Por que não colocar o passado debaixo do sangue de Cristo e tentar um recomeço?

Eles fizeram isso. Foi a coisa mais difícil que já haviam feito. Mas eles se uniram e fizeram uma confissão completa. Não houve restrições nem autodefesa. Foi a confissão mais direta que alguém poderia desejar. Os dois aceitaram a responsabilidade por sua parte no pecado antes do casamento. Depois de uma confissão cheia de lágrimas ao Senhor, eles fizeram um pacto de que jamais voltariam a censurar um ao outro por aquele pecado. Clamaram pela promessa de Deus de que seriam perdoados (1Jo 1:9). Alegremente, perdoaram um ao outro por tudo. E ambos decidiram que cada um deveria perdoar a si mesmo. Quando se levantaram, depois de terem orado ajoelhados, um enorme fardo fora tirado. Eles perceberam que ainda haveria um período de ajustes, mas o cogumelo nuclear da amargura e do conflito havia se dissipado. Eles perceberam a necessidade de contínuo quebrantamento sempre que surgissem futuros problemas em seu lar.

Meses depois, João colocou de lado o jornal da noite e comentou como era estranho que as pessoas gastassem tempo e dinheiro com psicólogos e conselheiros matrimoniais e tentassem qualquer forma de “tratamento”

caro, deixando de lado, porém, o quebrantamento. Sem o quebrantamento, as outras coisas eram profundamente ineficazes.

O Senhor quer que sejamos quebrantados não apenas nos relacionamentos familiares, mas em todas as áreas da vida. Ele lutará conosco como lutou com Jacó em Peniel. Ele tentará nos livrar do orgulho, da vontade própria, de um espírito não perdoador, da teimosia, da fofoca, da calúnia, do materialismo, da impureza, da ira, de toda obra da carne. Ele quer que mudemos nosso nome de Jacó para Israel, de trapaceiro para governante, de maquinador impotente para aquele que tem poder junto a Deus e aos homens. Ele lutará conosco até o nascer do dia e deslocará nossa coxa. Então viveremos o resto da vida com o defeito de um homem quebrantado que Deus pode usar.

Deus deseja que sejamos inculpáveis. Nenhum de nós está sem pecado, mas todos nós podemos ser inculpáveis. Uma pessoa inculpável é aquela que, quando comete algum erro, é rápida em corrigi-lo. Ela não deixa que o sol se ponha sobre sua ira. Ao confessar e pedir perdão, mantém abertas as linhas de comunicação com Deus e com os outros homens. O ancião ou presbítero da igreja local deve ser inculpável (1Tm 3:2), bem como todos os outros crentes.

Pense nos resultados

Pense no impacto causado em nossa vida pessoal, em nosso lar, em nossa igreja local e no mundo dos negócios se todos nós fôssemos quebrantados como deveríamos ser.

Em nossa própria vida, isso significaria um poder maior, mais felicidade e melhor saúde. Os homens que causam o maior impacto espiritual sobre os outros são aqueles que estão no mesmo jugo com Cristo na mansidão e na humildade. São aqueles que encontram satisfação e descanso no serviço do Senhor. O que é bom para nós no aspecto espiritual também é bom para nossa saúde física. O *British Medical Journal* publicou certa vez que “não existe um único tecido do corpo humano que esteja totalmente separado do espírito”. O dr. Paul Tournier nos fala de uma paciente que sofreu de anemia por meses. Então, a doença desapareceu misteriosamente, e seu sangue se normalizou outra vez. A investigação revelou que ela tivera uma crise espiritual, a saber, fora perdoada de um prolongado ressentimento.[5] Sim, o quebrantamento é bom para a saúde.

Pense num lar onde os membros possuem um bom relacionamento. É claro que existem diferenças de tempos em tempos, mas eles não guardam rancor. A família aprendeu a santa arte de beijar e fazer as pazes. Esse é o tipo de lar no qual Jesus se alegra em estar.

Na congregação local, o quebrantamento é o caminho para o reavivamento. É uma lei estabelecida no reino espiritual que as lágrimas do quebrantamento são o prelúdio das chuvas de bênçãos. Geralmente tentamos todas as demais coisas antes — novos prédios, novas campanhas, novos métodos —, mas Deus está desejoso de arrependimento e humilhação. Quando nos arrependermos, as bênçãos fluirão.

> Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar, buscar a minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra.
>
> 2Crônicas 7:14

Pense no impacto que os cristãos teriam em seus negócios se exibissem quebrantamento. Os homens do mundo não são quebrantados e gostam de impor sua força sobre aqueles que são como eles. Mas ficam confusos quando deparam com alguém que não reage com ira, que admite o erro e pede desculpas, que exibe a graça do Senhor Jesus. É esse tipo de vida sobrenatural que fala alto e bom som por Cristo na briga de foice dos negócios de hoje.

SENHOR, QUEBRANTA-ME!

Alguns anos atrás, numa reunião de oração por missões, ouvi um jovem cristão fervoroso orar assim: “Senhor, quebranta-me!”. O pedido me comoveu. Até aquele momento na minha vida, eu jamais fizera aquela oração. E não tinha certeza de que estava pronto para orar daquele modo naquele momento. Mas aquelas palavras, transbordando do coração daquele jovem discípulo, despertaram-me para uma tremenda necessidade de quebrantamento em minha própria vida. Elas me fizeram entender que esta era uma área profundamente vital no reino espiritual. Agora, elas se tornaram a constante oração de um espírito ansioso: “Senhor, quebranta-me!”.

Bibliografia

BLAIR, J. Allen. *Living Patiently*. Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, S.D., 1966.

CABLE, Milred & FRENCH, Francesca. *Ambassadors For Christ*. Chicago: Moody Press, s. d.

CAMPBELL, Murdoch. *From Grace to Glory*. London: Banner of Truth Trust, 1970.

CREATION REVEALED. London: Pickering & Inglis Ltd., 1964.

ELLIOT, Elisabeth. *Shadow of the Almighty*. New York: Harper & Brothers, 1958.

GROVES, A. N. *Christian Devotedness*. Kansas City: Walterick Publishers, 1975.

GRUBB, Norman. *Charles T. Studd: De desportista campeão a missionário pioneiro*. Curitiba: Luz e Vida, 1996.

GUSTAFSON, Wesley L. *Called But Not Going*. Chicago: IVCF Press.

HOPKINS, H. A. Evan. *Henceforth*. Chicago: IVF, 1954.

LANG, G. H. *Anthony Norris Groves*. London: The Paternoster Press, 1949.

LENSKI, R. C. H. *St. Paul's Epistles to the Galatians, Ephesians & Philippians.* Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1937.

MACKINTOSH, C. H. *Genesis to Deuteronomy*. Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1972.

_____. *Genesis to Deuteronomy*. Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1976.

The Mackintosh Treasury, Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1976.

MURRAY, Andrew. *Permanecei em Cristo*. Belo Horizonte: Tesouro Aberto, 2007.

RYLE, J. C. *Practical Religion,* London: James Clarke & Co. Ltd., 1959.

TOURNIER, Paul. *A Doctor's Casebook in the Light of the Bible*, trad. Edwin Hudson. New York: Harper and Brothers, 1960.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opiniao-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>

1 H. A. Evan HOPKINS, *Henceforth*, p. 20.

2 Este texto de Moule aparece traduzido sem preocupação com a métrica: Meu Vencedor glorioso, Príncipe divino, segura em Tuas mãos submissas, servas felizes do trono do Salvador, que afinal meu querer é Teu inteiramente. Em: <http://jobermusicbrasil.vilabol.uol.com.br/odiscipuladoverdadeiro.htm>.

1 “Men of His Right Hand”, *Witness Magazine*.

2 Norman GRUBB, *C. T. Studd*, p. 64.

3 Elisabeth ELLIOT, *Shadow of the Almighty*, p. 246.

4 *Christian Devotedness*, p. 26-27.

5 G. H. LANG, *Anthony Norris Groves*, p. 54.

6 *Christian Devotedness*, p. 35.

1 Norman GRUBB, *C. T. Studd*, p. 36.

2 Elisabeth ELLIOT, *Shadow of the Almighty*, p. 58-59.

3 Citado por Billy Graham em “Mission Commitment, Part 1” [Compromisso missionário], mensagem proferida na conferência da InterVarsity Christian Fellowship em Urbana, IL, 1957. Tema da conferência: Um Senhor, uma igreja, um mundo.

4 *Practical Religion*, p. 130.

1 *Genesis to Deuteronomy*, p. 498.

1 <http://edicao47.blogspot.com/2008_02_28_archive.html> acesso em 09 de jun. de 2009.

1 Citado em *The Prairie Overcomer*, p. 81.

1 Artigo de Gordon Arnold Lonsdale publicado na revista *Time*.

2 Wesley L. GUSTAFSON, *Called But Not Going*, p. 10.

3 CABLE & FRENCH, *Ambassadors For Christ.*

1 Elisabeth ELLIOT, *Shadow of the Almighty*, p. 240.

1 Música “Deus não deseja que o homem se perca”, tradução da classe de Arranjo e Composição do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, publicada na cantata: *Eu vos envio.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1972.

1 Frederick A. FILBY, citado em *Creation Revealed*, p. 126.

2 Samuel Cox, *St. Paul and His Converts.*

3 J. C. RYLE, *Practical Religion.*

1 J. R. MILLER, “Come Ye Apart”, *New Englander and Yale Review.*

1 R. C. H. LENSKI, *St. Paul's Epistles to the Galatians, Ephesians & Philippians*, p. 588.

2 P. 149.

3 J. Allen BLAIR, *Living Patiently*, p. 353-354.

4 Adelaide Addison Pollard, trad. de William Edwin Entzminger, Hino 369 do *Hinário para o culto cristão.* Há outra tradução desse mesmo hino, no Hinário adventista, Hino 287, da Casa Publicadora Brasileira.

5 Paul TOURNIER, *A Doctor's Casebook in the Light of the Bible.*



Em seus passos o que faria Jesus

Sheldon, Charles M.
9788573256925
280 páginas

Compre agora e leia

Em seus passos o que faria Jesus? narra as profundas mudanças ocorridas quando um pastor desafia sua comunidade a praticar a fé em Jesus Cristo. À medida que aceita o desafio, coisas incríveis acontecem em sua vida e na vida dos que o rodeiam. A pergunta "o que Jesus faria em meu lugar" passa

a orientar todas as ações desse grupo, causando uma reviravolta sem precedentes. Escrito por Charles M. Sheldon e publicado pela primeira vez em 1896, Em seus passos o que faria Jesus? tornou-se rapidamente um best-seller mundial. Estima-se que, apenas em inglês, suas vendas superaram os 50 milhões de exemplares. Leitores de todo o mundo continuam a surpreender-se com o desafio proposto há mais de um século.

Compre agora e leia



É seu filho, não um hamster- Reduza o estresse na educação das crianças

Leman, Kevin
9788573258356
249 páginas

Compre agora e leia

A maior alegria dos pais é ver os filhos bem-sucedidos em seus projetos. Infelizmente, muitos deles acham que seu dever se resume a treiná-los para

a roda da vida, esquecendo que a maior herança deixada não é um farto saldo bancário, mas aquela compartilhada no dia a dia. É seu filho, não um hamster nos mostra que, no caminho para uma vida de sucesso, os filhos precisam mais dos pais do que de treinadores. A questão central apresentada por Kevin Leman é levar pais e mães a entenderem até onde compensa sobrecarregar os filhos com tantas atividades. Embora o assunto seja sério e árduo, Leman trata do tema de forma agradável e levemente divertida. Viva uma experiência libertadora, ao compreender que seus filhos não são hamsters que correm dentro da rodinha em uma gaiola, e sim pessoas que querem e precisam de você.

Compre agora e leia



Transforme seu adolescente até sexta: conquiste o respeito, a confiança e o coração de seu filho em cinco dias

Leman, Kevin
9788573258271
245 páginas

Compre agora e leia

Anos de amor, carinho e atenção. Tempo e esforço dedicados a educar, formar caráter e ensinar boas maneiras. Os filhos pequenos são verdadeiros anjos em nossas vidas. De repente, os anjinhos entram em ebulição de hormônios, e todos os anos de educação e amor parecem ter sido em vão. Mas tudo pode voltar aos bons tempos em apenas uma semana. A adolescência é a fase mais difícil na vida de todo mundo, mas "esse tempo vai desaparecer mais rápido que areia numa ampulheta, então por que não tirar vantagem dele?" é a proposta do dr. Kevin Leman nesta obra. Viva a adolescência de seus filhos sabendo exatamente como agir e, em uma semana, todos em sua casa estarão lidando sem dor ou estresse com esta fase tão importante da vida.

Compre agora e leia



S.O.S dos pais - 500 dicas para educar sem enlouquecer

Poli, Cris
9788543300450
163 páginas

Compre agora e leia

Cris Poli dá uma importante contribuição para que os pais ou responsáveis adquiram ferramentas para a complexa e árdua missão de educar os filhos.

- Augusto Cury

Pais e mães sofrem por não saber como agir em diversas situações que envolvem os filhos. Seja pela inexperiência dos primeiros anos de paternidade, seja pelo estresse da rotina diária, o fato é que episódios aparentemente simples podem se transformar numa grande dor de cabeça. ""S.O.S. dos pais - 500 dicas para educar sem enlouquecer foi escrito por Cris Poli, para ajudar pais e mães a resolver questões que surgem com a chegada dos filhos ou aquelas situações estressantes do dia a dia da família, como disciplina, relacionamento, educação, saúde, alimentação, sexualidade e tecnologia. Faça dele seu livro de cabeceira e você poderá evitar muitos problemas.

Como todo S.O.S., o objetivo deste livro é oferecer socorro imediato, para que, se necessário, você tenha tempo de buscar, sem angústia e com paz no coração, esclarecimentos mais completos.

As questões abordadas poderão ajudar você a compreender melhor ou a minimizar situações de conflito do dia a dia provocadas por comportamentos ou hábitos não saudáveis adquiridos por seus filhos. O formato de pergunta e resposta foi escolhido justamente para que você encontrasse rapidamente o socorro de que precisa, no momento exato.

Cris Poli é especialista em educação e comportamento infantil. Ministra palestras e é autora de diversos livros, dentre eles "Pais responsáveis educam juntos" e ""Pais admiráveis educam pelo exemplo, ambos publicados pela Editora Mundo Cristão.

Compre agora e leia



Novo casamento… Novos filhos - O desafio de unir a família

Leman, Kevin
9788543300320
62 páginas

Compre agora e leia

O primeiro casamento ficou muito abaixo de suas expectativas e você, mais do que ninguém, quer que agora dê certo. Poderá dar (e esperamos que dê),

mas para isso você precisa reconstituir sua família.

Admita: pensar sobre a integração de seus novos filhos sob o mesmo teto já o faz perder o sono. E os desafios não param aí. Você precisa juntar os cacos emocionais e lidar com questões difíceis, como as relacionadas com a disciplina, a ira e a incompreensão, além dos sentimentos de perda e traição.

Nessas horas, nada como ter ao lado um experiente conselheiro que já auxiliou milhares de homens e mulheres a enfrentarem desafios semelhantes ao seu. E, sabendo que você não tem muito tempo, Kevin Leman separou o que é essencial para quem, como você, esté em busca de uma nova e bem-sucedida experiência familiar.

Compre agora e leia